



MERCADO DO DERBY

**REQUALIFICAÇÃO
ARQUITETÔNICA DA SEDE
DO COMANDO GERAL DA
POLÍCIA MILITAR DE
PERNAMBUCO
RECIFE PE**

BRUNO PASCAL MONTEIRO

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

BRUNO PASCAL MONTEIRO

**MERCADO DO DERBY: Requalificação arquitetônica da
sede do Comando Geral da Polícia Militar de Pernambuco,
Recife - PE**

RECIFE
2020

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

M775m Monteiro, Bruno Pascal.
Mercado do Derby: requalificação arquitetônica da sede do
Comando Geral da Polícia Militar de Pernambuco / Bruno Pascal
Monteiro. - Recife, 2020.
147 f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Henrique Cabral Valadares.
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Arquitetura e
Urbanismo) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2020.
Inclui bibliografia.

1. Arquitetura. 2. Preservação cultural. 3. Requalificação
arquitetônica. 4. Patrimônio arquitetônico. I. Valadares, Pedro
Henrique Cabral. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

72 CDU (22. ed.)

FADIC (2020.1-803)

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Bruno Pascal Monteiro

**MERCADO DO DERBY: Requalificação arquitetônica da
sede do Comando Geral da Polícia Militar de Pernambuco,
Recife - PE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial
para a Graduação no Curso de Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação
do Prof. Dr. Pedro Henrique Cabral Valadares.

RECIFE
2020

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Bruno Pascal Monteiro

**MERCADO DO DERBY: Requalificação arquitetônica da
sede do Comando Geral da Polícia Militar de Pernambuco,
Recife - PE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial
para a Graduação no Curso de Arqui-
tectura e Urbanismo, sob a orientação
do Prof. Dr. Pedro Henrique Cabral
Valadares.

Aprovado em ____ de julho de 2020

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ms. Márcia Maria Vieira Hazin – ESUDA

(Examinadora Externa)

Profa. Dr.a Mércia Carréra – FADIC

(Examinadora Interna)

Prof. Dr. Pedro Henrique Cabral Valadares – FADIC

(Orientador)

Recife

2020

Dedico primeiramente aos meus pais, Carmen e Ricardo e a minha família, por me proporcionar experiências inesquecíveis, por compreender as mudanças que me ocorreram ao longo do tempo e acreditar em mim independente de tudo. Dedico aos amigos que fiz neste percurso, amigos estes que me ensinaram tanto em conversas e projetos compartilhados e que levarei à vida. Dedico às mentoras e mentores, professoras e professores e chefes pela paciência e disposição às dúvidas ao longo dos ensinamentos, por me dar oportunidades me mostrando a grandeza da profissão e que lapidaram o arquiteto que me tornei. Dedico a Pedro, por toda orientação e paciência ao longo deste trabalho e curso, mais que um orientador é um grande amigo que a faculdade me apresentou, dedico a Marco pelo mote inicial do projeto e a Gena por anos de trabalho e amizade. Por fim, dedico à arquitetura, esta arte que me apaixonei logo cedo e que serei eternamente grato por tudo que me trouxe.

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma proposta de requalificação do edifício que atualmente abriga o Comando Geral da Polícia Militar de Pernambuco, localizado entre a Praça do Derby e o Rio Capibaribe. Tal iniciativa se baseia na ideia que a implementação do projeto Parque Capibaribe, que visa oferecer áreas de contemplação e lazer às margens do rio, teria mais consistência se houvesse uma integração com a Praça do Derby, um dos mais importantes espaços públicos da cidade. Porém, o edifício que abriga o Quartel dificulta esta pretensa integração, visto que, embora seja uma instituição pública, seu uso não permite o acesso público condizente com a proposta dos espaços que se pretende integrar. Desta forma, com base nas principais teorias da preservação do patrimônio cultural e em casos exemplares de intervenção, propõe-se a mudança de uso do palácio eclético para abrigar um novo conceito de Mercado, de amplo acesso público, ao passo em que dialoga com a histórica do local, visto que ali existiu o Mercado Modelo Coelho Sintra, considerado o primeiro shopping do Brasil.

Palavras chave: arquitetura, preservação cultural, requalificação arquitetônica, patrimônio arquitetônico

ABSTRACT

The present work presents a proposal for the requalification of the building that currently houses the General Command of the Military Police of Pernambuco, located between Praça do Derby and Rio Capibaribe. This initiative is based on the idea that the implementation of the Parque Capibaribe project, which aims to offer areas of contemplation and leisure on the banks of the river, would be more consistent if there were an integration with Praça do Derby, one of the most important public spaces in the city. However, the building that houses the Barracks makes this alleged integration difficult, since, although it is a public institution, its use does not allow public access consistent with the proposal of the spaces to be integrated. In this way, based on the main theories of the preservation of cultural heritage and in exemplary cases of intervention, it is proposed to change the use of the eclectic palace to house a new concept of Market, with wide public access, while dialoguing with the history of the place, since there was the Mercado Modelo Coelho Sintra, considered the first mall in Brazil.

Key words: architecture, urban planning, cultural preservation, requalification, architectural heritage

A função atemporal da arquitetura é criar metáforas existenciais para o corpo e para a vida que concretizem e estructurem nossa existência no mundo. A arquitetura reflete, materializa e torna eternas as ideias e imagens da vida ideal. As edificações e cidades nos permitem estruturar, entender e lembrar quem somos. A arquitetura permite-nos perceber e entender a dialética da permanência e da mudança, nos inserir no mundo e nos colocar no continuum da cultura e do tempo.

Juhani Pallasmaa

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 01: Hotel do Derby, 1889 | 19 |
| Figura 02: Mercado Coelho Cintra, Centro Comercial do Derby, 1899 | 21 |
| Figura 03: Quartel General da Força Pública, 1928 | 23 |
| Figura 04: Quartel do Derby, 2017 | 25 |
| Figura 05: Mapa eixos viários | 29 |
| Figura 06: Imagem aérea Conjunto do Derby | 30 |
| Figura 07: Imagem aérea Conjunto do Derby, equipamentos culturais | 32 |
| Figura 08: Vista de Amalfi, 1844 | 38 |
| Figura 09: Castelo de Pierrefonds destruída | 42 |
| Figura 10: Castelo de Pierrefonds após restauro | 42 |
| Figura 11: Vista setecentista do Canal Grande, Veneza | 45 |
| Figura 12: Antes e depois da intervenção de Boito | 45 |
| Figura 13: Antes e depois da intervenção de Boito | 46 |
| Figura 14: Escada realizada na intervenção, Veneza | 46 |
| Figura 15: Atual Palazzo de Cavalli Franchetti, Veneza | 47 |
| Figura 16: Chiesa dei Santi Angeli, Roma | 50 |
| Figura 17: Capa do livro Teoría Contemporánea de la Restauración, Edição 2004 | 60 |
| Figura 18: A evolução dos objetos de conservação | 63 |
| Figura 19: Interior da Igreja de Vught, Holanda, 2019 | 71 |
| Figura 20: Interior da Igreja de Vught, Holanda, 2019 | 72 |
| Figura 21: Vista aérea do então Quartel do Exército, 1996 | 80 |

| | |
|---|-----|
| Figura 22: Vista aérea do então Quartel do Exército, 1996 | 82 |
| Figura 23: Fachada frontal do Shopping Curitiba, 2019 | 83 |
| Figura 24: Praça interna do Shopping Curitiba | 84 |
| Figura 25: Interior do Shopping Curitiba | 85 |
| Figura 26: Interior do Shopping Curitiba | 86 |
| Figura 27: Fachada Frontal Museu da História Militar | 88 |
| Figura 28: Plataforma Extensão | 89 |
| Figura 29: Maquete Volumétrica | 91 |
| Figura 30: Fachada Frontal Museu da História Militar de Dresden | 92 |
| Figura 31: Fachada Frontal Museu da História Militar de Dresden | 93 |
| Figura 32: Vista interna Museu da História Militar de Dresden | 93 |
| Figura 33: Vista interna Museu da História Militar de Dresden | 94 |
| Figura 34: Distribuição Proporcional Mercado do Derby | 101 |
| Figura 35: Distribuição Espacial Mercado do Derby | 102 |
| Figura 36: Museu Guggenheim Bilbao, Frank Gehry | 104 |
| Figura 37: Construção da forma da clarabóia | 107 |
| Figura 38: Inserção da clarabóia | 108 |
| Figura 39: Perspectiva isométrica coberta | 109 |
| Figura 40: Jardim do Baobá | 127 |
| Figura 41: Jardim do Baobá | 127 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| 1. INTRODUÇÃO | 11 |
| 2. O EDIFÍCIO | 15 |
| 2.1 Mercado Modelo Coelho Cintra: o Derby de Delmiro Gouveia | 16 |
| 2.2 Quartel do Comando Geral da Polícia Militar, PE | 22 |
| 2.3 Conjunto do Derby: O edifício no tecido urbano | 28 |
| 3. A TEORIA | 34 |
| 3.1 Teorias Tradicionais | 37 |
| 3.1.1 Fatalismo passivo e o intervencionismo ativo | 37 |
| 3.1.2 Restauradores, científicos e críticos | 43 |
| 3.2 Teorias Contemporâneas | 58 |
| 3.2.1 A morte do fim | 59 |
| 3.2.2 A construção sobre a construção | 64 |
| 4. A PROPOSTA | 75 |
| 4.1 Casos exemplares | 79 |
| 4.1.1 O caso do Shopping Curitiba, Brasil | 80 |
| 4.1.2 O caso do Museu da História Militar, Dresden, Alemanha | 86 |
| 4.2 Aspectos legais, normativos e recomendativos | 95 |
| 4.3 O Mercado do Derby | 97 |
| 4.4 O diálogo com o Parque Capibaribe | 126 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 138 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 143 |
| APÊNDICE A - Proposta Mercado do Derby | 148 |

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de estudo o atual Quartel do Comando Geral da Polícia Militar de Pernambuco, na cidade do Recife. Insere-se na área da conservação do patrimônio arquitetônico, pois o edifício em questão é um bem tombado a nível estadual pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Pernambuco, além de estar localizado no perímetro de proteção da Praça do Derby, bem tombado a nível federal pelo Instituto do Patrimônio Artístico Nacional. Busca compreender as transformações urbanas que ocorreram na área onde está localizado o Quartel, um dos centros mais relevantes da metrópole, o bairro do Derby. O edifício histórico, que está localizado num ponto estratégico, tem um potencial urbanístico e turístico de grande relevância, podendo se tornar um catalisador cultural e econômico para todo o entorno. Neste trabalho, será possível compreender as mudanças urbanas que aconteceram neste terreno ao longo da história, percorrendo a linha do tempo do bairro desde o início com o antigo Mercado Modelo Coelho Cintra, de Delmiro Gouveia, aos dias atuais com o Parque Capibaribe. Utiliza das teorias da preservação do patrimônio cultural desde os primeiros ensaios realizados no século XIX às teorias contemporâneas. A finalidade foi a proposta de requalificação do palácio que abriga o Quartel do Derby, proporcionando um equipamento cultural que une a preservação do edifício com o desenvolvimento urbano ao Recife.

A região onde está localizado o atual quartel é o ponto de confluência dos maiores eixos viários da cidade, é no Derby que se cruzam o eixo norte-sul, que conecta a cidade de Olinda à zona sul do Recife, e o eixo leste-oeste, que liga o interior do estado ao centro histórico da capital pernambucana. Trabalha-se com a hipótese de que uma ação interventora no edifício do Quartel contribuirá para a sua preservação e mobilidade urbana da área em questão, pois o edifício

interrompe com um dos equipamentos urbanos que está em processo de execução, o Parque Capibaribe. A proposta arquitetônica consiste em atrair o público ao edifício através da exuberância da arquitetura e o patrimônio histórico, pois o quartel é um belo exemplar do estilo eclético recifense. O turismo como forma de catalisador econômico proporcionará uma elevação na economia local com o grande número de pessoas que passarão a utilizá-lo. A proposta busca agregar elementos da arquitetura contemporânea ao edifício histórico a partir de um debate sobre urbanismo e patrimônio cultural.

A mudanças físicas que ocorrem na cidade alteram o contexto do que foi construído, com isso o objetivo geral é compreender tal mudança e realizar uma proposta que adapte o patrimônio aos novos investimentos que estão ocorrendo em seu entorno, buscando agregar ao Parque Capibaribe um equipamento cultural que proporcionará uma conexão entre a Praça do Derby e a margem do rio Capibaribe. Para isso, aos objetivos específicos, será proposto o Mercado do Derby, um projeto que une o patrimônio histórico, a arquitetura contemporânea e a gastronomia. Para isso, foi feito um levantamento histórico da área e um bibliográfico das teorias da conservação através de pesquisas em livros, artigos e documentos históricos, chegando num produto final que é converter o edifício que abriga o atual quartel em um equipamento cultural à cidade.

O método de abordagem utilizado foi o hipotético-dedutivo, e os procedimentos foram o histórico de pesquisa e casos exemplares que contribuíram para embasar a proposta, chegando no produto apresentado. Foram levados em consideração as teorias dos nomes mais relevantes da conservação do patrimônio histórico, expondo seus pensamentos em ordem cronológica, desde John Ruskin à Francisco

de Gracia. O trabalho encontra-se dividido em seis capítulos, sendo o primeiro a Introdução. No segundo capítulo será abordado todo o histórico do prédio, desde os primeiros movimentos populares culturais, percorrendo o antigo Mercado Modelo Coelho Cintra e o Hotel do Derby, ao atual quartel que foi construído à Força Pública no início do século XX aos dias atuais. O terceiro capítulo consiste na apresentação das teorias da conservação do patrimônio histórico, dando início no final do século XIX com as primeiras teorias de John Ruskin e Viollet-le-Duc, percorrendo os sucessores do século XX, chegando até as teorias contemporâneas do século XXI. No quarto capítulo, apresenta a proposta de requalificação arquitetônica, conectando tudo que foi desenvolvido nos capítulos anteriores. O quinto capítulo encontram-se as Considerações Finais. Por fim, as Referências Bibliográficas.

CAPÍTULO 2. O EDIFÍCIO

2.1 Mercado Modelo Coelho Cintra: o Derby de Delmiro Gouveia

A campina onde hoje é conhecido o bairro do Derby já foi um local de grandes cenários durante o período colonial e imperial. O sítio foi palco das batalhas de resistência durante a insurreição pernambucana no século XVII contra o domínio flamengo e de expressões culturais do século XIX em diante. Os anos passam, as guerras acabam, os tempos mudam e no fim do século XIX, no ano de 1888, instalou-se na campina um prado para corridas de cavalos e a área foi nomeada de Derby. No ano da abolição, a cidade do Recife assiste o surgimento do Derby Club, um velódromo com arquibancadas para 1800 pessoas, botequins, restaurantes e salões para sócios. O esporte se populariza e se torna um grande lazer da aristocracia pernambucana por uma década. Com o surgimento de outros hipódromos espalhados pela cidade, o Derby se tornou um local sem uso, atraindo a atenção de um investidor cearense informado sobre o que havia de moderno pelo mundo. Delmiro Gouveia, importante empresário do país, comprou o antigo Derby Club e ali propôs, em parceria com a prefeitura, um mercado inspirado no projeto de Ives Cobb, o *Fisheries Building* que ele havia visto em sua última viagem à Exposição Universal de Chicago, nos Estados Unidos, e, junto com o mercado, propôs também a consolidação do processo de urbanização do então bairro do Derby.

Delmiro inspirava modernidade, apaixonado por tecnologia e filântropo por natureza, trouxe ao Recife o primeiro shopping do Brasil, construído em 1899. O edifício contava com luz elétrica, o que estendia o horário de funcionamento das lojas, água encanada, esgotamento sanitário, banheiros revestidos com mármore e preços inferiores aos que haviam nos mercados concorrentes. Em frente ao edifício, Delmiro restaurou o antigo velódromo, com 400 metros de pista, e as

arquibancadas, além de instalações para bares, restaurantes, espaços para jogos, desembarque de veículos de transporte público à tração animal. O empreendimento, de 129 metros de comprimento por 28 de largura possuía 18 portões e 112 janelas, foi um grande sucesso e em poucos dias já havia se tornado um grande ponto de compras da sociedade recifense da época, no local haviam 264 lojas onde se vendiam alimentos, gelo, artigos para fumantes, roupas, calçados, tecidos das diversas qualidades, abrigava também uma filial de uma livraria francesa, perfumarias, lojas de louças e artefatos dos mais diversos.

Em 1898, atento à decadência desse esporte entre nós, Delmiro Gouveia procura sediar ali o seu sonho de dotar o Recife de um mercado público moderno, tal qual vira em Chicago numa de suas viagens de empresário atento ao giro dos negócios no mundo, e arremata as instalações do decaído Derby Club para, logo em seguida, com o apoio do prefeito José Cupertino Coelho Cintra, promover a urbanização definitiva do bairro, edificando um arrojado shopping center popular, com luz elétrica, água encanada, esgotamento sanitário, boxes revestidos de mármore e preços inferiores ao da concorrência, virtudes urbanas que vinham-se aliar o ajardinamento da área fronteira à fachada do prédio (de Mello, Frederico Pernambucano, Conselheiro e Presidente da Câmara de Patrimônio Histórico e Artístico, Processo de Tombamento nº 0430/92)

Além das mais diversas lojas, o centro comercial também era um ótimo ponto para negócios de todos os tipos, atraindo empresários e investidores do mundo todo, como descreve a escritora norte americana Marie Robinson Wright, em seu livro *The New Brazil: Its Resources and Attractions - Historical, Descriptive and Industrial*, de 1901, onde contou as potencialidades econômicas brasileiras:

Muitos estrangeiros visitam o porto de Pernambuco todo ano, e não é raro ver meia dúzia de nacionalidades representadas nos hotéis de seus atraentes subúrbios, especialmente no Derby, que é um dos mais pitorescos lugares que se pode imaginar, com bonitas casas, sombras de arvoredos, leve movimento das águas do rio, pequenas pontes artísticas semi-enterradas na vegetação das margens, e canoas alegremente pintadas deslizando na superfície da água. Este subúrbio goza da distinção de possuir um dos melhores hotéis da América do Sul; o Hotel do Derby é perfeitamente moderno em todos os sentidos e orientado por um padrão metropolitano de serviço. O mercado do Derby é um dos maiores estabelecimentos do seu tipo, no Brasil, e está equipado para os amplos negócios que diariamente são nele realizados. O subúrbio deve seu aspecto atraente à empresa de um cidadão muito progressista, Senhor Delmiro Gouveia, o proprietário, que tem pessoalmente dirigido tudo em sintonia com o desenvolvimento do empreendimento. (WRIGHT, 1901, p. 314)

O mercado e o hotel (Figura 01) representavam a visão de Delmiro, cuja ambição em tornar a cidade do Recife um polo de modernidade atraiu a atenção do prefeito da época, José Coelho Cintra, que apostou no empreendimento e concedeu isenção fiscal além de outros favores. Simbolicamente, em troca, o cearense nomeou o mercado em sua homenagem. O Mercado Coelho Cintra era um sucesso na cidade, também contava com um dos melhores hotéis da América do Sul, o Hotel do Derby, que era considerado moderno em todos os sentidos e prestava um elevado padrão de serviços. Frequentado pelas altas classes pernambucanas, logo caiu no gosto da aristocracia que costumava assistir às corridas de jóquei e fazer refeições nos restaurantes e bares

do mercado.

Figura 01: Hotel do Derby, 1889



Fonte: Fundação Joaquim Nabuco, 2019

A diversão era a finalidade do empreendimento, o consumo era promovido como espetáculo, prazer e aventura, sempre atribuindo à ideia de progresso, status e bom gosto. Já naquele tempo se utilizava iluminação elétrica com uso cenográfico. Seus funcionários eram orientados para atender com cortesia os clientes, enquanto a música, a variedade de comidas, bebidas e jogos formavam o espetáculo neste centro comercial de diversões. A então magia proporcionada pela luz elétrica e pelo cinema encantavam seus frequentadores. A prática de esportes era estimulada, passando a ser símbolo de distinção social, corridas de bicicleta, regatas, ginástica, dados e dominó, tiro ao alvo, boliche e corridas de pedestres. Os periódicos do Recife noticiavam

que grandes multidões, de até oito mil pessoas, frequentavam o local e se constituíam num espetáculo à parte, segundo matéria no Jornal Pequeno (27 de janeiro de 1900 p.2).

Porém, em pouco mais de três meses de funcionamento, na chegada do século XX, na madrugada do dia 2 de janeiro de 1900, Delmiro viu seu mercado incendiar até os escombros, Devido a acirramentos políticos. A imponente presença de Delmiro em meio a aristocracia pernambucana e sua agitada vida exposta na imprensa, o trouxe inimigos, entre eles o senador Francisco Rosa e Silva e, o mais influente deles, o então vice presidente do Brasil, Segismundo Gonçalves, que, por não aceitarem a posição que Delmiro havia tomado, são acusados de mandar atear fogo no estabelecimento e incriminam o cearense do ato com o telegrama, publicado no periódico A Província, escrito pelo próprio vice presidente da república: “Mercado incendiado. Delmiro preso. Saudações, Sigismundo Gonçalves.” (A Província, 10/01/1900, p. 1).

Delmiro foi preso e acusado de incendiar o mercado para receber o seguro, mas inocentado pouco depois do ocorrido. Após o incidente, Delmiro sai de Recife e vai à Europa. Voltando ao Brasil depois de alguns anos e reconstruindo sua vida no sertão alagoano, o empresário foi responsável por criar a usina hidrelétrica de Angiquinho, encravada na região do Rio São Francisco. A usina impulsionou energia ao sertão e Delmiro, após ter construído a Fábrica da Pedra, foi morto em 1917, assassinado a mando de coronéis da região.

Figura 02: Mercado Coelho Cintra, 1899



Fonte: Museu da Cidade do Recife, 2019

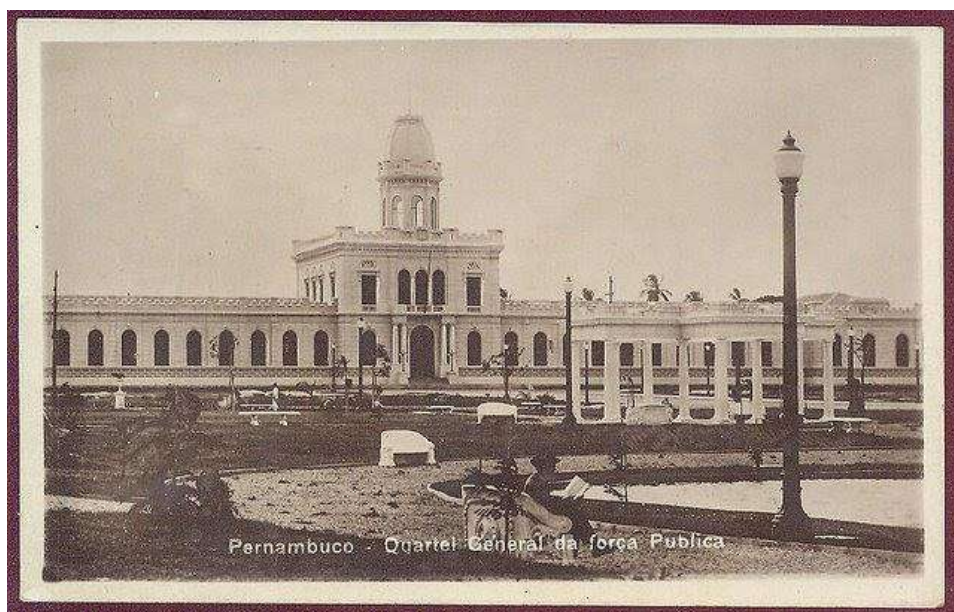
2.2 Quartel do Comando Geral da Polícia Militar, PE

Após o incêndio o local passa a se tornar um ambiente a ser evitado. Segundo o Processo de Tombamento 430/92, os prédios que margeavam a praça foram transformados em cortiços e a área caiu num profundo abandono. Passadas duas décadas, no início do governo de Sérgio Loreto, o Derby começa a ressurgir timidamente com ocupação da Escola de Aprendizes e Artífices.

Devido aos primeiros trabalhos de implantação do Palácio da Justiça e a necessidade de dois batalhões de Polícia se veio a conveniência de instalar o comando da Força Pública. Unindo a necessidade, o ponto geográfico e estratégico para a cidade do Recife que é o Derby, surge dentro do Departamento Geral de Viação e Obras Públicas, a cargo de Otávio de Souza Leão, a ideia de utilizar do terreno onde estavam as ruínas do Mercado Coelho Cintra. Do antigo mercado não restou nada, os escombros que sobraram não serviam para serem reaproveitados e o que havia no terreno foi integralmente demolido. O fim do empreendimento delmiriano. O terreno foi adquirido pelo Estado à Prefeitura e logo em pouco tempo, após a aprovação do projeto pelo comandante geral da Força, surge um edifício majestoso, em estilo eclético, ornamentado com florões, colunas gregas e um grande brasão pernambucano, mostrando a força do Estado e sua importância e riqueza perante à república. Segundo o processo de tombamento do edifício, o prédio, digno de ser chamado de palácio, tem área de 2900 metros quadrados, com 130 metros de frente por 23 metros de largura. Consiste em uma edificação térrea em bloco único, horizontal, com um módulo central de gabarito maior, com dois pavimentos, encimado por um torreão de planta octogonal com varandim e um zimbório de concreto. Em toda sua extensão, o edifício é coroado por uma platibanda com ameias.

O quartel da Força Pública, imponente em sua beleza exuberante e seus ricos detalhes construtivos, representava um novo olhar ao bairro. As imediações se tornaram ruas seguras e a reurbanização da área se consolidou com a Praça do Derby, construída em 1925. A antiga praça teve, também, sua execução sob incentivo do então governador Sérgio Loreto. A construção foi em frente ao que antes foi o Hotel do Derby, empreendimento da época delmiriana. A praça com 29.900 metros quadrados havia passado por uma intervenção, mas em 1936, sob o comando do paisagista Roberto Burle-Marx, redesenhada, conservando sua estrutura clássica, introduzindo espécies nativas brasileiras, marca da obra do paisagista, recebendo o desenho que se mantém até os dias atuais.

Figura 03: Quartel General da Força Pública, 1928



Fonte: Fundação Joaquim Nabuco, 2019.

Ao passar dos anos o edifício do quartel sofreu intervenções arquitetônicas que destoava de sua concepção de origem. A principal delas dividiu o pé direito dos corpos laterais com uma laje intermediária, duplicando o espaço e extinguindo as áreas descobertas. A intervenção custou a interceptação de todas as 30 janelas das fachadas, perdendo as enormes aberturas com terminações em arco pleno. Do projeto original constavam ainda pavilhões anexos destinados às funções de refeitório, cozinha, departamentos médicos, farmacêuticos e sanitários, áreas de lazer para música, cocheiras e baias para os cavalos

O edifício do Comando Geral da Força Pública, conhecido pelos pernambucanos por Quartel do Derby, foi tombado pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, a FUNDARPE, órgão subordinado à Secretaria de Cultura do Governo do Estado de Pernambuco, em 18 de setembro de 1979, nos termos da Lei Estadual nº 7.970. O decreto resolve tomba o quartel, construído sobre as ruínas do Mercado Modelo Coelho Cintra, delimitando o polígono de proteção nas conformidades do Processo de Tombamento 430/92, consolidado na sessão de 18 de outubro de 1994. Hoje, o atual edifício funciona como Quartel do Comando Geral da Polícia Militar de Pernambuco.

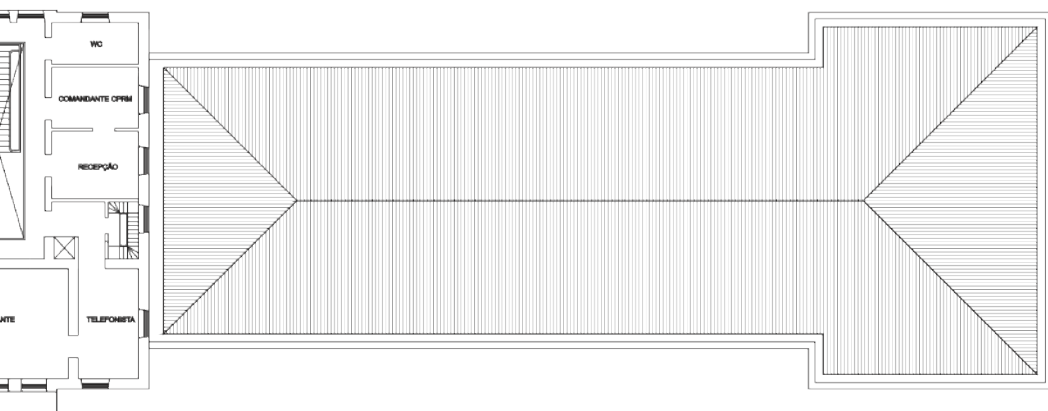
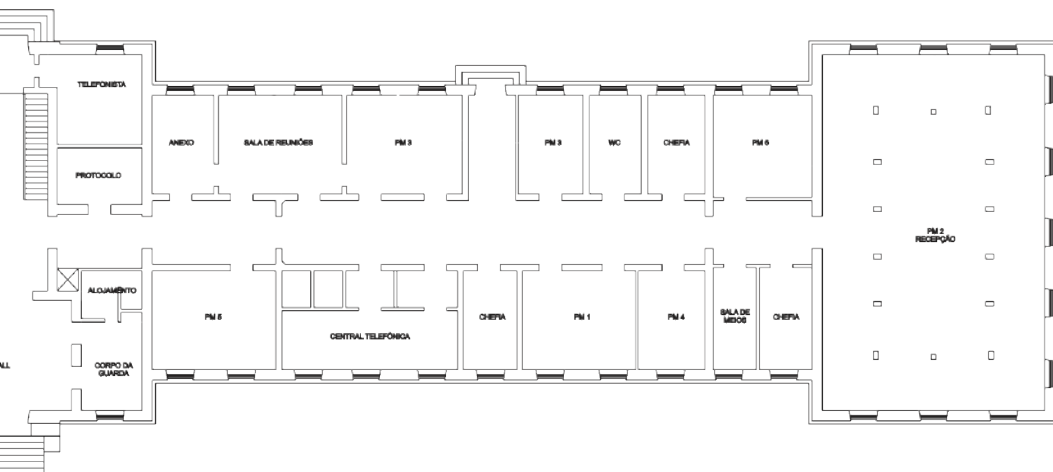
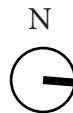
O espaço onde se localizava o antigo velódromo, atua Praça do Derby, virou local de manifestações populares em épocas festivas. O edifício mantém sua arquitetura quase centenária, consagrando-se no mais importante centro cívico da Região Metropolitana do Recife, ainda representando a monumentalidade proposta por Sérgio Loreto. O Quartel virou cartão postal da cidade, um edifício digno de se perpetuar na história.

Figura 04: Quartel do Derby, 2017



Fonte: NOGUEIRA, 2019





2.3 Conjunto do Derby: O edifício e o tecido urbano

Hoje, o quartel é um ponto de confluência da cidade. É ali onde agrupam-se movimentos populares, festas folclóricas, atos cívicos e celebrações sazonais. A Praça do Derby é um dos grandes marcos paisagísticos da capital pernambucana, bem tombado em nível federal pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o IPHAN, protegido enquanto importante elemento na cidade do Recife. A área estudada é cortada pelos dois principais eixos viários da cidade (Figura 05) conectando a zona sul do Recife à Olinda, utilizando o eixo Norte-Sul, com a Avenida Governador Agamenon Magalhães, e ligando o centro histórico do Recife ao extremo oeste da capital com a Avenida Conde da Boa Vista e a Avenida Caxangá. A área estudada também conta com um grande investimento em mobilidade urbana realizado recentemente para a Copa do Mundo de 2014 com os BRTs, e com as obras de acessibilidade e transporte público executadas na avenida Conde da Boa Vista em 2019. É possível chegar no conjunto por meio de BRT, ônibus e ciclovias, além da nova estrutura recém ampliada do Terminal de Integração de Joana Bezerra, estação de grande importância e grande fluxo de passageiros, conectando as linhas Centro e Sul de Metrô ao tecido de ônibus com destinos à toda cidade e cidades vizinhas da região metropolitana. O quartel ainda está em um ponto de articulação entre a Praça do Derby e o Parque Capibaribe, projeto de um parque linear que ocupará 30 quilômetros das margens do Rio Capibaribe, em execução pela Prefeitura da Cidade do Recife.

De acordo com a figura 04, é possível ver a localização privilegiada do edifício do quartel, os equipamentos públicos como o Terminal de Integração de Joana Bezerra, o Parque Capibaribe e a Praça do

Derby que estão próximos, a confluência dos dois importantes eixos viários. O edifício está localizado a apenas 3 quilômetros do bairro do Recife Antigo, centro histórico mais visitado da cidade, onde estão localizados antigos edifícios, a Praça do Marco Zero, o Parque das Esculturas de Brennand, o maior polo tecnológico do Brasil, o Porto Digital, etc. O bairro é ponto de grande fluxo de turistas de todo o mundo que visitam a metrópole, além dos habitantes locais que o utilizam como área de lazer e trabalho.

Figura 05: Mapa eixos viários



Fonte: Google Earth, edição autoral, 2019

A etapa do Parque Capibaribe localizada na área do Derby, o trecho Capunga, inicia-se após a Ponte da Capunga, seguindo pelo curso do rio, em direção ao Derby. O projeto estará em harmonia com o Centro Universitário Maurício de Nassau, integrando a biblioteca da instituição de ensino com as rotas de transportes alternativos,

conectando-a à margem do Capibaribe ao parque linear. O Parque, projeto da prefeitura, através da Secretaria de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Recife, em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco, por intermédio do INCITI - Pesquisa e Inovação para as Cidades, é um equipamento público que está recebendo premiações e reconhecimento por sua influência no desenho urbano, nas soluções de mobilidade urbana, na integração sustentável com o maior corredor fluvial que corta a metrópole e interliga com algumas cidades vizinhas da região metropolitana. A Figura 06 ilustra tridimensionalmente o entorno do Quartel do Derby. Percebe-se uma grande proximidade entre o Parque Capibaribe e a Praça do Derby, mas a instituição que o edifício do quartel abriga impõe restrições de acesso, o que impede a conexão direta entre ambos espaços públicos.

Figura 06: Imagem aérea Conjunto do Derby



Fonte: Google Earth, edição autoral, 2019

As obras estão previstas para serem finalizadas em 2037, segundo a prefeitura da cidade, no aniversário de 500 anos da capital pernambucana. O parque se propõe a ser uma alternativa ao modelo de planejamento urbano comum do século XXI, espelhada nas soluções europeias. Os automóveis particulares não estão inclusos na mobilidade da massa verde proposta pelo parque, cuja ideia é utilizar ciclovias e transportes coletivos fluviais para desafogar o trânsito caótico da cidade, aproveitando da própria geografia local como solução projetual, com alternativas menos nocivas ao meio ambiente e ao bem estar social. O parque também visa a reutilização do rio no contexto urbano, a reaproximação da população com o elemento aquático que deu forma à cidade utilizando de espaços verdes para a integração através de ações de introdução, como dizem as pesquisadoras do IN-CITI Amanda de Macêdo, Ana Raquel Menezes, Luiz Marcos Filho e Circe Maria Monteiro no artigo *Capibaribe Park, Re-weaving a City Through Green and Public Spaces*:

Essa região, que se estrutura ao redor do Parque Capibaribe - denominada Park Zone - e concentrará ações que visam reintroduzir o Capibaribe no mapa mental dos habitantes através do estabelecimento de relações emocionais, encontro e intercâmbio, e para onde a cidade olhará, a fim de criar novas oportunidades de educação e desenvolvimento socioeconômico. Os resultados apontam para uma nova oportunidade para a reestruturação do todo o território ao redor do rio Capibaribe. Nos agrupamentos de espaços vagos e potenciais, na rede de cursos de água, na rede de ruas existente e na necessidade de melhorar a integração, podemos prever uma oportunidade para o desenvolvimento de um nova estrutura integrada e integradora cujo eixo seria o Rio Capibaribe. Restaurando o papel

do rio como estrutura da cidade eixo, com funções públicas definidas ao seu redor e melhoria de acesso e conexões recupera a importância e a vitalidade de este elemento natural na integração socioespacial dos vários bairros ao longo do rio. (MACÊDO, MENEZES, FILHO, MONTEIRO. 2015 p.7).

É possível perceber a importância do local do edifício em relação ao tecido urbano no qual ele está inserido, além de geograficamente privilegiado, os recentes investimentos na área de mobilidade urbana trazem ao Conjunto do Derby um potencial de exploração turístico notável e passível de discussão. Ilustrado na Figura 07, próximo ao Quartel também há um campus da Fundação Joaquim Nabuco, a FUNDAJ-Derby e o edifício do antigo Pavilhão de Óbitos do arquiteto Luis Nunes, marco do estilo modernista, onde funcionava a sede pernambucana do Instituto dos Arquitetos do Brasil, o IAB-PE, ambos imóveis sediam equipamentos de interesse cultural de importante significância para o estado de Pernambuco.

Figura 07: Imagem aérea equipamentos culturais



Fonte: Google Earth, edição autoral, 2019

O ponto estratégico onde está localizado o quartel é de fato muito relevante à cidade. O edifício está abraçado por equipamentos culturais de grande importância à herança arquitetônica do Recife. O passado em seu entorno é herança cultural e o futuro o abraça.

CAPÍTULO 3. A TEORIA

Os edifícios históricos são a base sobre a qual as cidades se desenvolvem. As suas fachadas reforçam o seu papel social e sua identidade cultural, permitem redescobrir os povos que ali passaram. Estão sempre nítidos os movimentos contínuos da história no espaço tempo, dão formas às ideias que ali foram plantadas e espelham a sociedade que ali vivia. Conservar um edifício é transmitir o passado às futuras gerações, é expor os pensamentos dos antepassados.

A prática de conservação de um edifício apenas se tornou consolidada na segunda metade do século XX, quando as experiências de conservação cresceram notavelmente e passaram a ser aceitas na sociedade, ganhando campo de ação e estudos teóricos e profundos nas universidades. O debate sobre as maneiras de restaurar um patrimônio permeiam diversas vertentes, desde as mais rigorosas com o projeto inicial do edifício às mais abrangentes sobre as novas tecnologias a serem aplicadas no patrimônio. Muñoz Viñas, um dos teóricos contemporâneos que serão abordados ao longo do trabalho, explica que o fato é que nenhuma teoria conseguiu triunfar claramente sobre as outras, o que levou a grandes divergências na maneira como o patrimônio foi tratado pelas muitas pessoas envolvidas em sua conservação (VIÑAS, 2005).

O método de abordagem de um projeto de restauro de um edifício histórico ficou sempre a ser decidido e termina sendo resultado de um debate entre autores de projeto, técnicos dos órgãos de preservação e limitações técnicas e financeiras, podendo eles seguir o percurso sugerido pelas correntes teóricas que os guiavam. De fato, como argumenta Viñas(2005), se tornou difícil que uma teoria triunfasse sobre outras, pois cada obra de restauro exigia uma intervenção de acordo com as necessidades do objeto em questão e com o contexto

local. Porém todos aqueles envolvidos e dedicados a conservar o patrimônio edificado concordavam da necessidade de manter um edifício como objeto histórico do seu tempo, como marco social da época ali presente, de se valorizar a tecnologia e as concepções de espaço provocadas por aquela construção.

Tendo em vista a importância da prática de conservação é necessário compreender a relevância do edifício do Quartel do Derby enquanto objeto histórico à cidade do Recife e ao estado de Pernambuco. Os inúmeros acontecimentos extraordinários que ali se passaram precisam percorrer o tempo e os marcos arquitetônicos que já presenciaram tamanhos fatos se perpetuem na história. As diversas teorias de conservação do patrimônio histórico edificado variam de acordo com as correntes teóricas, época e as linhas de raciocínio dos autores que as escreveram e são a partir delas que o debate teórico fluirá, percorrendo uma linha do tempo, das tradicionais às contemporâneas expondo a evolução das teorias da conservação.

3.1 Teorias Tradicionais

As primeiras teorias da conservação iniciam-se no século XIX com os estudos dos antigos papiros de Pompéia. A partir daí surgiram as primeiras técnicas para conservar objetos arqueológicos e o mundo percebeu a importância desses resgates históricos. O século foi de grandes mudanças na sociedade, o contexto da Revolução Industrial, na Inglaterra, e pelos avanços do exército de Napoleão Bonaparte, na França, surgem os primeiros teóricos da conservação, John Ruskin e Eugène Viollet-le-Duc. Suas correntes, extremamente opostas, relacionam-se com o contexto em que ali os estavam. Ruskin, um escritor inglês com grande influência sobre o mundo das artes, é considerado um dos primeiros teóricos da restauração. Em 1849 publica o livro *As Sete Lâmpadas da Arquitetura* expondo ao mundo os ideais sobre a conservação britânica enquanto Le-Duc produz o *Dicionário da Arquitetura Francesa* expondo os ideais franceses.

3.1.1. O fatalismo passivo e o intervencionismo ativo

A Revolução Industrial no fim do século XVIII mudou o estilo de vida britânico. As novas tecnologias descobertas pelo ser humano trouxeram novas formas de ver o mundo. Ruskin enquanto teórico, pintor e crítico das artes, vê a necessidade de conservação dos bens patrimoniais da sociedade. Sua filosofia do Romantismo também era nítida em sua produção gráfica e suas pinturas eram exemplos disso (Figura 08). Publica um livro-manifesto, *As Sete Lâmpadas da Arquitetura*, coleção teórica que fala sobre a necessidade de conservar a arte enquanto cultura. O livro, *A Lâmpada da Memória*, fala essencialmente sobre a arquitetura. Nele, John Ruskin expõe seu ideal

romântico da sobre os edifícios enquanto objetos testemunhas da história. Sua teoria ficou famosa pois defendia o ruinismo em detrimento da restauração. Argumentava veementemente sobre os valores dos edifícios antigos e sua importância histórica para os centros das cidades. Suas teorias são vistas de forma romantizada pelo fato de o autor negar o presente e venerar as manchas do tempo.

Figura 08: Vista de Amalfi, 1844



Fonte: WikiArt, 2014

O autor via os edifícios como unidades atemporais, enxergava nas pátinas do tempo a beleza sincera, a deterioração contínua provocada pelo tempo e glorificava essas marcas que os edifícios ganham ao passar dos anos.

Pois, de fato, a maior glória de um edifício não está em suas pedras, ou em seu ouro. Sua glória está em sua Idade, e naquela profunda sensação de ressonância, de vigilância severa, de misteriosa compaixão, até mesmo de aprovação ou condenação, que sentimos em paredes que há tempos são banhadas pelas ondas passageiras da humanidade (RUSKIN, 1880, p.68).

Ruskin via a arquitetura como forma de arte superior às demais, considerava-a como a maior força representante da história, necessária para se passar às outras gerações os ideais ali impostos e vividos à frente dos sentimentos e emoções humanas. Para ele, o mais belo retrato da sociedade estava ali, edificado.

Há apenas dois fortes vencedores do esquecimento dos homens, a poesia e arquitetura; e a última de alguma forma inclui a primeira, e é mais poderosa em sua realidade: é bom ter ao alcance não apenas o que os homens pensaram e sentiram, mas o que suas mãos manusearam, e sua força forjou e seus olhos contemplaram, durante todos os dias de sua vida (RUSKIN, 1880, p.54).

E completa comparando as marcas temporais ao pitoresco renascentista e defendendo a necessidade de tais pátinas, assimila as técnicas de pintores renomados como Michelangelo e Caravaggio com as ruínas físicas atribuídas ao longo do tempo.

Em arquitetura, a beleza acessória e acidental é muito frequentemente incompatível com a preservação do caráter original [da obra] o pitoresco é assim procurado na ruína, e supõe-se que consista na deterioração. Sendo que, mesmo buscado aí, tra-

ta-se apenas da sublimidade das fendas, ou fraturas, ou manchas, ou vegetação, que assimilam a arquitetura à obra da natureza e conferem a ela aquelas particularidades de cor e forma que são universalmente caras aos olhos dos homens...

...a de evidenciar a idade do edifício - aquilo que, como já foi dito, constitui sua maior glória; e portanto, os sinais exteriores dessa glória (RUSKIN, 1880, p.77).

É possível perceber seu desprezo pelo restauro e sobre os negados valores atribuídos por outros teóricos que defendiam a restauração como solução para um edifício histórico que está em processo de arruinamento. Contrário a restauração e da imitação de linguagens de estilos passados. Ruskin fala que era preciso preservar e respeitar os materiais originais em sua essência, modificar a matéria prima do edifício era mascarar a história e enganar a sociedade com uma falsa descrição.

Nem pelo público, nem por aqueles encarregados dos monumentos públicos, o verdadeiro significado da palavra restauração é compreendido. Ela significa a mais total destruição que um edifício deve sofrer: uma destruição da qual não se salva nenhum vestígio: uma destruição acompanhada pela falsa descrição da coisa destruída. (RUSKIN, 1880, p.79).

Porém, em contrapartida, enquanto na Inglaterra a Revolução Industrial trazia diversas influências à sociedade inglesa, na França, as guerras napoleônicas resultaram em destruição de diversas construções e seus restauros foram considerados necessários. Nesses diferentes contextos surgiram ideais opostos, enquanto Ruskin defendia

o ruinismo como forma de conservação, Viollet-le-Duc argumentava que a edificação deveria ser restaurada ao melhor estado possível, uma condição que nunca poderia ter existido, desde que coerente com a concepção original da construção. Diferente do contexto britânico, a massiva perda de acervo no período das guerras napoleônicas, a postura francesa em relação à abordagem da conservação foi oposta. Em 1866 Le-Duc publica o oitavo volume do seu dicionário da arquitetura francesa, após anos de prática em obras de restauro, onde apresenta sua definição à restauração que é seguida como referência na França:

Restauração: Restaurar um edifício não significa repará-lo, reconstruí-lo ou mantê-lo. Significa restabelecê-lo no seu estado mais completo, que pode até nunca ter existido (VIOUET-LE-DUC, 1866 p.29).

O autor francês buscava entender a lógica da concepção inicial do projeto, não se continha em fazer uma reconstituição hipotética do estado de origem, e sim procurava fazer um restauro daquilo que teria sido executado, caso os arquitetos da época detivessem tal tecnologia e conhecimentos contemporâneos. Le-Duc buscava uma reformulação ideal de um dado projeto. Após anos desenvolvendo uma metodologia de trabalho, experienciando suas práticas em obras icônicas como a Igreja de Vézelay, de 1840, a Catedral de Notre-Dame de Paris e as igrejas de Carcassonne em 1844 (Figuras 09 e 10), Santi-Sernin de Toulouse e Amiens em 1846. Viollet foi nomeado Inspetor Geral dos Edifícios Diocesanos na França, ficando responsável pela conservação de diversas igrejas ao longo do país.

Figura 09: Castelo de Pierrefonds destruído



Fonte: LOURENÇO, 2004

Figura 10: Castelo de Pierrefonds após restauro



Fonte: LOURENÇO, 2004

Os projetos executados por Le-Duc, em muitas vezes, alcançavam o resultado do restauro em uma obra completamente diferente da originalmente executada, o francês acreditava que se dominasse o sistema construtivo do edifício e se conhecesse as particularidades conceituais do seu estilo arquitetônico, conseguiria obter os resultados esperados no processo de restauração. Dizia que se as formas do passado fossem compreendidas em suas instâncias formais e espaciais, serviriam de base para esclarecer os problemas da arquitetura do presente (VIOLETT-LE-DUC, 1830).

As divergências entre os dois pioneiros das teorias de restauro resultaram em uma enorme contribuição para a conservação do patrimônio histórico material, pois foi a partir de tais discussões que o debate acadêmico se iniciou e pôde ser destrinchado em diversas novas teorias, a partir dos estudos e ensaios desses grandes teóricos do século XIX. Com o auxílio das posteriores discussões foram produzidas as Cartas Patrimoniais e deram seguimento e abertura às teorias contemporâneas da conservação no século seguinte.

3.1.2. Restauradores, críticos e científicos.

A partir desses dois grandes nomes, surgiram diversas correntes teóricas sobre o assunto, das mais contrastantes às mais intermediárias entre esses dois opostos. Camillo Boito, italiano, foi uma personalidade de extrema importância na conceituação teórica sobre a restauração. Em 1884, na Exposição de Turim, foi realizada uma conferência conhecida como Os Restauradores que posteriormente foi publicada em texto. Arquiteto, escritor e historiador, foi professor de arquitetura na arte do desenho e do restauro, e após uma viagem

à França passou a aprofundar seus conhecimentos e se tornou um grande admirador das obras de Viollet Le-Duc. O italiano opôs-se às intervenções que visavam continuar uma obra inacabada, apesar de admirador de Le-Duc, pois respeitava todas as partes do monumento, evitando assim possibilidades de falsos históricos. Para ele, a conservação era algo indispensável à cultura da humanidade como descrito no manifesto:

Mas aqui não se discorre sobre conservação, que aliás é obrigação de todo governo civil, de toda província, de toda comuna, de toda sociedade, de todo homem não ignorante e não vil, providenciar que as velhas e belas obras do engenho humano sejam longamente conservadas para a admiração do mundo (BOITO, 1884, p.7).

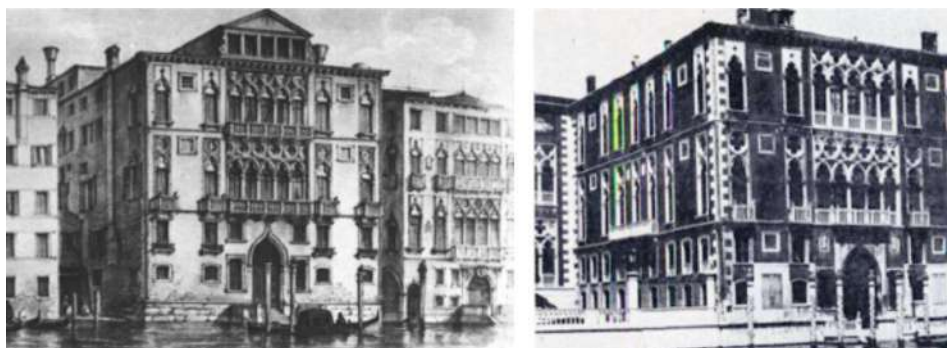
Boito ficou conhecido por discorrer entre os distintos pólos, o fatalismo e o intervencionismo, apresentando uma teoria nova. Para ele, os acréscimos posteriores à obra tinham seu valor enquanto objeto histórico e também testemunhavam a história do monumento, mas não poderiam mascarar o objeto original e seus projetos visavam expor suas ideias. O Palácio de Cavalli Franchetti (Figura 11), construído em 1565 e que recebeu elementos neogóticos em meados do século XIX, foi restaurado por Boito em 1878, cuja concepção consistiu na construção de uma escada lateral (Figura 14), a eliminação de elementos e acréscimos que ele considerou como descaracterizante (Figura 13). Esta obra já representa muito o ideal do italiano, os acréscimos executados respeitavam a sua época, deixavam claro que aquela intervenção foi feita sobre um outro edifício, sem mascarar a história.

Figura 11: Vista setecentista do Canal Grande, Veneza



Fonte: LUSO, 2004

Figura 12: Antes e depois da intervenção de Boito



Fonte: LUSO, 2004

Figura 13: Antes e depois da intervenção de Boito



Fonte: LUSO, 2004

Figura 14: Escada realizada na intervenção, Veneza



Fonte: LUSO, 2004

Figura 15: Atual Palazzo de Cavalli Franchetti, Veneza



Fonte: KRÉN, 2014

Boito defendia a manutenção do edifício ao longo o tempo de modo a se evitar o restauro com acréscimos e renovações falsas, apesar de admirar as obras de Le-Duc. Neste ponto, concorda com os estudos de Ruskin, mas sem deixar que o edifício caia em ruínas passivamente. Camillo não era a favor do restauro, somente em casos extremamente necessários, defendendo que, se for a única opção, que a faça diferente da obra antiga, evitando assim falsificação dos monumentos

Direi qual é o meu sentimento: para mim, confesso, repugna, mesmo nessa ocasião, mesmo se tratando de um insigne restaurador, deixar-me enganar. O restaurador, no fim das contas, oferece-me a fisionomia que lhe agrada; o que eu quero mesmo é a antiga, a genuína, aquela que saiu do cinzel do artista grego ou romano, sem acréscimos nem embelezamentos. O intérprete, ainda que grandíssimo, enche-me de ferozes suspeitas. Somente em um caso de remendo pode parecer tolerável (BOITO, 1884, p.24).

Concluindo sobre as restaurações em objetos arquitetônicos e edifícios antigos, Boito completa em seu “livro-manifesto” contrariando a famosa fala de Le-Duc sobre o restauro, falando sobre o perigo que se existe na teoria do francês, sobre a inexistência de doutrina e a amplitude do livre arbítrio de restaurar uma obra de arquitetura. Segundo o mesmo, considera o arbítrio uma mentira, uma falsificação do antigo, uma armadilha posta aos vindouros (BOITO, 1883). Com isso, finaliza o discurso cedendo duas conclusões sobre a conservação:

1º É necessário fazer o impossível, é necessário fazer milagres para conservar no monumento o seu velho aspecto artístico e pitoresco;

2º É necessário que os complementos, se indis-

pensáveis, e as adições, se não podem ser evitadas, demonstrem não ser obras antigas, mas obras de hoje. (BOITO, 1884, p.33).

Em 1883, Boito apresenta no III Congresso de Arquitetos e Engenheiros Civis, em Roma, o resultado de toda sua experiência enquanto arquiteto restaurador. Seus estudos foram de tamanha importância à arquitetura italiana que serviram de normas e conselhos que guiaram os arquitetos. O governo italiano na época assumiu as posturas de Boito, tornando lei pelo Ministério da Instrução Pública da Itália que instruíram arquitetos por toda Europa.

Posteriormente, de 1909 a 1912, são criadas, na Itália, leis na defesa do ambiente dos monumentos e de agrupamentos urbanos observados em sua esfera paisagística. A legislação era voltada às Antiguidades e Belas-Artes, criadas pelo Ministério da Educação Nacional. O Ministério também foi pioneiro criando a legislação protegendo as belezas naturais em 1922. Com isso, surge a teoria do restauro escrita por Gustavo Giovannoni. O autor italiano, seguidor de Camillo Boito é responsável pela criação do Instituto Nacional de Restauração na Itália. Redigiu a teoria que consistia em recompor e valorizar os traços restantes do monumento em questão, considerando que era preciso lidar com aspectos construtivos. Era preciso pensar sobre a relação entre o novo e o velho, entre a historicidade e a contemporaneidade dos edifícios para propor adaptações. Giovannoni defendeu antepor a conservação em relação ao restauro, sem excluí-la, mas aceitando-a com limitações e como forma de consolidar o objeto arquitetônico.

A partir de ensaios teóricos, atuações práticas e projetuais se tornou um agente de peso na formação cultural arquitetônica de seu país. Seus trabalhos enquanto arquiteto não obtiveram a mesma ex-

pressão, alguns de seus projetos como a Chiesa dei Santi Angeli em Roma (Figura 16) tiveram sua expressão, porém sua maior contribuição foi teórica tornando um dos mais importantes arquitetos de restauração.

Figura 16: Chiesa dei Santi Angeli, Roma



Fonte: Parrocchia Santi Angeli Custodi, 2018

Em quarenta anos de carreira, Giovannoni ganhou grande destaque no cenário italiano da época, o arquiteto abordou e desenvolveu reflexões e projetos na restauração arquitetônica e foi o primeiro a considerar a conservação urbana. Nesta esfera urbana, como pioneiro,

Giovannoni escreve uma carta à Confederação como contribuição à Carta de Atenas de 1931, a do restauro. Na Carta, Giovannoni apresenta o que havia de mais avançado em termos legislativos na Itália. A dimensão urbana do patrimônio e o planejamento, visando chamar a atenção ao entorno da obra de arquitetura a ser conservada, sobre evidenciar valor arquitetônico ao conjunto e paisagem, não apenas ao edifício como objeto isolado. Os ensaios de Giovannoni e sua contribuição na Itália foram ressaltados, no Congresso Internacional de Arquitetura Moderna e sua teoria ganhou força e reconhecimento. Giovannoni já enxergava a necessidade de se preservar também o entorno, como coadjuvante, parte da história e testemunha do tempo.

Um dos princípios fundamentais que amadureceram na Itália, e sobre o qual gostaria de chamar atenção do Congresso, foi aquele de atribuir valor de monumento, e de estender as providências de estudo e de conservação não apenas às obras mais significativas e de maior prestígio, mas também às aquelas de importância secundária que ou pelo seu conjunto de monumento coletivo, ou pela relação com os edifícios mais grandiosos, ou pelo testemunho que nos oferecem na ordinária vida arquitetônica dos diversos períodos assumem interesse prevalentemente ambiental, seja no que diz respeito à arte ou às recordações históricas, seja em função urbanística (GIOVANNONI, 1931, p.44).

A importância do contexto urbano na proteção e conservação do patrimônio edificado passou a ser debatido e aprofundado nas universidades pela Europa. Giovannoni e a Itália passaram a ser referência na conservação da herança arquitetônica em relação à paisagem construída. As teorias de Giovannoni obtiveram seu importante reconhecimento após a publicação da Carta de Restauro, no Congresso In-

ternacional de Arquitetura Moderna de 1932, em Atenas. A intenção era uniformizar os métodos de abordagem das diferentes instâncias italianas, sendo um guia aos arquitetos que exerceram a profissão de restaurador. Entre os seus conceitos fundamentais e práticas arquitetônicas, se tornaram importantes a colaboração entre os Estados à preservação dos monumentos históricos.

A Restauração Científica sustentou-se em evidências documentais, evitando tanto o fatalismo passivo de Ruskin quanto o intervencionismo escancarado de Le-Duc trazendo um novo método de abordagem. Este período foi bastante produtivo em relação às teorias de conservação, gerando diversas discussões, divergências e críticas às práticas executadas no século anterior. Giovannoni era contra, assim como o italiano Camillo Boito e o inglês John Ruskin, à restauração estilística que dominava as obras da época. Suas ideias de preservação defendiam o uso de técnicas modernas de consolidação. Para ele, não havia sentido em utilizar materiais originais da obra, pois isso seria um falso histórico, enganando os observadores, como descrito no sétimo artigo da Carta de Restauro:

7. Que, em qualquer caso, essas adições devem ser cuidadosa e evidentemente designados com o uso de material que não seja o primitivo ou com a adoção de quadros de envelope, simples e sem talha, ou com a aplicação de iniciais ou epígrafes, para que nunca uma restauração realizada pode enganar estudiosos e representar um falsificação de um documento histórico; (GIOVANNONI, 1932, p.3).

Os conceitos trabalhados por Giovannoni, o destacaram por seus ensaios. A proteção do ambiente próximo de monumentos e a inserção de instalações de proteção para garantir a vida do edifício em questão é uma enorme contribuição às teorias da conservação continuando

a obra de Boito. A ideia de deixar claras as diferenças tecnológicas nos restauros realizados em monumentos arquitetônicos demonstra sua preocupação em como aquele edifício irá percorrer ao tempo e confirma a Itália como referência em restauro. O fato dos contrastes tecnológicos existirem enriquecem o patrimônio, tornam legíveis as pátinas do tempo, considerando que aquela intervenção será de extrema importância à história. Testemunha uma linha do tempo da evolução dos materiais de construção e métodos construtivos usados pelo ser humano ao longo do tempo.

Seus ensaios permeiam as teorias do século XIX, progredindo, refinando e adaptando as teorias às necessidades modernas e condições de seu tempo. É indiscutível sua contribuição teórica. Giovannoni passeia pelas opostas teorias de Ruskin e Le-Duc, se aproxima do seu compatriota Boito e se torna um divisor de águas em termos de conservação, servindo de referência às póstumas teorias contemporâneas do patrimônio.

A Itália se mantém como referência na conservação da herança arquitetônica para todo o mundo durante o início do século XX. Pioneiros em diversos assuntos, os italianos também introduzem nas teorias de arquitetura o restauro crítico das obras de arte. Cesare Brandi foi responsável por ensaios que uniam a conservação de obras de arte às teorias utilizadas nos objetos arquitetônicos. Formado em Direito e Ciências Humanas, em 1930 começou a atuar na supervisão de monumentos e galerias e na Administração das Antiguidades e Belas artes de Siena. Em 1934 começou a atuar na Universidade de Roma como escritor, crítico e palestrante. Suas aulas e teorias eram referentes à arte, história e restauração, temas que o fascinavam desde sua infância. Brandi se torna influente por sua inovação teórica e passa a ter admiradores por toda Europa e à convite do inspetor da direção geral

de Belas Artes, Giulio Carlo Argan, assume o cargo de organizar o Instituto Central de Restauro (ICR), em Roma, se tornando diretor deste mesmo instituto em 1939 (JOKILEHTO 1986).

O instituto foi criado em um contexto histórico delicado, pois o mundo vivia a Segunda Guerra Mundial e a destruição em massa do patrimônio histórico estava tomando a Europa. A necessidade de soluções práticas e imediatas diante da perda de importantes acervos históricos da humanidade e as teorias anteriores ao cenário ali presente passaram a ser motivo de revisões. O contexto se assemelhava com o vivido no século anterior na França por Viollet Le-Duc. As ideias de Giovannoni, foram apresentadas no período entre guerras, e sua abordagem precisou ser repensada frente ao patrimônio. Para Brandi, deveria-se tratar do repensar o comportamento com o monumento destruído, suscitando em um ato crítico.

Entretanto, com a maciça destruição das cidades européias durante a Segunda Guerra e, consequentemente, a necessidade de reconstrução também em larga escala, as teorias do restauro científico ou filológico, defendidas por Giovannoni, foram postas em cheque. Não se podia pensar nos monumentos destruídos apenas como documentos, ignorando sua existência como obra figurativa com significância social e simbólica. Em razão da grande escala das intervenções não se podia cogitar o tratamento de lacunas como “neutros” (CARBONARA, 1997, p.21)

O ICR apresentou debates e soluções para simplificar a recuperação do cenário, com o menor custo e tempo. A importância da corrente abordada pelo instituto abriu caminho para se criar uma nova teoria tornando-se referência obrigatória em técnicas de restauração, proteção e salvaguarda em toda Itália. Com o fim da guerra, a formação da

Organização das Nações Unidas e a Declaração dos Direitos Humanos em 1948, Brandi passa a atuar junto a Unesco, órgão responsável pela proteção ao patrimônio da humanidade da ONU, como especialista. Esta época foi de grande produtividade para o italiano, o qual produziu diversas obras relacionadas à sua área de conhecimento e sua experiência prática e reflexiva (CUNHA, 2004).

As reflexões sobre arte, literatura e monumentos passaram a ser a sua maior fonte de pesquisa e no início do pós-modernismo, em 1963, Brandi sintetiza seus ensaios na publicação conhecida como teoria do restauro crítico, em sua mais importante contribuição literária, a Teoria da Restauração. O trabalho de Brandi fundamenta-se na necessidade de excluir o empirismo dos processos de restauro das obras de arte, garantindo a preservação das relíquias culturais às futuras gerações. O próprio autor apresenta em seu texto o conceito de restauro como “o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na dúplici polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão para o futuro.” (BRANDI, 1963). Sua teoria é de fato consequência do século de estudos e ensaios teóricos, Brandi concorda com Boito e Giovannoni, respeita Ruskin e Le-Duc, sua publicação permeia os teóricos anteriores e segue refinando os conceitos de proteção ao patrimônio cultural da humanidade. Do seu conceito de restauro, Brandi extrai dois axiomas, o primeiro se refere aos limites da intervenção restauradora, levando em conta a obra de arte. Para ele a intervenção é um ato mental que se manifesta em imagem através da matéria que se degrada que se intervém e não sobre o processo mental.

1º Axioma: “restaura-se somente a matéria da obra de arte.” (BRANDI, 1963, p.30).

O segundo axioma concorda com os compatriotas Boito e Giovannoni e busca uma unidade potencial da obra com a intervenção do restauro. Discorre que não se deve sacrificar a veracidade do monumento e que o ato de restaurar não pode causar nenhum falso artístico ou histórico.

2º Axioma: “a restauração deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo.” (BRANDI, 1963, p.33).

A publicação foi uma das primeiras a considerar necessário avaliar o estado de conservação da obra de arte no momento da restauração para condicionar e limitar a ação restauradora. As limitações sugerem buscar no próprio fragmento as ações interventoras, analisar e obter respostas caso a caso, contexto a contexto para melhor conservação do monumento. Acreditava que o que deveria guiar a intervenção seria um juízo crítico de valor e não apenas ficar a cargo do autor do projeto. A clareza da intervenção também era algo indispensável para Brandi, mantendo a posição de Boito e Giovannoni sobre a ação interventora na manutenção do edifício.

A integração deverá ser sempre e facilmente reconhecível; mas sem que por isto se venha a infringir a própria unidade que se visa a reconstruir, que qualquer intervenção de restauro não torne impossível mas, antes, facilite as eventuais intervenções futuras. (BRANDI, 1963, p.47 e p.48)

De fato, foi no século XIX e XX que o debate sobre os estudos da conservação se aprofundou. As teorias que ao longo do tempo foram desenvolvidas e refinadas, são fruto de ensaios, estudos teóricos e

ações práticas da produção científica da humanidade em diferentes contextos históricos. A abordagem desses teóricos apresentados fala sobre a cultura artística de cada país, unem a Europa num profundo debate sobre os bens patrimoniais. Brandi introduz no debate uma abordagem até então não explorada, a transferência da materialidade da obra e o seu valor imaterial. Escrita no livro *Teoria do Restauro*, ao defender que o patrimônio precisa de um suporte, sendo este o lugar onde está inserido. Transferindo o conceito de materialidade do patrimônio, valorizando o aspecto imaterial à obra.

Os inúmeros Congressos e Conferências realizados uniram ideias e métodos de abordagem diante do monumento, criando sugestões para cada tipo de necessidade. Diversos países e diversas vertentes, desde a escala da pintura e da escultura à escala do urbanismo, se uniram para tratar do patrimônio como cenário histórico que percorre o tempo e a evolução humana visando as futuras gerações.

Portanto é possível compreender as abordagens dos teóricos dos séculos anteriores, os contextos extremos que os antepassados enfrentaram e suas posições frente ao patrimônio. O romantismo de encontrar o belo em um processo de arruinamento quando seus contemporâneos estudam as técnicas renascentistas. A necessidade de agir na história perante a modernidade no fim do século XIX. As guerras e o dilema que se encontra diante as destruições em massa. Os ensaios sobre o patrimônio se mostram extremamente à frente de seu tempo, sendo argumento teórico dois séculos depois. A contribuição dos autores deu margem a novas correntes teóricas que surgem na contemporaneidade. A tecnologia atual flexibiliza ainda mais os métodos construtivos e os novos anseios da sociedade moderna necessitam de alternativas à herança arquitetônica.

3.2 Teorias Contemporâneas

O início do terceiro milênio marca uma sociedade que cresce exponencialmente de modo desenfreado. A constante evolução da tecnologia nos revela diversas possibilidades a cada atualização de um equipamento tecnológico. O modo de vida que a sociedade contemporânea está vivendo exige novas necessidades e a arquitetura não poderia estar desassociada de tal fato. As novas tecnologias aplicadas à construção civil estão cada vez mais surpreendentes e a era da informação chegou aos projetos de arquitetura. A questão é que de fato as mudanças que ocorrerem na cidade, fazem com que ela seja experimentada de modo diferente. Os conceitos aplicados à arquitetura e urbanismo, no século passado, já não correspondem com a cidade contemporânea e é a partir dessa nova forma de se compreender o meio em que vivemos que surgem novas teorias ligadas à construção, e entre elas, ao patrimônio edificado.

Na segunda metade do século XX, a conservação experimentou um crescimento notável na sociedade desenvolvida, e agora é uma atividade socialmente reconhecida, que é dada como certa pela maioria das pessoas. Um corpus de conhecimento especializado foi produzido em torno dele e, de fato, ganhou reconhecimento no nível universitário em muitos países. No entanto, talvez os sinais mais importantes dessa expansão tenha sido o crescimento exponencial de seu campo de ação (VIÑAS, 1988, p.25).

A partir da herança teórica dos séculos passados, surgem as teorias contemporâneas da conservação do patrimônio. Diante de um contexto distinto, os autores do fim do século XX e início do XXI bebem da fonte tradicional, deste rico refinamento teórico, aprofundando o

debate acerca das intervenções de restauro. De fato, as diversas correntes teóricas, em diferentes contextos históricos e culturais, ramificaram-se nos mais distintos métodos de abordagem diante de cada situação singular, se tornando impossível o triunfo de uma única vertente da conservação (VIÑAS, 1988). Os órgãos responsáveis por legislações estão cada vez mais consolidados e a missão de passar às futuras gerações a história em testemunho físico se mantém. Porém, os questionamentos perante aos anseios da contemporaneidade e os novos debates sobre o uso da cidade sugerem novas revisões e atualizações sobre o assunto à contemporaneidade. O acervo arquitetônico, assim como as outras artes, permanecem em um debate contínuo nas universidades pelo mundo e são a partir destes, que o debate teórico continuará, entre os professores das universidades mais reconhecidas pelo mundo, no cenário atual.

3.2.1 A morte do fim

O novo milênio começou com grandes discussões sobre o patrimônio arquitetônico, as novas formas de se reconhecer o que será restaurado movimentaram a academia. Os defensores do restauro tradicional, baseado nas teorias dos séculos passados, tiveram suas estruturas abaladas com a publicação *Teoría Contemporánea de la Restauración* (Figura 17), de Salvador Muñoz Viñas. O texto, publicado em 2004, obteve repercussão internacional e hoje é uma das bibliografias mais recomendadas para pesquisadores e interessados na preservação por todo o mundo. Viñas é o atual diretor do Departamento de Conservação e Restauração da Universidade Politécnica de Valência, na Espanha. O autor é responsável por introduzir conceitos e ousadas discussões sobre os paradigmas da área (CALDAS, 2013). Em seu tex-

to, Viñas analisa profundamente as teorias das restaurações clássicas, introduzindo a elas o debate da contemporaneidade, revisando as regras e verdades consolidadas pelos teóricos dos dois últimos séculos. O autor ganhou destaque por questionar diversos paradigmas da teoria da restauração. Critérios defendidos por Brandi, já consolidados na academia, como mínima intervenção, distinguibilidade e reversibilidade, referências ainda essenciais nas justificativas de intervenções são levantadas em questão por Viñas.

Figura 17: Capa do livro *Teoría Contemporánea de la Restauración*, Edição 2004



Fonte: Editorial SINTESIS, 2004

O livro é organizado em três partes, dividindo-o em fundamentos, conceitos e contextualizando a restauração no período recente. Viñas busca instruir o que deve ser restaurado, para quê e para quem se preserva. No seu livro, indica que as duas correntes do século XIX foram dominantes e orientaram grande parte das intervenções dos

bens culturais. A teoria de Ruskin, explorando valores românticos e a de Le-Duc inclinada a valores estéticos. Porém, considera que, no atual contexto da sociedade e da cultura que vivemos, essas duas teorias clássicas são limitadas e não se enquadram mais. Viñas traz ao debate algo que ainda havia sido explorado por Brandi superficialmente, que é o fato de que para ele nem todos os objetos sujeitos ao restauro são obras de arte. Alguns bens têm como seu principal motivo da restauração fatores além de históricos e artísticos, podendo se relacionar a valores ideológicos, afetivos, etc. nem sempre sendo cientificamente quantificável (VIÑAS, 2004). Para Brandi, duas instâncias podem nortear o restauro, a estética e a histórica. A primeira se refere às características visuais, estilísticas, que são testemunhos de determinados movimentos culturais, enquanto que a segunda está relacionada aos eventos ou personalidades relacionados à obra, independente de sua estética. A fala de Viñas se enquadra no que Brandi considerava instância histórica trazida ao debate atual sob o olhar da realidade atual.

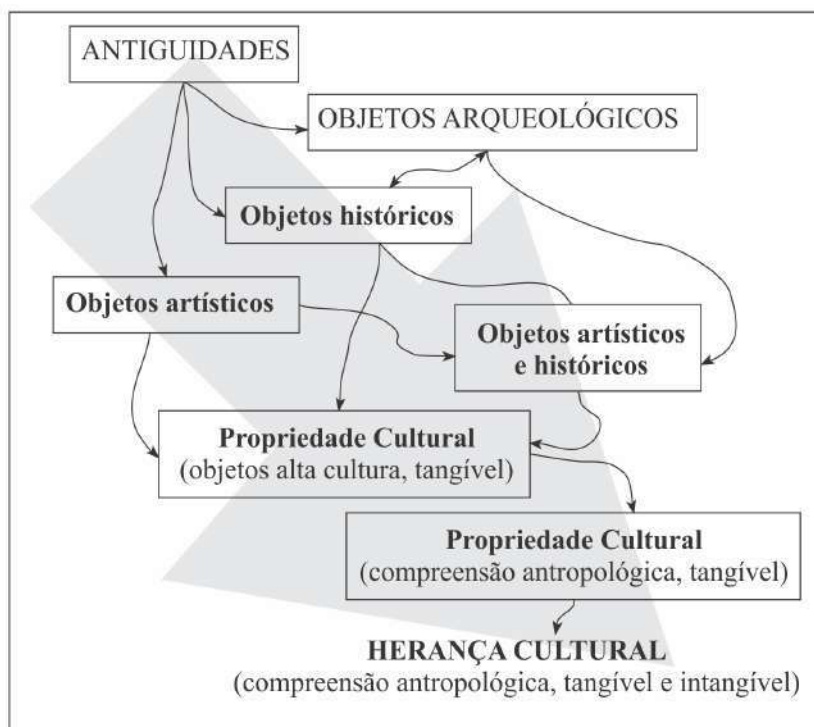
Na segunda parte do livro, Viñas critica os autores da atualidade, que ainda sustentam os conceitos clássicos em suas obras. A crítica do autor coloca em xeque princípios como autenticidade, objetividade, reversibilidade e ciência aplicada ao restauro, exigindo a utilização de novos referenciais teóricos capazes de dialogar com a prática frente à realidade contemporânea. O olhar de Viñas, antes era direcionado ao objeto e sua composição material, à função e significado que esse objeto representa. Utilizando do paradoxo de Brustolon, o autor critica a atividade dos restauradores, que apenas creditam à história aquilo que foi produzido por alguém renomado: “Se uma cadeira se quebra, é reparada. Se a cadeira é de Brustolon, é restaurada.” (BONSANTI apud VIÑAS, 2005, p.43, tradução nossa). Com isso, questionando esses conceitos, Viñas abre a discussão sobre o objeto a ser conservado

buscando um olhar àqueles objetos que merecem a conservação. Que tipo de objetos deve ser conservado? Que tipo de ação deverá ser empregada em objetos não artísticos? O autor responde esses questionamentos afirmando que os mesmos merecem mais que apenas uma manutenção ou limpeza.

Embora esses conceitos tenham sido questionados, um novo tipo de pensamento substituto tem se espalhado bastante silenciosamente, permeando lentamente o campo. A natureza da conservação dos objetos (objetos dignos de conservação, e não apenas reparo, manutenção, limpeza ou cuidados) é uma questão-chave, porque é muito importante para definir quais os recursos mais importantes para o conservador enquanto realizam o trabalho. (VIÑAS, 2005, p.27).

Vários autores progrediram a expansiva evolução desse conceito. Primeiro a conservação lidava com obras de arte, antiguidades ou bens arqueológicos, posteriormente surgem a conservação dos objetos históricos e por fim objetos culturais. Em um de seus artigos publicados pela Universidade de Victoria, nos Estados Unidos, Viñas exemplifica a trajetória da teoria dos objetos de conservação de forma esquemática (Figura 18).

Figura 18: A evolução dos objetos de conservação



Fonte: VIÑAS, 2004 (tradução nossa)

A terceira parte do livro, abrange a ética na restauração, mostrando as alterações promovidas pela filosofia social no âmbito da cultura. A maneira como a sociedade passa a se comportar ao tempo que vai reconhecendo sua diversidade. Viñas admite que os conceitos subjetivos emergentes do atual entendimento de cultura produzem efeitos também na restauração (CALDAS, 2013). Esta talvez seja sua principal contribuição ao avanço das teorias contemporâneas, traz ao debate a interdisciplinaridade e a sustentabilidade, princípios ainda não reconhecidos no meio. O debate busca encontrar escolhas que atendam melhor ao objeto em questão. Transferindo a ação objetiva, tornando-a subjetiva.

Qualquer que seja o momento na história do objeto escolhido como estado de verdade, para o qual o restaurador pretende devolver o objeto restaurado, está sendo feita uma escolha que inevitavelmente tem um caráter subjetivo. (VINÃS, 2004, p.104).

Com isso, Viñas (2004) afirma que o caráter subjetivo da conservação deve prevalecer sobre os aspectos objetivos, pois avalia que o que caracteriza a restauração não são suas técnicas ou instrumentos, mas sim a intenção com que se fazem as ações. Para ele não depende do que se faz, e sim para que se faz. Apesar de crítico aos teóricos passados, Viñas (2004) também vê o restauro como algo romântico. Seu estudo destaca como essencial o caráter simbólico da restauração, o objetivo de perpetuar a história, que estão pejorativamente ligados à manutenção e recuperação, ligados ao ato técnico de reparar, pintar ou remendar algo que está desgastado.

3.2.2 A construção sobre a construção

A modernidade implica uma reconfiguração na lógica da vida e da produção humana. Em pouco mais de dois séculos modificou-se imensamente todas as formas de produção. Na arquitetura, a mudança foi tão grande que rompeu vínculos milenares com os saberes e fazeres tradicionais e provocou um abismo quase intransponível entre criação e tradição, entre o novo e o antigo (NERY; BAETA, 2015). O olhar para o patrimônio construído, visando preservá-lo e conservá-lo, só se iniciou no movimentado século XIX. Tem seus primeiros ensaios na Revolução Industrial, mas apenas se desenvolve e consolida com as vanguardas do século XX. Segundo Francisco de Gracia (1992), apesar da ideia de modernidade existir desde o Renascimento,

as vanguardas modernas dos movimentos artísticos e arquitetônicos não reconheciam o fato e mantinham uma postura anti-historicista, negando a possibilidade de uma continuidade. Para o autor, gerou-se um impacto irreversível na cultura arquitetônica ocidental, uma sequelela na postura de modificação dos espaços por parte dos arquitetos.

Uma consequência dessa incontinência tem sido a inclinação dos arquitetos para modificar os locais em vez de melhorá-los, sem levar em conta o que o aprimoramento nem sempre acompanha a modificação (DE GRACIA, 1992, p. 20).

De Gracia (1992) é um dos autores mais citados na contemporaneidade, seus ensaios são reconhecidos nas mais importantes faculdades de arquitetura pelo mundo. Professor da Escola Técnica de Arquitetura em Madri, é o autor do livro *Construir en lo construido - La arquitectura como modificación*, importante referência nos artigos científicos das teorias de conservação do patrimônio histórico no século XXI. No livro, ele fala sobre os métodos de abordagem frente à edificação histórica.

O período entre o fim do século XX e início do novo milênio distanciou as cidades dos seus centros históricos. As condições para se habitar os antigos edifícios não satisfaziam mais as necessidades da sociedade e diante da negação dos movimentos artísticos ao patrimônio os tornaram ambientes desocupados. Para De Gracia (1992), a sequelela gerada pelas vanguardas fez com que esse elo de ligação entre a cidade antiga e a cidade moderna. O autor vê a necessidade de requalificação desses edifícios buscando esse convívio com a história.

O centro histórico, por sua consideração do planejamento urbano, promove a busca de mecanismos de inserção na cidade a que pertence, favorecendo

uma reflexão teórica sobre a continuidade de uma tensão regenerada, mesmo considerando-os como totalidades que se desenvolvem dentro de seus próprios limites (DE GRACIA, 1992, p.32).

É necessária a inserção desse patrimônio edificado no cotidiano da sociedade. As teorias italianas se como é necessário distinguir o restauro da construção antiga já está consolidada. A necessidade de ação interventora diante do patrimônio já é clara e aceita pela sociedade, alguns acreditam num restauro mais fiel, outros aceitam novas tecnologias contrastando com o antigo edifício, porém todos concordam que o restauro é uma prática essencial. Agora, é preciso repensar a diversidade de usos que um edifício antigo pode obter. No livro, De Gracia (1992) concorda utilizando das palavras de Aldo Rossi, importante arquiteto do pós-modernismo, em sua crítica aos ensaios de Ruskin.

Penso que é necessário rejeitar o conceito de ambiente tal como foi forjado, nascido muitas vezes de críticas românticas e das páginas, pelos literalmente muito bonitos, de John Ruskin sobre Veneza, muitas vezes são confundidos com o pitoresco, com um gosto sentimental vago pelas partes da cidade em que a situação urbana se degradou. Aldo Rossi (DE GRACIA, 1992, p.33).

Para o autor, é clara a ideia de que a cidade histórica é recuperável, e além disso, pode ser melhorada, porém, para isso, precisa ser reconhecida a apreciação coletiva por ela, quando a nova arquitetura conseguir resolver o conflito entre a modernidade e continuidade. No livro ele fala que a partir de uma interpretação perceptiva comum, a relação estabelecida entre um edifício e a arquitetura preexistente é variável no tempo, obedecendo às alterações significativas que ope-

ram no que é construído.

Embora a história cultural seja, de certo modo, cumulativa e o passado esteja sempre contido no presente, as formas arquitetônicas do passado sobrevivem de maneira ambígua. Eles não carregam seus significados originais - significados intimamente ligados à cultura tecnológica de seu tempo - mas são propostos atualmente em um nível diferente das formas causalmente relacionadas à cultura tecnológica contemporânea (DE GRACIA, 1992, p.55).

Com isso, o autor contesta a necessidade de manter o uso tipológico da edificação. Esta construção, apesar de antiga, mesmo que mantenha o uso tipológico inicial, o que temos diante não é mais seu significado original, não pertence mais ao seu tempo. Para isso, a renovação arquitetônica destes centros históricos se torna viável e coerente. Se o edifício não corresponde mais ao que de fato foi projetado, ou se o seu uso, mesmo que tipológico, já não afaga os anseios da cidade contemporânea é necessária a sua requalificação para conservá-lo. Porém, é preciso analisar o que de fato é possível ser executado em cada edifício em específico, como fala Andrade Júnior (2006), em sua dissertação *Metamorfose Arquitetônica*, referente à produção contemporânea de arquitetura, onde analisa a fala de De Gracia e Aldo Rossi sobre a intervenção.

Entretanto, num dos aspectos mais importantes em qualquer projeto de reciclagem é a questão tipológica: um edifício histórico construído originalmente como convento, por exemplo, se caracteriza por uma sucessão de espaços relativamente pequenos - as celas - distribuídos ao longo de corredores, que por sua vez quase sempre estão organizados através de pátios centrais abertos. Adaptar estes edifícios

para fins novos significa, antes de mais nada, levar em consideração quais os usos possíveis para esta distribuição espacial. (ANDRADE JÚNIOR, 2006, p.62).

De Gracia utiliza de um livro de extrema importância aos estudos contemporâneos da arquitetura, o livro *A imagem da cidade*, de Camillo Sitte, fala sobre a cidade que existe diante dos olhos do espectador. O conceito de se abordar a cidade como patrimônio de conjunto, iniciada por Giovannoni, se consolida por Brandi e passa a ser objeto de ação contemporânea. Utiliza da psicanálise para distinguir experiências arquitetônicas presentes nas cidades históricas e modernas. Um dos grandes ensaios de Sitte, explica sobre a imagem que se é criada sobre a cidade no consciente do contemplador, e a partir deste ensaio, De Gracia (1992) argumenta sobre esta imagem ser mais importante do que o próprio uso do edifício para se perpetuar na história: “O edifício pode participar da cidade através de sua forma como uma imagem” (DE GRACIA, 1992). A ideia dessa intervenção abrupta sobre o patrimônio foi bastante discutida no fim do século XIX ganhando notoriedade nas academias. Os ensaios de Giovannoni são essenciais para as teorias de Sitte e De Gracia. Os autores também concordam com o italiano e seu antecessor, Boito, com a necessidade de se diferenciar o que é antigo e novo numa obra de restauro. O abandono das técnicas e formas tradicionais da arquitetura, identificadas com um passado então diverso do presente, são substituídas gradativamente por soluções construtivas e plásticas modernas da era industrial, contribuindo para a necessidade essencial de se perpetuar nas obras antigas.

De Gracia (1992) aborda em suas publicações exemplos de edifícios contemporâneos produzidos por arquitetos renomados e segmenta alguns métodos de abordagem executados por tais arquitetos.

Os grandes produtores da arquitetura contemporânea realizam obras premiadas e encantam os observadores com edifícios dialogando com o patrimônio histórico. De Gracia (1992) expõe sete frentes de abordagem, instruindo os arquitetos a como agir diante do edifício histórico, sendo elas a Descontextualizada, Contraste, Historicista, Folclórica, Base tipológica, Fragmento e Contextual (ANDRADE, 2006). No livro, utiliza de imagens das obras dos arquitetos exemplificando cada frente de abordagem. As cidades contemporâneas apresentam diversos exemplares dessas obras de arquitetura por todo o mundo, das mais contidas as mais contrastantes que estão sendo cada vez mais aceitas pelas sociedades. Para Andrade, as abordagens propostas por De Gracia (1992), demonstram a necessidade do projeto arquitetônico, enquanto objeto técnico de restauro, estar presente nas discussões da intervenção sejam elas quais forem.

Mesmo naquelas intervenções de adaptação mais conservadoras as necessidades de um novo programa quase sempre exigem modificações que podem ir desde a instalação de ar condicionados até a ampliação da área construída e a total alteração da configuração espacial interna da edificação. Todas estas intervenções são inerentes ao projeto arquitetônico e passam também pela questão do restauro, sem contudo, se limitar a ele (ANDRADE JÚNIOR, 2006 p.66).

Porém, estas ações carregam perigos consigo. Nem sempre as intervenções são congruentes com o edifício. Para isso se consolidar, é preciso um conhecimento implícito do passado. As ações interventoras necessitam de um cuidado com o objeto em questão. Para De Gracia, o maior perigo não é tanto o novo que surge, mas o antigo que desaparece para “fazer o eco ao novo”. O autor acredita que por maior

que seja o apreço pela cidade tradicional, os centros históricos estão submetidos, inevitavelmente, a processos de obsolescência, como qualquer outro objeto material, e é preciso aceitar a presença de uma renovação morfológica. Reconhecer a visão de paisagem como artística. De Gracia (1992), em sua contribuição, abre espaço à discussão sobre os atuais usos do patrimônio construído. Dá a possibilidade de se compreender que novas formas de utilizar do edifício podem ser mais saudáveis à preservação. Manter aquele edifício na paisagem da cidade não significa mais que é preciso manter sua tipologia inicial, é possível transformar uma igreja em uma biblioteca¹ (Figuras 19 e 20). As possibilidades são diversas, pois, segundo o autor, basta que o novo uso se adeque ao antigo edifício e será possível este tipo de intervenção.

O projeto de restauro da Igreja de Vught, do escritório holandês Molenaar&Bol&vanDillen Architects, demonstra o exemplo claro citado por De Gracia e Rossi sobre a possibilidade de alteração de uso de um edifício histórico. Frente ao contexto contemporâneo vivido na Holanda, as igrejas antigas foram ficando cada vez menos utilizadas devido ao crescimento de outras práticas religiosas e o aumento do número de ateus, o que tornou esses edifícios, presentes na paisagem da cidade, subutilizados ou mesmo sem uso. A proposta de transformar uma antiga igreja do século XIX em um centro multifuncional, com uma livraria e museu, foi de fato singular. O antigo edifício voltou a ser utilizado, mas com lojas, cafés, livros e arte, atividades distintas daquela original para a qual o monumento foi construído.

1 Ver projeto Igreja de Vught, Molenaar&Bol&vanDillen Architects, Holanda, 2018

Figura 19: Interior da Igreja de Vught, Holanda, 2019



Fonte: POELSTRA, 2019

Figura 20: Interior da Igreja de Vught, Holanda, 2019



Fonte: POELSTRA, 2019

Portanto, é nítida a contribuição para as teorias contemporâneas da conservação desses dois grandes nomes. De Gracia e Viñas, hoje enriqueceram o debate teórico com novos questionamentos, a necessidade de adaptação da prática de conservação aos anseios do século XXI, criando espaços para alternativas ainda pouco ou não exploradas. Estes autores desmistificam o que muitos consideravam verdades absolutas propostas como normas dos dois séculos de refinamento das teorias da preservação. Tornam o debate subjetivo à história, à constante alteração do modo de vida da sociedade e da cidade. Em meio a movimentos contemporâneos, criticados por falta de identidade na arquitetura, as cidades genéricas perdem sua singularidade cultural arquitetônica, tornando o resgate histórico necessário para conter tal perda (KOOLHAAS, 1998). Diversos edifícios vivem como

espectros na cidade. Referenciam locais, trazem lembranças aos espectadores e testemunham a história diante de sua construção. Compreender o restauro como algo que possa modificar completamente o uso do edifício do Quartel do Derby, em Recife, é perceber as mudanças da cidade enquanto constantes. Se para os autores renomados o que merece ser conservado é subjetivo, o que devemos conservar? Os tijolos e ornatos da obra, ou sua imagem e percepção do edifício na cidade? Se transformar uma igreja em uma livraria, que além de ser aceita naquela sociedade, contribui para a conservação do patrimônio, as possibilidades se tornam infinitas. O objeto deixa de ser evidenciado enquanto material e a mensagem que ele transpassa é o que deve ser conservado.

Com isso é possível questionar ainda mais os usos dos edifícios, se o objetivo da conservação é permanecer aquela imagem da cidade enquanto subjetiva e ultrapassar gerações, podemos considerar que não é mais preciso que ele esteja em desuso ou em processo de arruinação para modificá-lo. A partir do momento em que sua atividade não corresponde mais com o contexto no qual ele está inserido, ele entra em um processo de ruína subjetiva na cidade, não por perder sua materialidade física, ele se apaga da memória daqueles para os quais o edifício está sendo conservado. O caso da Igreja de Vught é um exemplo claro de que não é mais necessário esperar o arruinação do edifício, é possível conservá-lo enquanto ainda está vivo na consciência do povo e modificar o seu uso torna uma solução completamente saudável.

A possibilidade de repensar os usos dos edifícios históricos, modificar completamente sua função na cidade pode ser uma alternativa para a conservação do legado arquitetônico da humanidade. Diversos edifícios antigos espalhados pelo planeta estão sujeitos a esse

exercício. O caso do Quartel do Derby é, de fato, um exemplo que vale o questionamento. Frente ao contexto no qual ele está inserido, sua função persiste. Porém, o plano urbanístico do Parque Capibaribe, que avança em direção ao centro da cidade ao longo do rio, esbarra neste quartel, sem possibilidade de continuidade para a Praça do Derby, local de grande relevância para a cidade devido à concentração de fluxos e aos eventos cívicos que abriga. Desta forma, o quartel não é aberto ao público devido à sua função militar, está em vias de se tornar uma barreira entre dois grandes espaços urbanos importantes, no que se refere ao amplo uso público inerente ao referido plano urbanístico. Neste contexto, vale à pena manter o uso militar em uma área cujo contexto urbano e cultural está em processo de profunda transformação: Ou seria pertinente dar um novo uso a este palácio de modo a conferir-lhe um status de monumento de união entre duas grandes áreas livres públicas, dotando-lhe de um novo uso de acesso igualmente público?



CAPÍTULO 4. A PROPOSTA

Diante das heranças culturais em seu entorno e das transformações urbanas de grande vulto que ocorrerão ali, o edifício se mantém como monumento histórico na cidade do Recife. O quartel, construído à Força Pública, ainda mantém sua função inicial e marca a Praça do Derby com sua elegante construção. Hoje, o edifício abriga o Comando Geral da Polícia Militar de Pernambuco. O prédio, executado no fim da década de 1920, é um palacete que representa uma época de ascensão econômica e cultural da cidade, com adornos exagerados do estilo eclético, simbolizam a riqueza do estado e a necessidade de demonstrar isso em edifícios na época, assim como ocorreu nos demais centros urbanos do país. O edifício, datado da mesma época do Palácio da Justiça, é um belo exemplo do ecletismo no Recife, cuja rica decoração externa e sua construção em concreto marcam o período pré-moderno. Fisicamente, o edifício está em bom estado de conservação, ao menos nas fachadas, mas seu interior sofreu adaptações em épocas distintas.

O século XXI trouxe consigo diversas mudanças na cidade, após séculos de evolução social, os questionamentos perante o novo milênio não poderiam estar dissociados disso. A sociedade passou a ver a cidade com novos olhares, relativamente distantes dos progressistas modernos. As conferências internacionais passam a tratar as cidades buscando modos de vida mais saudáveis para a humanidade, fazendo surgir o conceito de cidades caminháveis (SPECK, 2013). Hoje, a busca por mobilidades alternativas se tornou prioridade para muitas cidades ao longo do planeta. Métodos distintos dos automóveis convencionais são uma alternativa saudável para o transporte cotidiano e, pensando nisso, muitos gestores municipais passaram a adotar esses princípios ao planejamento de suas cidades. Após anos de pesquisas, debates teóricos e apresentações, a Prefeitura da Cidade do Recife

anunciou o projeto do Parque Capibaribe, em parceria com o grupo de pesquisas INCITI e a Universidade Federal de Pernambuco. Previsto para ser finalizado em 2037, o projeto vem sendo objeto de estudos e premiações no exterior e já é uma realidade na cidade. O parque, que vem sendo realizado em etapas, já entregou dois pontos que hoje são aceitos e utilizados pela população. A introdução desse tipo de equipamento cultural na cidade tende a modificar o contexto de tudo em torno do projeto, visto que uma das ideias centrais é integrar a cidade às margens do Rio Capibaribe, principalmente no âmbito da criação e utilização de espaços livres públicos. Neste contexto, o quartel está localizado em um ponto chave, entre o Parque e a Praça do Derby, na convergência de importantes eixos viários da cidade.

A herança histórica do edifício é nítida e a necessidade de conservar e preservar este bem é indiscutível, não apenas pela instância histórica, mas também pela instância estética, atendendo em plenitude à teoria de Brandi. Porém, diante do debate contemporâneo acerca do aumento da disponibilização de espaços de uso público, da relevância e simbolismo da Praça do Derby e do grande vulto do plano urbanístico do Parque Capibaribe, é possível considerar que, frente às teorias de preservação mais amplamente aceitas, o palácio que atualmente abriga um batalhão da Polícia Militar de Pernambuco tem mais relevância enquanto monumento que coroa o eixo viário que cruza a Praça do Derby, e ornamenta a margem do Rio Capibaribe, do que pela instituição que abriga. Esta ideia é reforçada pelo fato de que o uso atual deste edifício não permite quaisquer possibilidades de integração entre a praça e o parque, no que se refere à passagem, permanência e contemplação dos cidadãos. Em outras palavras, impede a integração de dois espaços públicos de grande relevância. A demolição não é admissível, como ocorreu no episódio da abertura

da Avenida Dantas Barreto, principalmente se forem consideradas as teorias apresentadas neste trabalho, mas diante de tantos equipamentos culturais, a expansão do Parque Capibaribe, os investimentos em mobilidade urbana executados em sua volta, a requalificação do edifício do quartel para adoção de um novo uso compatível com as transformações urbanas se torna uma solução viável, amparada por teóricos como Viñas (2004). Transformar um antigo palácio que abriga a polícia militar num equipamento cultural abriria suas portas ao público. A inserção deste edifício no tecido urbano cultural que há em volta movimentaria a área trazendo um novo contexto, com potencial social, turístico e econômico. A Praça do Derby, projetada por Burtle-Marx, que hoje é mais utilizada como área de trânsito de pessoas, se tornaria um local de contemplação e o edifício que é visto de longe pela população, seria experienciado de forma mais tátil.

Portanto, além do Quartel estar localizado num ponto chave para as novas ações de planejamento urbano que estão sendo realizadas na cidade, sua percepção tátil não é permitida pelo próprio uso que está sendo abrigado pelo edifício do quartel.

4.1 Casos Exemplares

Os casos exemplares servirão como alicerce para embasar a proposta de requalificação arquitetônica no atual Quartel do Derby. Utilizando de projetos de intervenções em edifícios históricos é possível perceber o leque de possibilidades que um batalhão da polícia pode abrigar. Para os exemplos, serão abordados dois projetos realizados neste século, ambos se encontravam em contexto e situações distintas e receberam novos usos possibilitando alongar a vida dos edifícios. É válido ressaltar que os edifícios que serão analisados neste capítulo estavam em desuso e sua vida estava comprometida a arruinar com o tempo, o Quartel do Derby é um caso isolado, pois o edifício está em pleno uso, porém seu contexto indica que não corresponde mais com tal função, abrindo a janela de questionamento sobre uma possível intervenção.

O primeiro caso, o Shopping Curitiba, se assemelha mais à proposta pretendida ao Quartel do Derby. O antigo batalhão paraense passou a abrigar um *shopping center* nos moldes da contemporaneidade. O edifício que no fim do século XX deixou de abrigar um batalhão do Exército Brasileiro, por um tempo se tornou museu e após alguns anos se tornou um dos maiores empreendimentos da cidade de Curitiba.

O segundo caso, o Museu Militar de Dresden, na Alemanha, é um dos projetos de intervenção no patrimônio histórico mais estudados do século XXI. Projeto do renomado arquiteto Daniel Libeskind, o museu é um dos mais visitados do país, por seu acervo importante para a cultura alemã e pelo arrojado projeto desconstrutivista do arquiteto polonês.

Ambos, permitirão um novo olhar sobre a construção em ques-

tão neste trabalho, abrangendo as teorias tradicionais e contemporâneas da conservação do patrimônio histórico para utilizar um edifício histórico para dar um novo significado ao local, em consonância com as pretendidas transformações urbanas. As intervenções que serão abordadas demonstram um sucesso na conservação do edifício e são exemplos claros de boas práticas arquitetônicas de acordo com os padrões instrutivos e normativos dos teóricos abordados ao longo do texto.

4.1.1. O caso do Shopping Curitiba

O edifício que hoje abriga um dos mais tradicionais pontos de comércio da cidade, o Shopping Curitiba, foi projetado pelo engenheiro Francisco Monteiro Tourinho. O antigo quartel, teve sua construção concluída em 1896, exatos cem anos antes da inauguração do atual centro comercial. O Quartel abrigou a sede do Comando da 5ª Região Militar do Exército Brasileiro por quase um século, mas em 1989 o Exército Militar iniciou as negociações à venda do local.

Figura 21: Vista aérea do então quartel do Exército, 1996



Fonte: GAZETA DO POVO, 2013

Em 1991, a necessidade de modernização dos edifícios militares e as novas demandas da cidade fizeram com que o batalhão deixasse o edifício do quartel e passasse a abrigar uma nova sede afastada do centro urbano. O batalhão que mantinha o Centro de Preparação dos Oficiais da Reserva (CPOR) se transferiu para o 5º Batalhão Logístico do Paraná, considerado ponto estratégico em relação às saídas de rodovias, devido à dificuldade de transporte de materiais pesados pelo centro da cidade, como diz o oficial do exército no documentário Curytiba - Sinais do Tempo:

Ele teve a necessidade de sair dali, como muitas unidades militares, vai acontecer isso, eles tem que sair do centro e ir para locais mais afastados (Curytiba - Sinais do Tempo, 2013).

Segundo a reportagem da Folha de São Paulo a primeira função que se instalou ali após a venda foi o Museu David Carneiro. Porém, com pouco tempo de uso, em 1994 o museu foi fechado. Com o fim do museu, em 1996 foi inaugurado o Shopping Curitiba, um investimento de mais de 75 milhões de reais (SANTANNA, 1996). Pouco mais de uma década após a inauguração, o edifício foi revitalizado e com isso recebeu um ar contemporâneo com novas iluminações, revestimentos de piso, escadas rolantes, etc.

Inaugurado em 26 de setembro de 1996, localizado no antigo imóvel militar do século XIX, o Shopping Curitiba é um dos shoppings mais queridos pelo público curitibano. Em 2007, um grande processo de revitalização se iniciou para deixá-lo ainda melhor. Cerca de 9 milhões de pessoas passam pelo Shopping Curitiba no ano, 750 mil ao mês, o equivalente a metade da população de Curitiba. (SHOPPING CURITIBA, 2020).

O edifício passou por um processo de reciclagem, que gerou frutos à vida do edifício (LERNER, 2013). Como dito pelo site oficial do Shopping Curitiba, cerca de 750 mil pessoas transitam ali por mês, chegando à marca de 9 milhões de pessoas por ano. Para abrigar o novo estabelecimento, pouco do antigo edifício restou de pé. A intervenção custou a maior parte dos 14 mil metros quadrados do quartel, apenas suas fachadas e uma praça interna foram mantidas, o resto foi demolido para atender à demanda do programa de necessidades do projeto.

Figura 22: Vista aérea do Shopping Curitiba, 2013



Fonte: ELCO, 2013

O Shopping foi projetado nos moldes dos centros comerciais contemporâneos, diferentes dos antigos shoppings, com clarabóias zenitais (Figuras 25 e 26), possibilitando a captação da luz natural, permitindo a noção de tempo e clima fora do estabelecimento (LERNER, 2013). Existem ali mais de 140 lojas distribuídas em três pavimentos, estacionamentos para cerca de mil veículos e praça de alimentação com capacidade para 1270 lugares em uma área de 85 mil metros qua-

drados. O Shopping também abriga seis salas de cinema e serviços diversos para a população. O edifício também recebe frequentemente eventos culturais e pequenos shows no Largo Curitiba.

Figura 23: Fachada frontal do Shopping Curitiba, 2019



Fonte: FIEDLER, 2019

A fachada do edifício e o bloco frontal do antigo quartel possuem certa semelhança com o Quartel do Derby, apesar da área do antigo batalhão de Curitiba ser maior. As datas da construção dos dois edifícios são próximas, com a diferença de três décadas, mas com estilos similares entre si, sendo ambos os prédios ecléticos. Além da semelhança da planta e fachada, o contexto no qual o edifício para-

naense se encontrava é bastante relevante para a proposta ao centro pernambucano. O antigo quartel de Curitiba passou a se tornar incoerente com as transformações que ocorreram ao longo do tempo no tecido urbano no qual ele estava inserido. O uso do edifício perdeu o contexto perante às ações de planejamento urbano que estavam sendo executadas ali e se tornou uma oportunidade para uma requalificação. A leitura dessa perda de contexto no caso de Curitiba é parecida com o que está se desenhando para ocorrer com o Quartel do Derby. O antigo batalhão curitibano precisou ser realocado em outra edificação que abrigava melhor o seu contingente, ao passo em que permitiu uma melhor inserção do edifício com sua nova realidade local.

Figura 24: Praça interna do Shopping Curitiba



Fonte: MOPA, 2018

A nova construção se mostra evidente sobre o edifício antigo. Manter alguns importantes elementos para a memória do edifício como a fachada (Figura 23) e a antiga praça interna (Figura 24) fizeram com que sua vida prolongasse na memória da cidade. Aos antigos oficiais que ali serviram ao Exército Brasileiro, o novo shopping é uma forma de relembrar os antigos momentos ali passados como no depoimento feliz do ex-atleta de vôlei de praia Emanuel Rego:

Toda vez que eu olho o Shopping hoje em dia eu lembro do quartel, lembro das estruturas, lembro dos dias que tirei guarda e que tive que passar a noite no quartel, então é interessante guardar essas memórias e as pessoas que vêm hoje no shopping nem imaginam o que era antes. (REGO, 2013).

Figura 25: Interior do Shopping Curitiba



Fonte: FECCI, 2015

Figura 26: Interior do Shopping Curitiba



Fonte: RENNE, 2018

Portanto, este caso nos leva a compreender a possibilidade que existe de um edifício construído para um quartel do Exército Brasileiro passe a abrigar uma nova função de empreendimento comercial, uma função completamente distinta do que se havia imaginado para aquela construção, adaptando os espaços internos com as demolições necessárias.

4.1.2. O caso do Museu da História Militar de Dresden

O Museu da História Militar da cidade de Dresden, na Alemanha, foi construído por volta dos anos 1870, sendo um belo exemplar estilo neoclássico alemão. O edifício foi projetado para abrigar o arse-

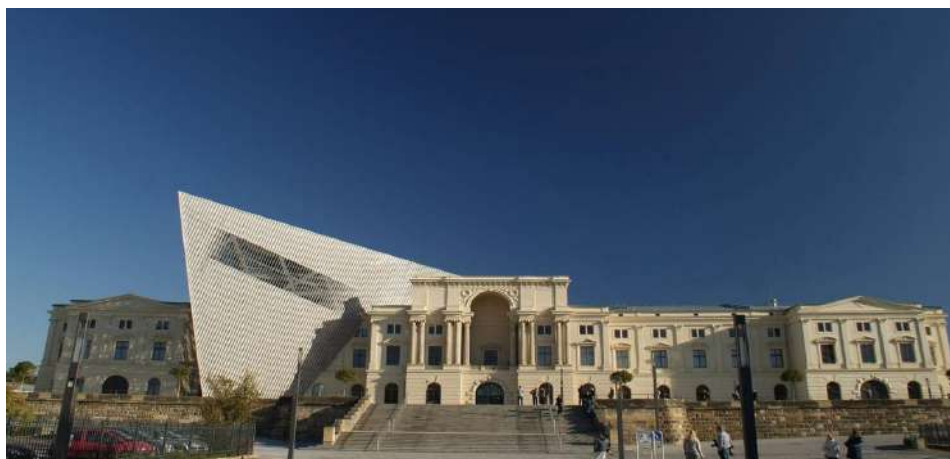
nal saxão, porém, em 1897 passou a se tornar museu e contar a trajetória belicosa da Alemanha. Sua localização afastada do centro urbano fez com que o prédio resistisse aos bombardeios que, no período das guerras, atingiram as cidades alemãs. Os contextos históricos vividos por esta construção modificaram o seu acervo ao longo do tempo. O museu exibiu primeiro um acervo saxão, depois nazista, soviético e por fim alemão oriental. Com a queda do Muro de Berlim, em 1989, o museu foi fechado e, em 2001, foi decidida a construção de uma extensão para a reabertura do edifício para refletir sobre o que o país viveu nas guerras (LIBESKIND, 2011).

Essa arquitetura é apropriada para sua função, combinando rigor geométrico com revestimentos claros. Enquanto o museu fica a um passeio de bonde do centro, mostra uma Dresden diferente, além da cidade turística revivida. Quando Libeskind o concebeu a expansão há uma década, ele estava em um pico criativo. Isto mostra, neste contexto, com o peso da história, este museu militar é uma força para o bem (PEARMAN, 2011).

A intervenção, projetada pelo arquiteto Daniel Libeskind, se instala sobre o edifício de forma impactante. A leitura realizada para o projeto pelo arquiteto, demonstra as complicações da guerra e da violência, e para isso, segundo o arquiteto, a arquitetura precisa ousar e provocar os espectadores, acrescentando elementos que possam atrair o visitante, além dos elementos remanescentes da edificação antiga. Libeskind projeta uma enorme estrutura de aço e concreto que atravessa a fachada do antigo edifício, intervindo na simetria neoclássica do museu (Figura 27). O arquiteto polonês, conhecido por seus arrojados projetos como o Museu da Judaica de Berlim, explica que

essa provocação é de fato proposital: “Eu queria criar uma interrupção ousada, uma deslocação fundamental, penetrar o arsenal histórico e criar uma nova experiência” (LIBESKIND, 2011). O bloco realizado para a expansão do museu tem seus ângulos agudos e pontas afiadas, que transmitem a dor e a crítica realidade das guerras às quais o museu se refere. A ideia de Libeskind era que a extensão lançasse uma nova luz sobre a violência, ao mesmo tempo em que toma uma abordagem antropológica buscando afastar a sociedade alemã dos governos totalitários.

Figura 27: Fachada Frontal Museu da História Militar



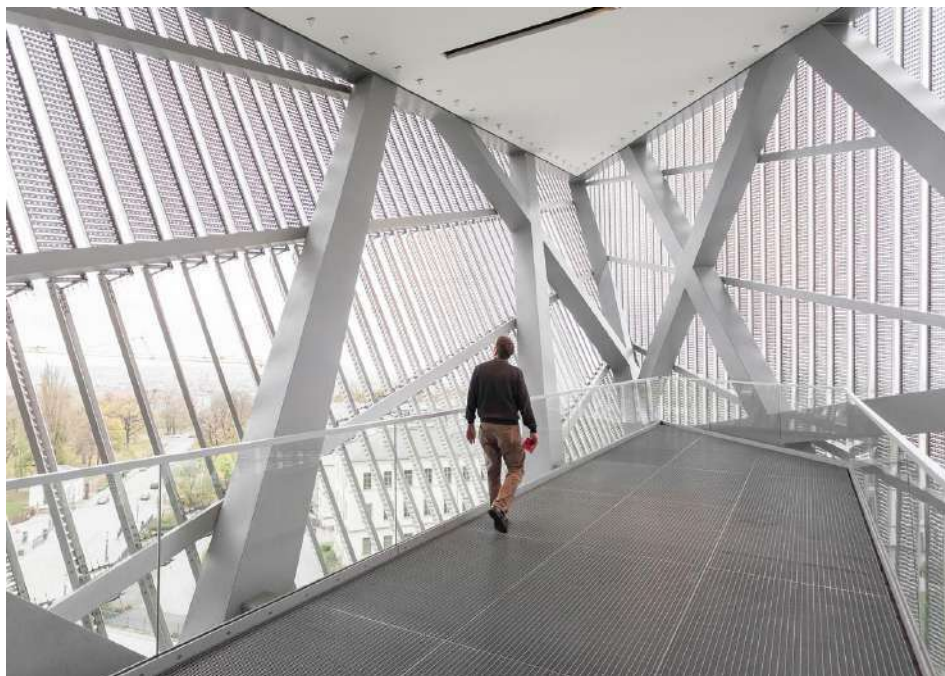
Fonte: RENNE, 2018

O edifício de 18 mil metros quadrados oferece duas experiências ao espectador, de um lado, a história cronológica da Alemanha em guerras, com a ênfase no século passado, e de outro lado, a estrutura projetada por Libeskind, sendo clara a distinção dos séculos. O museu abriga mais de 10.500 artefatos militares, desde o século XIV aos dias atuais. A nova plataforma (Figura 28) projetada na extensão

tem mais de 30 metros de altura e de lá é possível ter uma bela vista do centro da cidade de Dresden. Do alto do edifício a vista mostra a reconstrução de grande parte dos edifícios destruídos na segunda guerra (DUTRA, 2011).

O design corajosamente interrompe a simetria clássica do edifício original. A extensão, uma enorme cunha de vidro, concreto e aço de 14.500 toneladas de cinco andares, atravessa a ordem clássica do antigo arsenal e através dela uma plataforma de visualização de 82 pés de altura oferece vistas deslumbrantes da moderna Dresden, enquanto aponta para a triangulação da área onde o bombardeio começou em Dresden, criando um espaço para reflexão (STUDIO LIBESKIND, 2001).

Figura 28: Plataforma Extensão



Fonte: TIMPAU, 2018

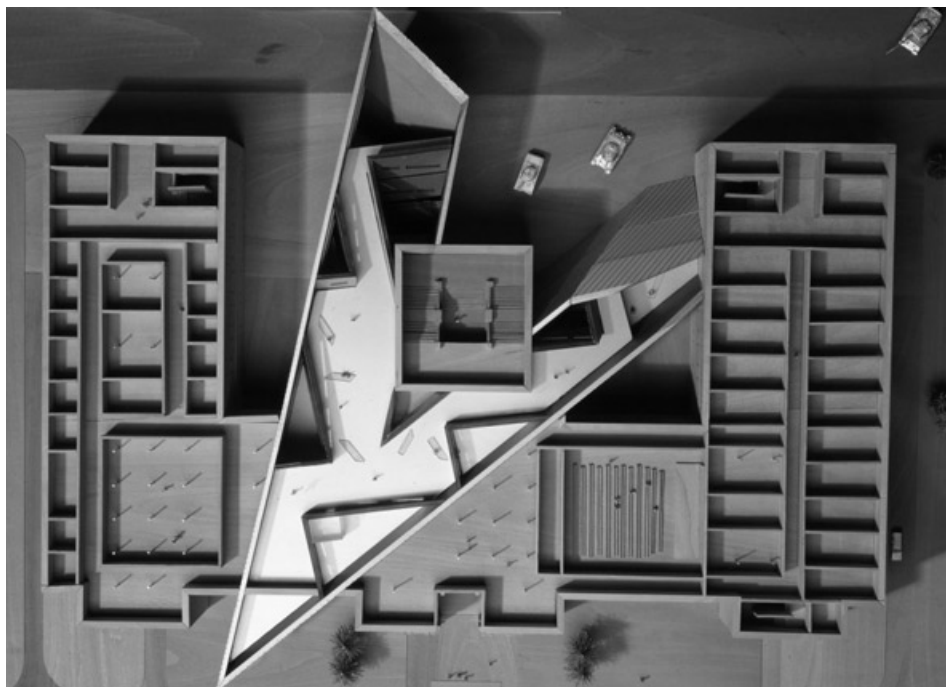
De fato, a proposta de intervenção realizada por Libeskind é de grande impacto no antigo edifício. A nova estrutura penetra o museu esclarecendo a distinta data de construção dos blocos. Na nova extensão não há falsos históricos, a tecnologia escolhida pelo arquiteto deixa evidente a diferença de materiais e estilos ali expostos, acobertado pelas teorias da preservação do patrimônio, Libeskind deixa claro a concordância com instruções como expor a diferença temporal entre as obras argumentado por Boito no século XIX e mantido pelos teóricos sucessores. A aceitação por parte do público trouxe uma boa popularidade ao edifício, levando a cidade alemã a entrar na lista dos 41 lugares a se conhecer em 2011, realizada pelo jornal americano *The New York Times*.

Apesar da semelhança estética e espacial do projeto inicial do atual Museu da História Militar, ele se difere do Quartel do Derby em alguns aspectos. A princípio, o edifício em questão também foi projetado para servir ao poderio militar, ambos têm sua data de construção relativamente próximas, porém, a sua requalificação do edifício alemão para se tornar museu foi pouco tempo após a construção. Em segundo lugar, transformar um edifício em museu se torna uma tarefa menos complexa ao arquiteto, pois museus tem maior facilidade de adaptação em relação a um centro comercial como o caso do Shopping Curitiba. Prova disso é a intervenção proposta ao museu de Dresden não foi necessária uma demolição de grande vulto como no caso do centro comercial curitibano, apenas foi demolido o necessário à instalação da nova extensão projetada pelo polonês (Figura 29).

Com isso, é possível compreender a importância de uma intervenção em um edifício histórico, o atual museu, que estava fechado, foi reaberto a partir de uma nova proposta de extensão do antigo edifício. Contando a história bélica alemã, o arquiteto conseguiu propor

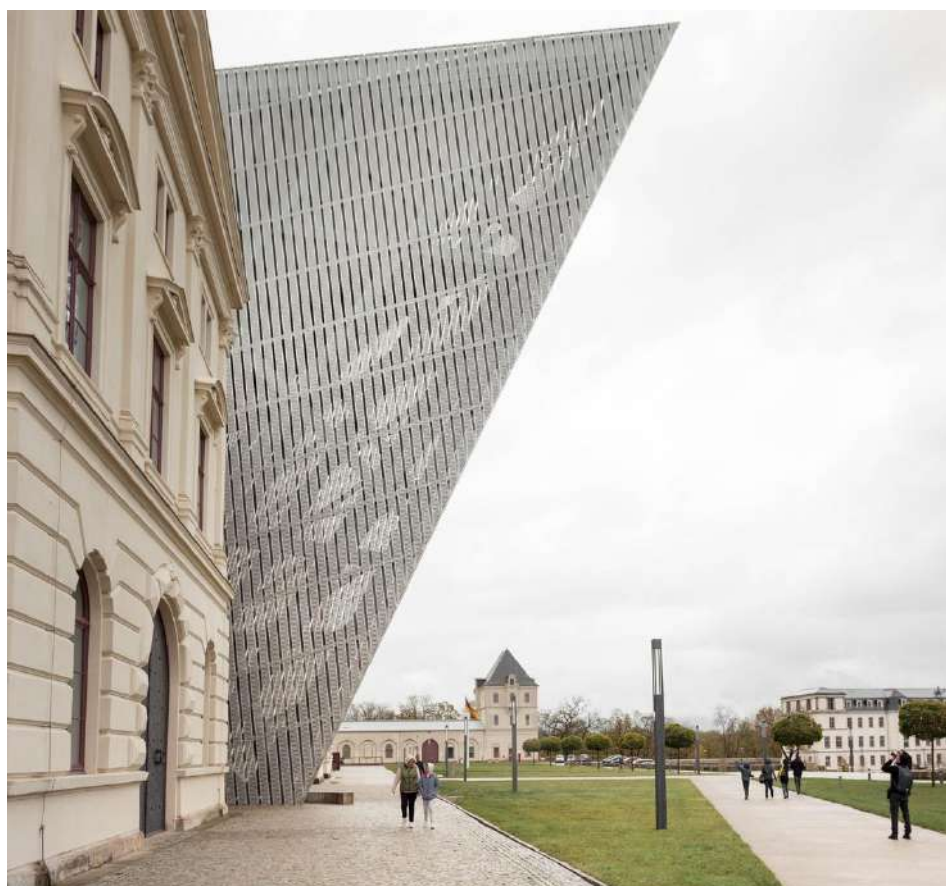
espaços para que as pessoas reflitam sobre os trágicos acontecimentos do século passado, aproximando a população a este tema incômodo além de tornar a cidade que o abriga num dos pontos mais visitados do país, reescrevendo a história do prédio, perpetuando-o na memória.

Figura 29: Maquete Volumétrica



Fonte: STUDIO LIBESKIND, 2011

Figura 30: Fachada do Museu da História Militar



Fonte: TIMPAU, 2018

Figura 31: Fachada Frontal Museu da História Militar



Fonte: TIMPAU, 2018

Figura 32: Interna Museu da História Militar



Fonte: TIMPAU, 2018

Figura 33: Interna Museu da História Militar



Fonte: TIMPAU, 2018

4.2 Aspectos Normativos e Legislativos

O edifício, que está localizado na Rua Amaro Bezerra, s/n, no bairro do Derby, no centro da capital pernambucana, faz parte da Zona de Urbanização Preferencial a ZUP 1, dentro da micro-região 3.1 na RPA Noroeste da cidade do Recife. Apesar do estímulo à urbanização na ZUP 1, o prédio é tombado em nível estadual pela FUNDARPE, órgão subordinado à Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco, mantendo-o protegido perante aos órgãos competentes. O edifício foi tombado em 18 de setembro de 1979, nos termos da Lei Estadual nº 7.970 pelo então governador da época Frederico Pernambucano de Mello. O decreto resolveu tomar o quartel, construído sobre as ruínas do antigo Mercado Modelo Coelho Cintra, por todos os acontecimentos naquele local desde o início dos primeiros hipódromos e por sua notável arquitetura eclética construída para abrigar o batalhão da Força Pública em 1927, como citado no Processo de Tombamento 430/92 e apenas foi consolidado em 18 de outubro de 1994.

O processo de tombamento realizado para o edifício do quartel, delimita a área de entorno nos limites do lote onde está localizado o batalhão, nos limites da rua Amaro Bezerra, e a margem do Rio Capibaribe. Apesar do polígono estabelecido pela FUNDARPE, no documento está escrito que apenas está sob proteção de tombamento o edifício do quartel e seu acervo, visto que o antigo prédio também abriga um museu da história da polícia e possui objetos bélicos e militares com valor à corporação e à história do estado de Pernambuco. Além de também estar ao lado do Cine Teatro do Derby, edifício que está em processo de tombamento pelo mesmo órgão estadual.

É válido ressaltar que o quartel está localizado em uma área delicada ao patrimônio, além de seu tombamento em nível estadual, o edifício está implantado no polígono de proteção da Praça do Derby, patrimônio tombado em nível federal pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o IPHAN. A praça, é tombada enquanto acervo urbanístico de Roberto Burle-Marx, arquiteto paisagista, renomado com projetos realizados no mundo todo, viveu na cidade do Recife e deixou um acervo importantíssimo

para a história da arquitetura nacional.

Portanto, é preciso compreender que ações interventoras neste edifício, passarão pela avaliação técnica e recomendação de ambos os órgãos responsáveis pela salvaguarda do acervo cultural brasileiro, tanto em nível estadual como federal. O edifício já é consolidado enquanto patrimônio edificado da cidade do Recife e do estado de Pernambuco.

4.3 O Mercado do Derby

Conservar o patrimônio histórico é um dever essencial para a progressão cultural de um povo. A identidade de uma cultura é a marca da sociedade que ali vive e alguns fatores contribuem para essa expressão final. A arquitetura, como já visto neste trabalho, tem um papel fundamental à história. Alguns outros fatores detêm da mesma importância dos edifícios para contar às próximas gerações o que ali foi vivido. A junção de fatores materiais e imateriais possuem o poder de transmitir algo singular, detalhar com sensações e emoções as passagens que ali viveram e percorreram os séculos do tempo. Talvez sejam esses dois atores os mais importantes nessa narrativa, a arquitetura e a gastronomia. Ambos aspectos culturais transmitem os ideais de um povo e a diversidade de sua terra e tecnologia.

Com a arquitetura, podemos compreender os materiais que ali existem, as expressões estéticas daquela sociedade, como se comportam nos espaços projetados e como convivem com a sua cidade. O papel da arquitetura, como abordado por Ruskin (1880), é da mais pura forma de se transmitir às gerações o que aquele povo produziu enquanto cultura. Ruskin (1880), que trata a arquitetura de forma romantizada trás este conceito como papel fundamental de sua teoria e que até hoje, mais de um século após seus ensaios, se mantém sólido nos debates acadêmicos. Assim como a arquitetura, a gastronomia transmite toda diversidade de um povo, consagrando-se como patrimônio imaterial. Por ela é possível conhecer a fauna e flora daquele lugar, compreender como aquele povo cumpre um dos pilares da vida humana, como se alimentam e compartilham dessa experiência fundamental da vida. O Iphan já registrou diversos alimentos como patrimônio cultural imaterial, o Dreceto nº3.551/2000 rege o processo

de reconhecimento dos bens culturais como patrimônio imaterial e estabelece a obrigação do Estado de inventariar, documentar, produzir conhecimento e apoiar a dinâmica dos bens culturais imateriais (SANTILI, 2015).

Para o Iphan, a comida e seus modos de produção e consumo serão sempre considerados como parte do registro de celebrações, lugares e formas de expressão, ou como parte de sistemas agrícolas ou culinários, nos quais sejam identificados e claramente descritos os conhecimentos, saberes e técnicas implicados nos processos de seleção, apresentação, produção e/ou obtenção de alimentos e seus modos de preparação e consumo, relacionados a grupos e/ou comunidades que lhes atribuem sentido e significado. Assim, seu valor cultural e patrimonial não reside em um prato típico ou em sua receita, mas nas práticas de comensalidade, nos rituais e nos significados que lhes são atribuídos (SANTILI, 2015, p. 14).

Com isso, surge a ideia de unir esses dois fatores em um projeto de intervenção no atual Quartel do Derby, que passará a se chamar de Mercado do Derby. A história que existe ali e o edifício do quartel como testemunha é essencial para contar os marcos acontecidos naquela antiga campina. O Quartel tem um potencial arquitetônico de grande relevância à cultura recifense, tanto na questão de ser um belo exemplar do estilo eclético na cidade como seu potencial estratégico para o planejamento urbano do Recife. A interligação de malhas viárias que acontecerão com a execução da proposta e a finalização do Parque Capibaribe poderá trazer uma nova forma de se utilizar a cidade e o Derby, como centro de mobilidade urbana, acolherá diversos modais considerados alternativos ao transporte urbano. Portanto,

com toda produção realizada neste trabalho e os possíveis benefícios à metrópole do Recife em termos de cultura, economia, mobilidade e turismo, é relevante o questionamento de seu uso atual.

Além do potencial urbanístico, o edifício em si é o grande foco da proposta, seu potencial arquitetônico é muito abrangente, embora as intervenções que foram executadas ao longo das décadas tenham causado malefícios ao patrimônio histórico. Diversos anexos foram construídos para atender às funções administrativas do batalhão, porém foram executadas sem levar em conta uma articulação harmônica com o prédio principal. Uma das intervenções realizadas é de fato a mais relevante, que consiste na execução de uma laje que divide os dois corpos laterais do edifício, comprometendo a abertura das grandes e marcantes janelas do quartel. Algumas das construções são interessantes isoladamente, como o caso do Cine Teatro, o teatro, que hoje está fechado, fica localizado ao lado do quartel é um equipamento cultural que foi muito utilizado e tem grande relevância à cidade além de já estar em processo de tombamento pela FUNDARPE, mesmo órgão que protege legalmente o quartel. Algumas destas intervenções que foram feitas no edifício contam sua narrativa histórica enquanto linha temporal, porém comprometem o funcionamento das esquadras das fachadas e diminuem a altura dos ambientes. É possível compreender a necessidade que houve para que elas fossem feitas, pois um quartel construído no início do século XX não atenderia mais à todas as necessidades de um batalhão do terceiro milênio e se torna natural realizá-las.

A intervenção no quartel, busca ressignificar a área em questão abordando os temas teóricos da conservação do patrimônio, para consolidar aquele conjunto urbano em um fator turístico à cidade. A ideia é reinserir o edifício do quartel no tecido urbano de forma que

o acesso público seja permitido e que se torne um local de cultura e lazer trazendo a população recifense e o turismo para contemplar a história ali passada, bem como uma plena utilização do seu entorno. Para requalificar o edifício a proposta traz este novo uso, que se assemelha com o antecessor Mercado Modelo Coelho Cintra, o mercado de Delmiro, buscando unir a história que se perde deste período áureo do bairro com o atual edifício realizado para a Força Pública na década de 1920, além de conectar a Praça do Derby à margem do rio através do Parque Capibaribe.

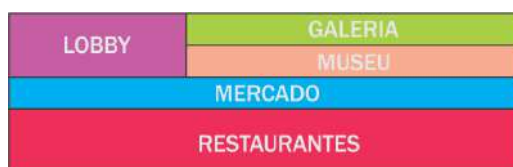
Realizar uma intervenção em um edifício como este é de fato uma tarefa bastante complexa ao arquiteto. Os casos exemplares utilizados neste trabalho ilustram possibilidades e caminhos que esta requalificação poderia seguir. A proposta do quartel percorre as teorias da preservação nas ações interventoras que serão realizadas, compreendendo as necessidades do novo programa em questão. Para abrigar o novo uso, a planta do edifício precisará ser repensada, manter o edifício como está não é viável para a adaptação ao novo uso nos moldes do que será proposto. Para isto, será realizada a demolição da laje descaracterizante que foi construída em uma das intervenções e a demolição das paredes internas das alas laterais, visto tais paredes não são estruturais. A ideia é criar pavilhões nos corpos laterais do projeto para abrigar os novos restaurantes de culinária local contemporânea e as mesas coletivas que existirão ali. A abertura dessas alas permitirá a retomada do funcionamento das janelas das fachadas. Nas duas extremidades dos dois blocos laterais, serão propostos mercados públicos de produtos orgânicos de pequenos produtores agricultores em uma delas e na outra um mercado de artesanato regional, ativando a economia local e trazendo à capital mais um equipamento que acolhe a cultura pernambucana.

O corpo central do edifício sofrerá pequenas intervenções, como a reutilização das salas de alojamento e telefonia para se tornarem banheiros coletivos atendendo às necessidades do mercado nos pavimento térreo. Nos dois pavimentos superiores as paredes internas descaracterizantes serão removidas para reaver a compartimentação original. Nestes dois pavimentos superiores será proposta uma galeria com a exposição da história de todo conjunto do Derby em um deles e no outro uma galeria de arte contemporânea com exposições temporárias, ambos equipamentos culturais buscam aproximar o público do edifício através da arte e história, contando o que ali se passou e o que passará.

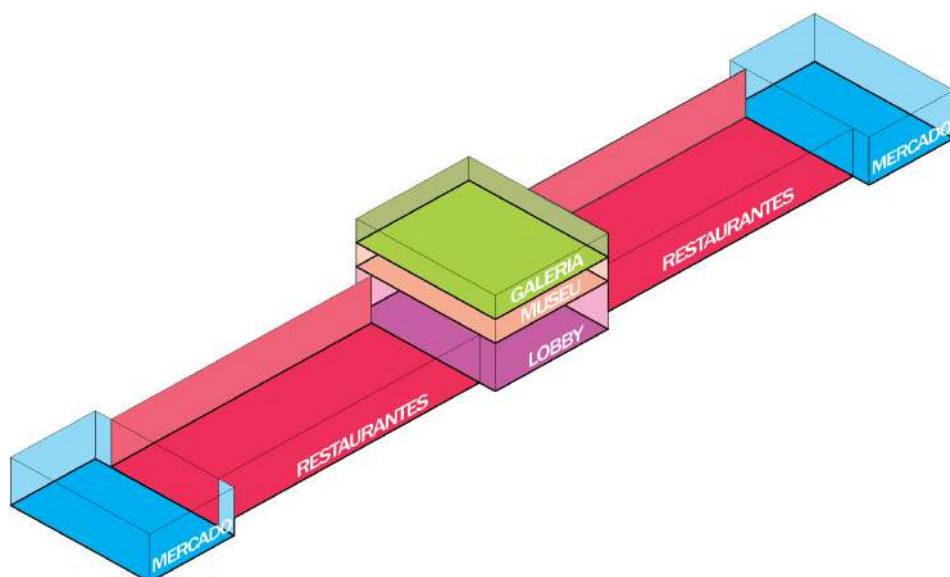
O edifício também se tornará museu de sua própria história além de receber novas expressões culturais, reafirmando sua condição enquanto marco cívico da metrópole pernambucana. No primeiro pavimento também está na proposta um pequeno café com culinária local com vista à Praça do Derby. As demolições que serão realizadas serão apenas internas, preservando as fachadas do edifício como no caso exemplar do Shopping Curitiba, apresentado neste trabalho. As ações realizadas no shopping permitiram que o edifício se perpetuasse se adequando às novas necessidades do século XXI.

As demolições visam abrir espaços necessários para o pleno funcionamento do novo mercado e preservam os elementos essenciais para a transmissão cultural do edifício.

Figura 34: Distribuição proporcional Mercado do Derby



Fonte: Autor, 2020

Figura 35: Distribuição espacial Mercado do Derby

Fonte: Autor, 2020

A atual coberta do Quartel do Derby é descaracterizante, composta por telhas de fibrocimento, e sua estrutura não foi possível ser inspecionada. Entretanto, a proposta de intervenção apresenta uma nova laje horizontal, no nível da calha, onde normalmente se estruturam as cobertas originais dos edifícios antigos. Sobre esta laje, repousará uma clarabóia para permitir a incidência de luz natural no interior das alas laterais, demarcando, interna e externamente, um marco arquitetônico da contemporaneidade da intervenção e, também, um referencial estético de resignificação e atração do público. A forma da claraboia surge a partir de diagramas geométricos (figura 35) oblíquos, assim como ocorre na intervenção realizada por Libeskind, abordada neste trabalho como caso exemplar. A ideia é que a nova forma se torne um coroamento escultórico, distinto do tradicional, mas em complemento à monumentalidade deste palácio eclético,

contribuindo para o protagonismo do monumento na paisagem local.

A inserção de formas consideradas inusitadas, diferentes dos elementos tradicionais como na intervenção de Libeskind no Museu da História Militar de Dresden, segue a ideia do que ocorreu com a construção do Museu de Guggenheim de Bilbao, na Espanha, projetado por Frank Gehry. Este projeto não se trata de uma intervenção em uma edificação histórica, mas sim uma intervenção em um espaço urbano histórico, pela inserção de uma construção desconstrutivista em um contexto de edifícios de arquitetura tradicional.

O museu de Gehry foi elemento de pesquisa por diversas áreas de estudo pelo grande feito conhecido como o Efeito Bilbao², o qual demonstrou o grande aumento no número de turistas naquela cidade. O museu movimentou a economia local e colocou a cidade espanhola no roteiro turístico da arquitetura contemporânea além de transformar Gehry num dos arquitetos mais importantes do século.

O museu foi aberto há 20 anos este mês pelo rei e rainha da Espanha, desde quando se tornou o edifício mais influente dos tempos modernos. Ele deu o nome ao “efeito Bilbao” - um fenômeno pelo qual o investimento cultural e a arquitetura vistosa devem igualar a elevação econômica das cidades (MOORE, 2017).

A tendência deste efeito de provocar através da arquitetura uma elevação econômica à cidade é de uma enorme contribuição para o projeto proposto neste trabalho. Através da realização desta intervenção o edifício passará a ter uma obra de arquitetura contemporânea atrelada à sua construção.

2 Ver projeto Museu Guggenheim, Gehry Partners, Espanha, 1997

Figura 36: Museu Guggenheim Bilbao, Frank Gehry



Fonte: GEHRY PARTNERS, 2013

A forma escultórica do novo elemento que cobrirá o mercado busca alcançar este efeito e trazer esta alavanca à capital pernambucana. Através de diagramas realizados com parâmetros específicos sobre o edifício e a história pernambucana, chegou-se ao modelo proposto ao projeto, uma coberta que iluminará o edifício internamente pelo período do dia e a noite servirá como ponto de referência iluminado para o mercado. Sua forma percorre as duas alas laterais, rompendo a simetria eclética do edifício. Sua forma se cria a partir da ideia de uma flecha que atravessa o edifício, se fincando na coberta apontando com seus ângulos agudos ao norte, referenciando a capitania hereditária que era Pernambuco, o conhecido e imponente Leão do Norte. O volume se cria com a abstração do movimento e percurso da flecha.

Esta sutil forma de reverenciar o animal símbolo da bandeira recifense trouxe a possibilidade de um formato desconstrutivista (Figura 37), pois a seção perpendicular do prédio está no sentido noroeste-sudeste. A partir desta constatação, o desenho deste elemento começou a ser lapidado com outros parâmetros até chegar na forma contemplada no projeto (Figura 38). O novo elemento não busca apenas uma ruptura na estética da fachada, também traz consigo a inserção de materiais atuais dentro de uma linguagem contemporânea dialogando com o edifício antigo. A provocação visual ali proposta busca deixar clara a relação entre esses dois elementos de períodos distintos, contrasta em forma, mas a estrutura metálica e o vidro revestido com uma película branca propõe uma harmonia entre as tonalidades. A cobertura explicita em sua abordagem um contraste temporal e estético visível de todos os ângulos evitando assim qualquer possibilidade de falsos históricos (Figura 39).

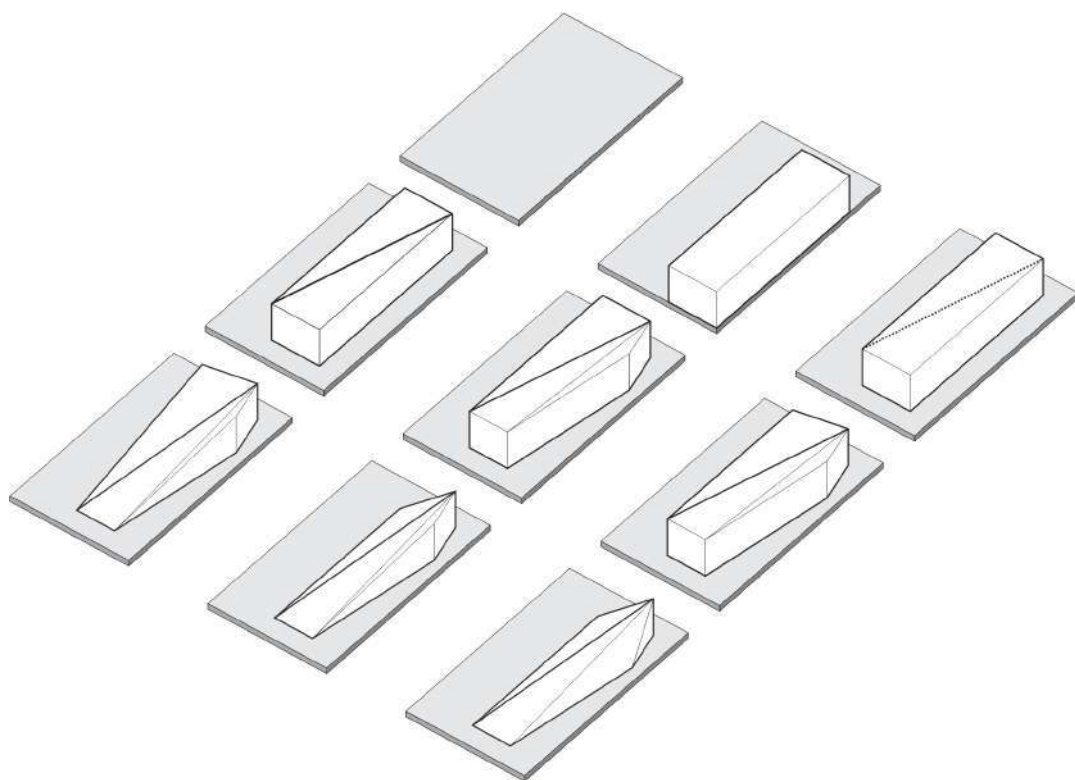
Com isso, o projeto contempla as teorias da preservação tradicionais e contemporâneas. As teorias tradicionais como a de Le-Duc, dando um novo significado ao edifício que nunca houve antes. Um dos pilares da intervenção é restabelecer o seu significado explorando seu potencial urbanístico. Sustenta-se na fala de Boito, teoria que a partir do italiano passou a ser abordada por todos os teóricos contidos neste trabalho, esclarecendo ao público a intervenção datando-a com materiais e formas contemporâneos. Percorre os princípios da requalificação urbana abordados por Giovannoni, reinterpretando o objeto edificado valorizando o conjunto enquanto oportunidade de exploração de toda a área do entorno. Tão importante quanto o projeto de intervenção arquitetônico é a nova relação com o tecido urbano da cidade, o Mercado é uma peça chave para a interligação dos equipamentos que estão sendo executados com o eixo viário mais

importante da cidade. O questionamento inicial, o mote da proposta, surge a partir da relação de subjetividade com o objeto a ser restaurado abordado por Viñas (2005). Contestar o uso deste edifício é isolar sua atual função, compreender o que de fato ali deve ser preservado e a proposta entende que o edifício do Quartel é mais importante enquanto monumento edificado e como peça fundamental para o planejamento da cidade do que pela instituição que abriga. Por fim, assim como De Gracia, compreende que as demolições são necessárias para o pleno funcionamento da nova função. As ações descaracterizadoras que ocorreram ao longo dos anos modificaram e comprometeram a compreensão do edifício original tornando a abertura dos pavilhões propostos em uma forma de reaproximar o público do que foi pensado para ali nos anos de 1920. Os teóricos abordados são a base desta proposta, os questionamentos só foram permitidos a partir do refinamento do debate promovido pelos mesmos.

Portanto, é uma ótima oportunidade de contemplar o planejamento urbano da cidade do Recife. Compreender as mudanças de hábitos que estão ocorrendo na sociedade, as novas formas de utilizar a cidade e os benefícios que os modais alternativos trazem consigo além da congruência de investimentos em mobilidade urbana que foram executadas ali. É nítido o potencial turístico e econômico que um empreendimento como este pode trazer a toda cidade. Atrair o público através da arquitetura exuberante e do parque urbano que está se desenvolvendo por ali poderia ser uma alternativa factível, além de preservar a história do edifício com uma forma mais íntima, de fato fazer com que a população usufrua dele enquanto equipamento cultural e emblemático para a cidade. Abrir as portas deste palácio permitindo o livre trânsito do público proporcionará uma experiência sensorial tátil, aproximando a população do edifício, o novo elemento busca

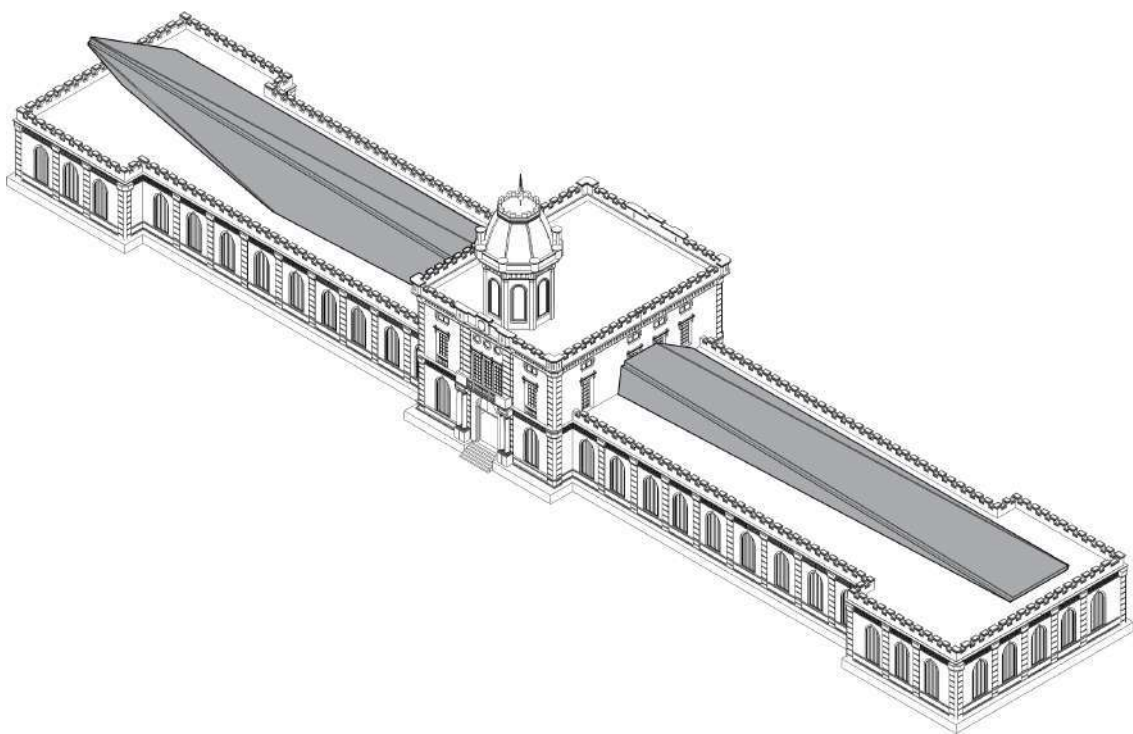
aguçar a curiosidade dos espectadores convidando-os para percorrer os novos pavilhões do Mercado.

Figura 37: Construção da forma da claraboia



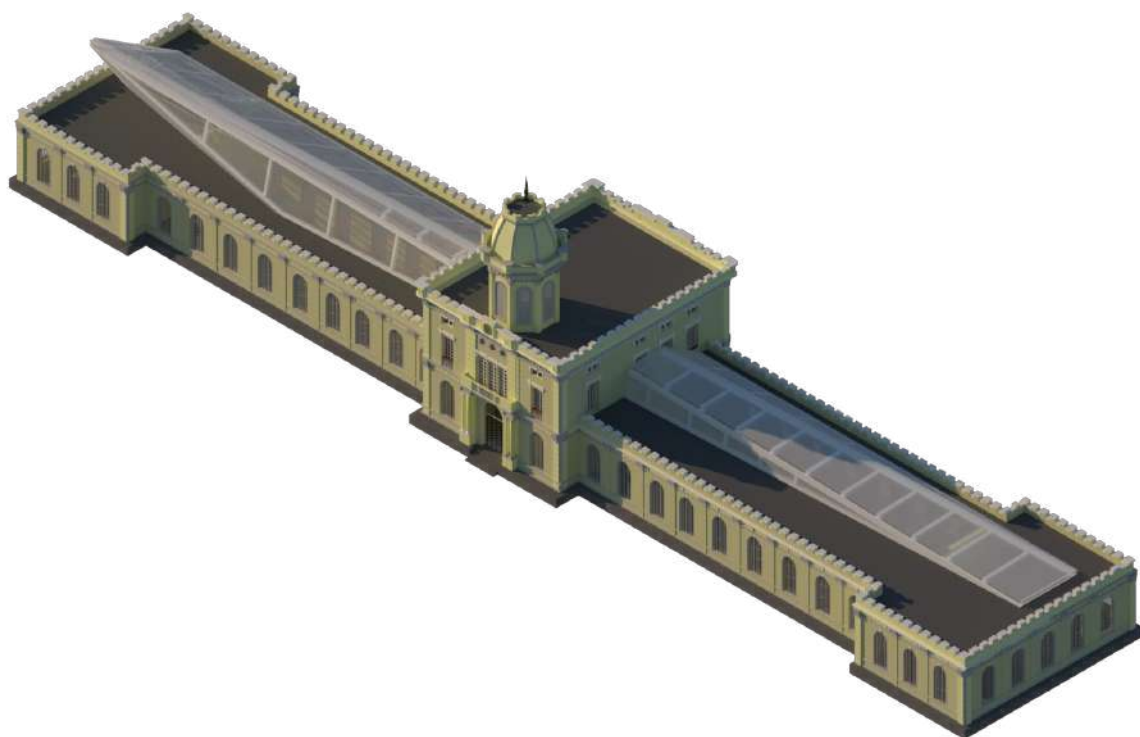
Fonte: Autor, 2020

Figura 38: Inserção da claraboia

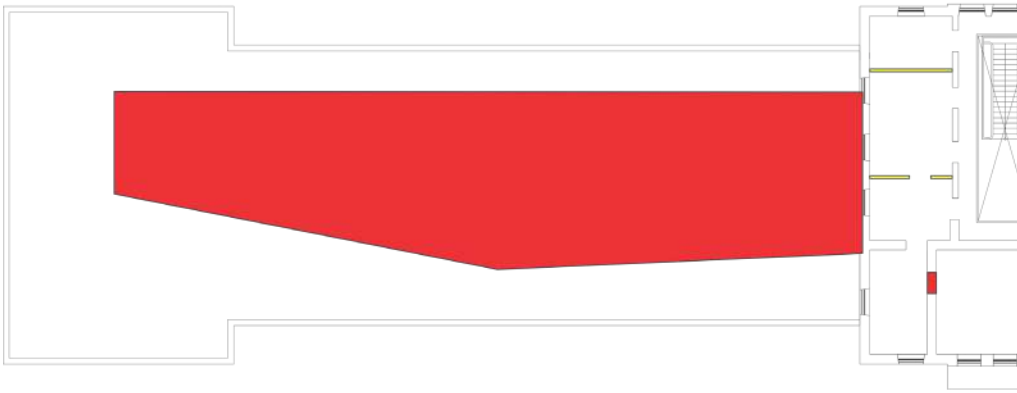
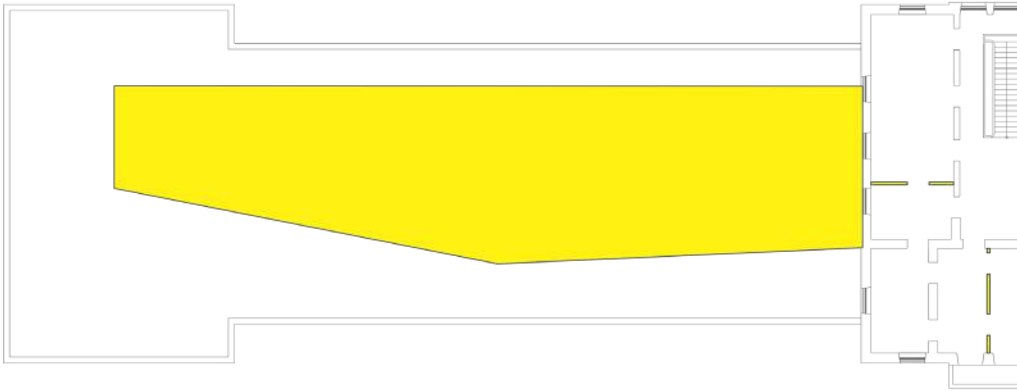
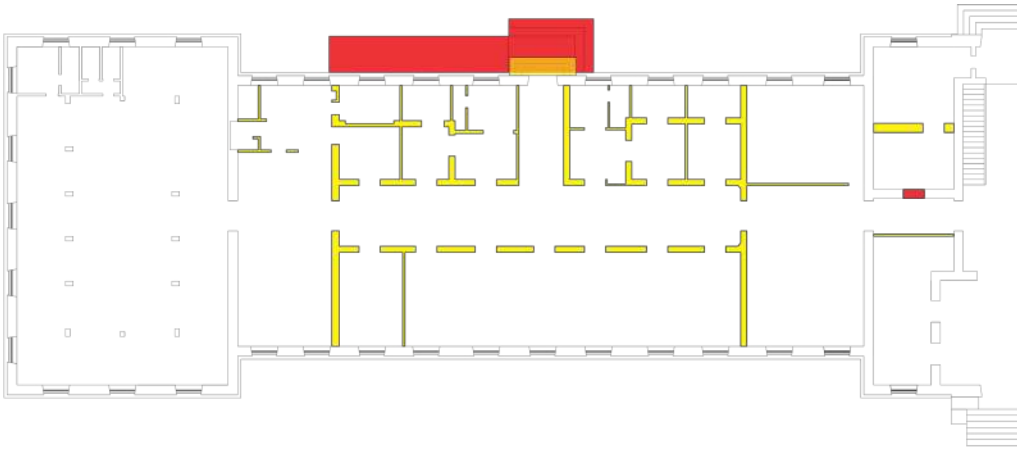


Fonte: Autor, 2020

Figura 39: Perspectiva Isométrica Coberta

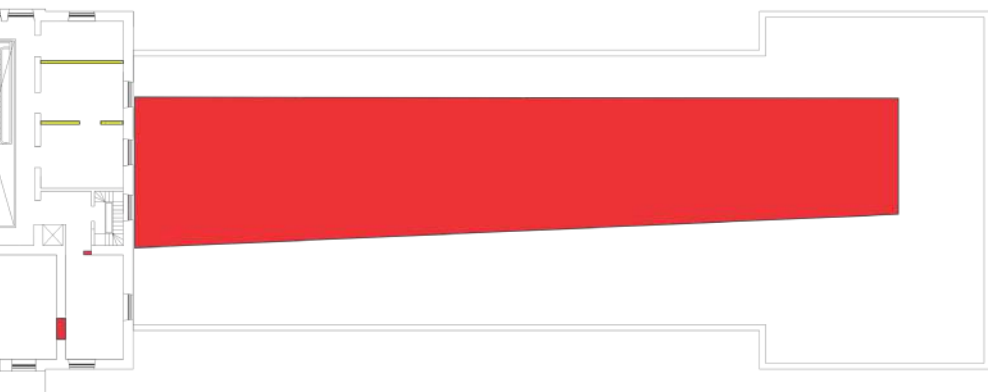
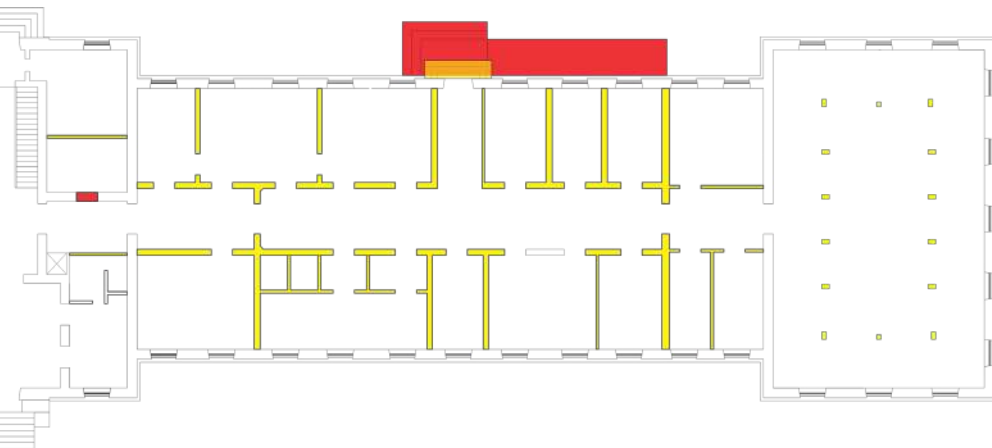
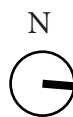


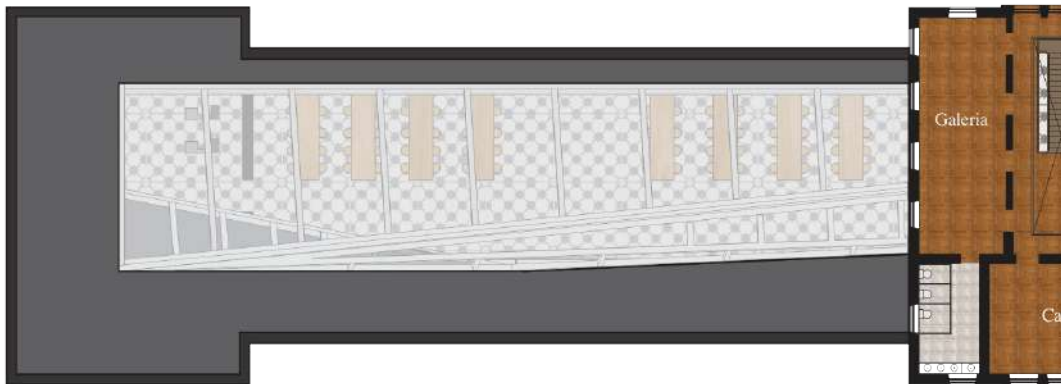
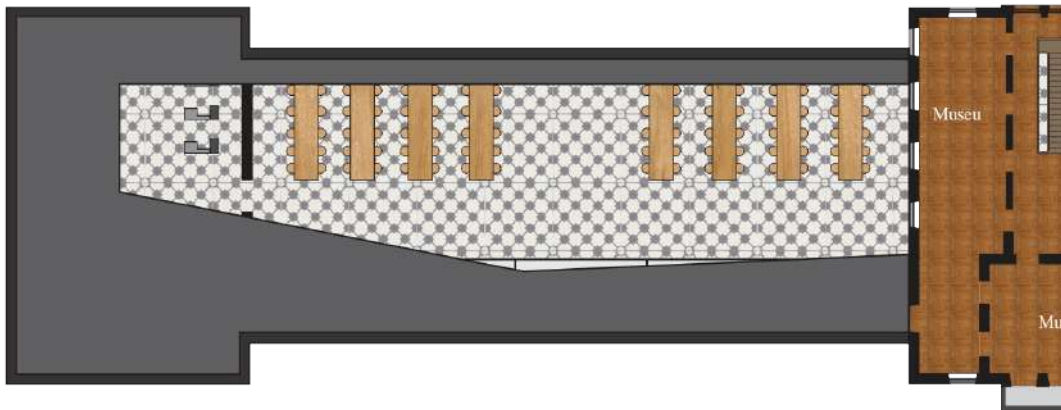
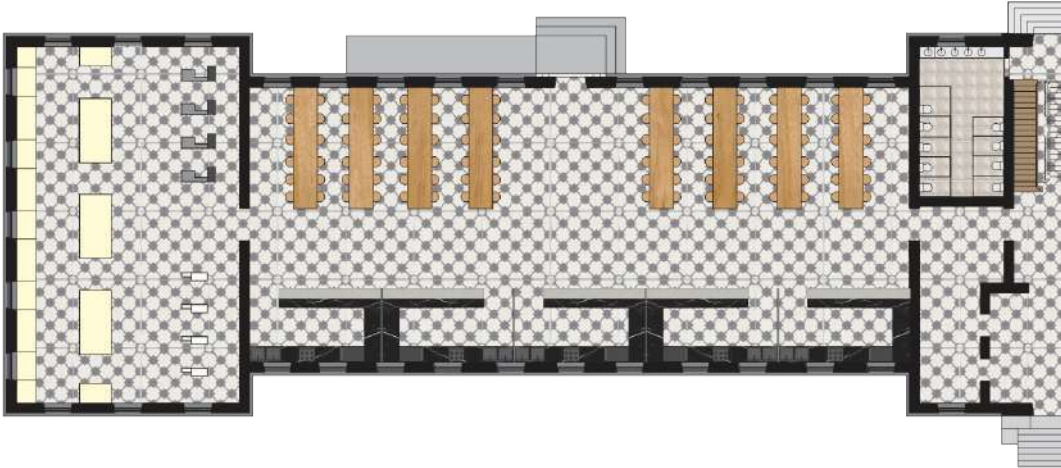
Fonte: Autor, 2020

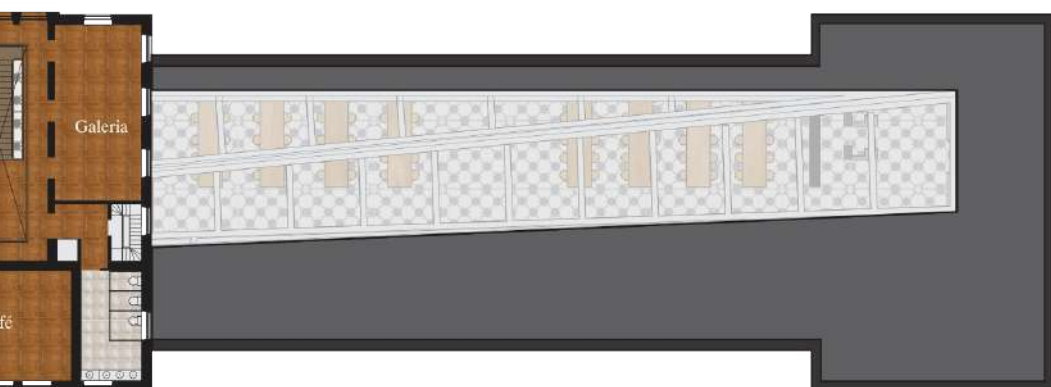
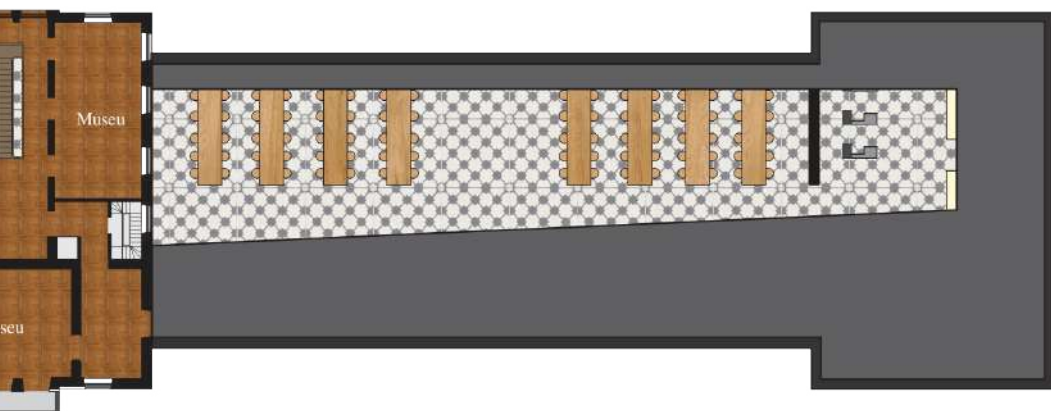
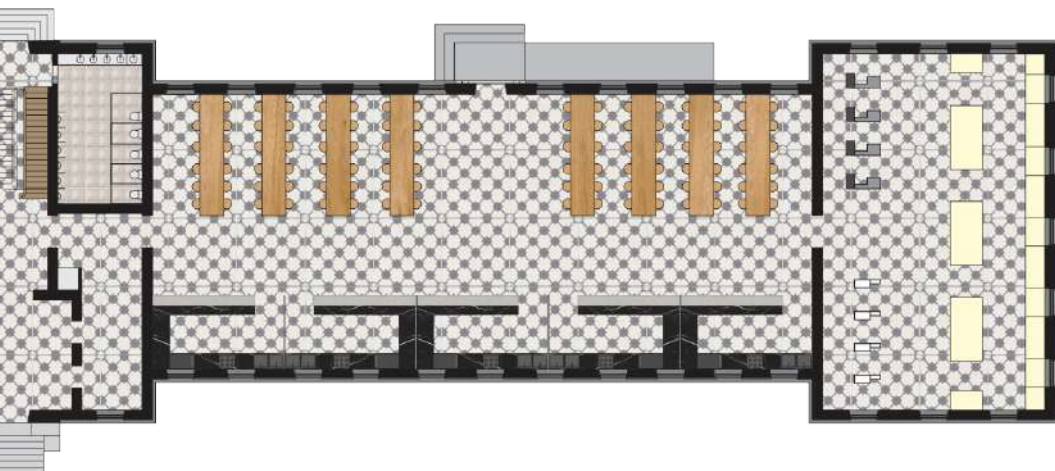


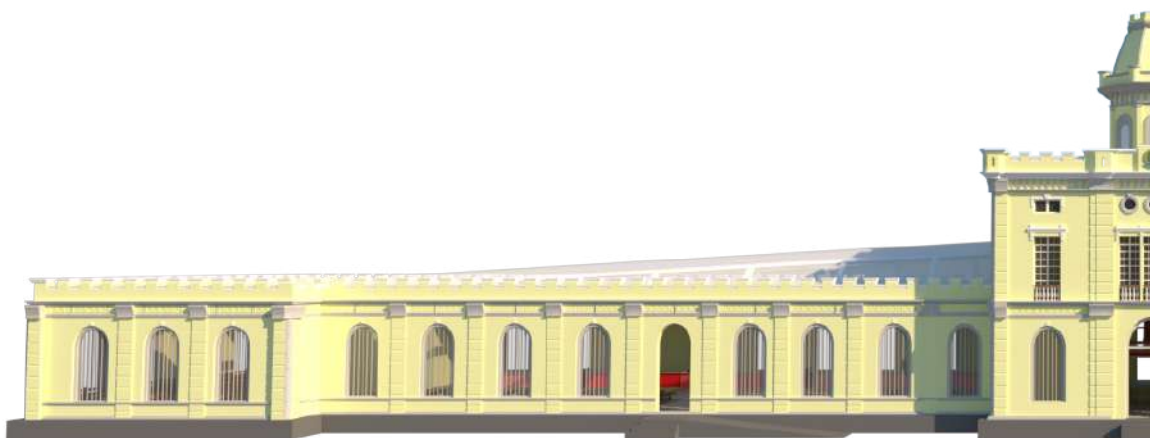
Demolir
Construir

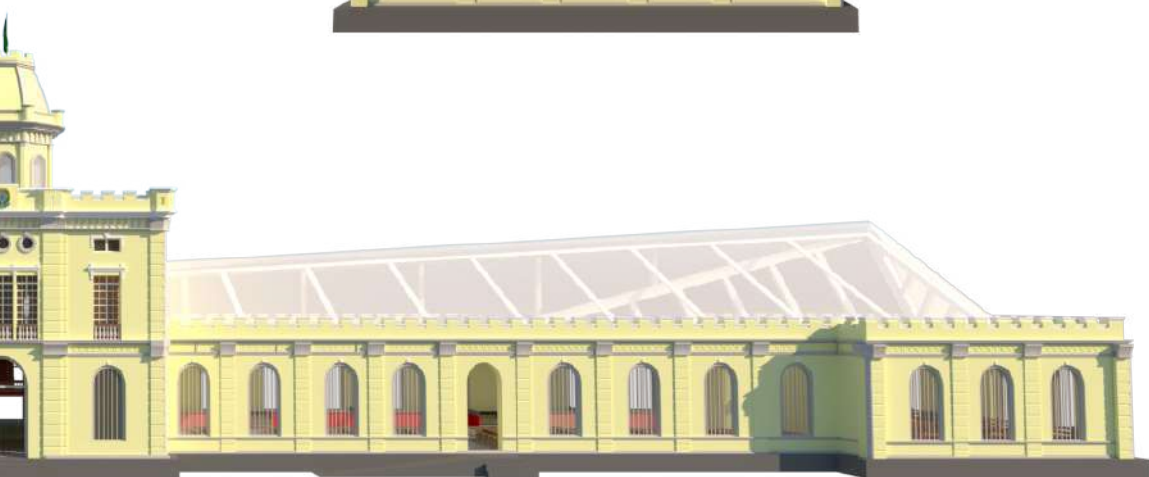
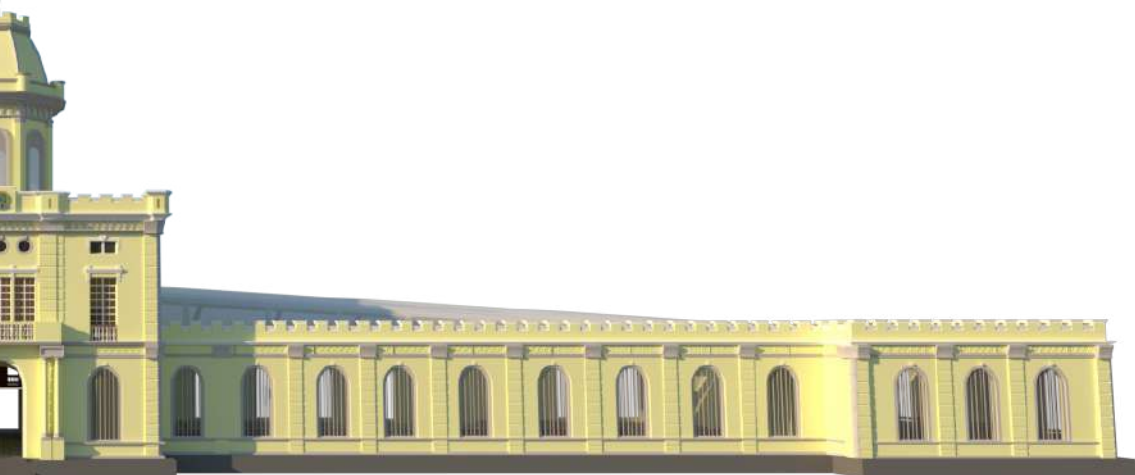
































4.4 O diálogo com o Parque Capibaribe

As transformações urbanas que vêm acontecendo nas cidades ao longo dos anos alteram o modo de vida das sociedades e trazem consigo novos hábitos e alternativas para o cotidiano. Ao longo dos séculos, as cidades foram modificadas buscando acolher os novos anseios que a modernidade exigia. No século XXI, os conceitos de cidades sustentáveis têm se tornado cada vez mais prioridade no planejamento dos grandes centros urbanos e a Prefeitura da Cidade do Recife adotou algumas dessas diretrizes. As ações vêm sendo colocadas em prática como o caso do Parque Capibaribe. O Parque, segundo um dos autores do projeto, prevê um sistema de parques integrados ao longo das duas margens do rio Capibaribe, percorrendo um total de 30 quilômetros (MONTEZUMA, 2017). Uma das ideias principais do projeto é revolucionar a forma como as pessoas vivem a cidade reproximando-as das águas do rio, resgatando essa bacia hidrográfica como uma espinha dorsal da cidade, através de áreas de lazer, descanso e convívio. O projeto conecta a margem do rio ao tecido urbano da cidade através de um parque contínuo utilizando a margem de um rio que percorre toda a cidade.

Os benefícios do Parque já são realidade na cidade, o primeiro ponto entregue em 2017, o Jardim do Baobá (Figuras 39 e 40), é utilizado pela população e busca incentivar o público a utilizar os espaços urbanos e usufruir da cidade através da sustentabilidade. Para o espaço que há alguns anos servia de estacionamento para restaurantes da região, o projeto visou a requalificação da área, resgatando e coroando um grande baobá secular. Hoje, o espaço público localizado no bairro das Graças recebe pessoas de todo o Recife que buscam um local de tranquilidade para realizar atividades físicas e convívio.

Figura 40: Jardim do Baobá



Fonte: SOUZA, 2018

Figura 41: Jardim do Baobá



Fonte: SOUZA, 201

Um dos pilares do Parque é promover a conscientização ambiental e o resgate da fauna e flora do manguezal na margem do rio como explica a coordenadora executiva de projetos do INCITI, Raquel Meneses: “Nós propomos que a cidade seja construída de forma a não prejudicar o ambiente natural e a paisagem do rio”.

O Parque Capibaribe é uma concepção bastante sólida de combate aos efeitos climáticos porque apresenta um conjunto de ações. Não é só um projeto que propõe a recuperação da vegetação tropical em volta do rio. Também propõe e dá condições ao desenvolvimento de um processo de mobilidade ativa com um sistema de ciclovias que vai oferecer uma nova experiência de andar de bicicleta na cidade, em um lugar seguro à beira do rio. Considera ainda soluções inovadoras de drenagem, tratamento de água, a criação de superfícies mais porosas que diminuam a temperatura da cidade (MONTEIRO, 2020, p. 1).

O Parque visa revolucionar a forma como a cidade do Recife utiliza de um dos eixos fluviais mais importantes para a história do estado de Pernambuco. Além do contato com a paisagem natural, o parque consiste num corredor urbano que conectará o eixo fluvial com a malha viária através de modais alternativos. O Parque segue em direção ao centro da cidade pelo rio Capibaribe e definiu diversos pontos ao longo do percurso, como falado no segundo capítulo deste trabalho. O projeto que percorre grande parte da cidade não prevê a inserção do Quartel do Derby em sua malha territorial. Visto que seu atual uso do quartel não possibilita a plena integração entre esses

equipamentos tornando-o uma barreira entre o Parque e um dos principais pontos de convergência dos eixos viários mais importantes da cidade. O Mercado do Derby visa conectar esses dois pontos através de um equipamento cultural abrindo as portas do Quartel. Para isso, a proposta irá demolir grande parte das edificações construídas posteriormente que auxiliam as funções exigidas pelo batalhão, com excesso do Cine Teatro e o bloco que servirá de auxílio aos funcionários. A remoção desses anexos permitirá um pleno acesso à margem do rio além de acolher e conectar o edifício ao Parque Capibaribe. Além do acesso físico, as demolições permitirão uma maior amplitude visual do palácio, gerando uma noção de monumentalidade utilizada pelos arquitetos da época. As linhas do acesso ao Mercado conduzem o espectador ao eixo central do edifício através de uma série de palmeiras, provocando a contemplação do patrimônio histórico ao longo de toda esplanada. O acesso à parte posterior do terreno recebe o Parque tornando o Mercado parte do corredor verde, re-inserindo o edifício no tecido urbano como equipamento cultural de uso público assim como o antigo Mercado Modelo Coelho Cintra, de Delmiro.

Portanto, a proposta do Mercado visa integrar-se aos investimentos em mobilidade e sustentabilidades realizados na cidade conectando o Parque Capibaribe à Praça do Derby. Mais que uma simples alteração de uso do patrimônio edificado, o Mercado se apresenta como catalisador econômico e turístico àquela área e consequentemente à cidade do Recife, promovendo a inserção de um equipamento cultural de grande porte ao projeto que está modificando toda compreensão do uso da capital pernambucana, reaproximando a população da paisagem natural. Requalificar este edifício tornando-o parte de uma mudança de grande vulto no tecido urbano irá preservar um importante bem patrimonial à cultura recifense. Perpetuará

o edifício como irradiador de ideias preservando sua história com um uso mais adequado ao contexto no qual se encontra. O projeto do Mercado do Derby propõe também a preservação do patrimônio arquitetônico através do planejamento urbano, um dos pilares da proposta é conectar fisicamente essa área e o Mercado servirá como fio condutor entre esses equipamentos urbanos visando a conservação do edifício. Tornar o prédio que abriga um batalhão da polícia em um equipamento cultural atrairá o público aquecendo a economia de todo o entorno através da cultura local, valorizando a produção regional através da arquitetura e gastronomia.

O Parque Capibaribe vêm sendo objeto de estudo e premiações ao longo do Brasil e em congressos internacionais e recebeu reforços do Banco Europeu de Investimentos. Os reforços do Banco Europeu coroaram o projeto como solução para o enfrentamento dos efeitos climáticos que estão ocorrendo no planeta, para Circe Monteiro, coordenadora de pesquisas do INCITI, o investimento realizado pelo banco é uma forma de incentivar outras prefeituras a adotar diretrizes nessa linha de raciocínio.

Quando um banco internacional faz uma seleção como essa, ele está em busca de projetos que sirvam de inspiração para outras regiões tanto do Brasil, como do mundo. O Parque Capibaribe propõe intervenções para enfrentar os efeitos climáticos no meio urbano focado na regeneração ambiental, ao mesmo tempo que promove amplo sistema de caminhabilidade e articula, espaços públicos para atividades de lazer e sociais voltadas à saúde das crianças, mulheres e idosos. É um projeto que vai incentivar a vitalidade social e econômica das áreas

vizinhas ao rio (MONTEIRO, 2020, p.3).

O diálogo com o Parque é o meio de interligação de projetos em prol do desenvolvimento urbano sustentável, é contribuir para o crescimento e valorização de uma das áreas de maior relevância à cidade do Recife. Por meio do Mercado, a proposta pretende beneficiar a cidade potencializando o turismo e consequentemente a economia local através da cultura unindo a arquitetura, o urbanismo e a preservação do patrimônio, sendo um novo ponto a ser discutido no trajeto do Parque. O Parque Capibaribe é um projeto que tem um potencial estratégico de grande importância, é preciso contribuir com esse tipo de iniciativa para ter uma cidade mais interligada e com alternativas mais saudáveis e sustentáveis para o convívio social.

Rio Capibaribe

Serviços



Parque Capibaribe

Cineteatro











CAPÍTULO 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi possível entender a linha do tempo que a área onde está localizado o edifício percorreu ao longo de mais de um século, expondo as modificações urbanas através de documentos históricos e oficiais, jornais, ilustrações e fotografias da época no segundo capítulo. O bairro do Derby, localizado no centro da metrópole pernambucana já foi palco de diversos acontecimentos, desde as primeiras manifestações populares, às batalhas que ali foram travadas e aos grandes investimentos em desenvolvimento urbano. Como já visto neste trabalho, a relevância em termos de arquitetura e urbanismo deste local é muito importante para a cultura recifense. O Derby, ainda é um ponto de encontro de manifestações cívicas, festas populares e apresentações. Aqui percorremos o Derby de Delmiro Gouveia, com os imponentes e movimentados Hotel do Derby e o Mercado Modelo Coelho Cintra. O destino do Mercado foi um grande divisor de águas na história do Derby, o local que recebia em torno de dez mil pessoas diariamente, segundo jornais da época, passou a se tornar um local abandonado até a construção do Quartel da Força Pública, em 1926, quando o bairro voltou a ser frequentado. Ao longo dos anos o edifício sofreu diversas intervenções descaracterizadoras até chegar no atual prédio.

O terceiro capítulo, expôs as teorias da preservação do patrimônio arquitetônico, desde John Ruskin e Viollet-le-Duc no século XIX, passando por Camillo Boito, Gustavo Giovannoni e Cesare Brandi, à Francisco de Gracia e Muñoz Viñas no século XXI. Como se viu neste capítulo, o debate teórico acerca da preservação do patrimônio edificado é extremamente amplo e diversificado, com diversas visões convergentes mas também divergentes, tendo cada uma delas sua significância. Nos teóricos tidos como tradicionais, é possível perceber o princípio da construção do debate, as primeiras noções românticas

sobre a preservação e com o passar dos anos o debate vai se tornando mais refinado, sendo acrescentado novos parâmetros a serem discutidos do objeto a ser preservado. No fim do século XX, novos teóricos surgiram para movimentar o debate, os textos de Viñas e de Gracia amadureceram as discussões, aperfeiçoando as construções teóricas trazendo novos questionamentos que ainda não haviam sido deslumbrados. Esses novos questionamentos, permitiram uma compreensão mais subjetiva do objeto a ser preservado trazendo ao debate temas filosóficos e novas possibilidades de diálogo com os edifícios históricos. Ao abordarem o edifício como objeto subjetivo em seus ensaios, os teóricos contemporâneos permitem uma nova visão sobre todo o patrimônio edificado, abrindo a discussão sobre os atuais usos de tais edifícios. Se o edifício em si é o objeto a ser conservado, sua função não necessariamente precisa ser mantida, como no caso da Igreja de Vught apresentado neste capítulo teórico. A igreja que caiu em desuso por diversos fatores que modificaram a percepção da população holandesa, tornou o contexto no qual esta igreja está inserida inadequado para se manter a função original, o resultado é uma biblioteca que movimentou o bairro onde a igreja está localizada, aumentou o número de visitantes no edifício através de um equipamento cultural.

De Gracia, explica em seu texto que o processo de reciclagem de um edifício é compreensível desde que o prédio em questão comporte o novo uso, como é o caso do Shopping Curitiba. O edifício que abrigou por décadas o CPOR paranaense, hoje é um dos centros comerciais mais movimentados da capital. Portanto, com essa base teórica, o questionamento sobre a requalificação no atual Quartel do Derby se torna algo possível, ao menos encontra-se acobertada por tais teóricos. Os teóricos não abordam este assunto, mas a partir deles

é possível compreender que uma perda de contexto do edifício possa ser considerada um processo de arruinamento. Ao ponto que o edifício perde a conexão com o tecido urbano e com o entorno que está a sua volta, ele passa a se tornar um problema que pode ser resolvido com um novo uso que se adeque ao atual contexto, como o caso do Quartel do Derby, hoje se encontra como uma barreira física para um dos projetos de desenvolvimento urbano mais promissores do século.

O quarto capítulo constitui a proposta arquitetônica de requalificação. Trazendo à discussão casos exemplares que atingiram sucesso em sua intervenção, como o caso do Shopping Curitiba e do Museu da História Militar de Dresden, que tanto trazem um grande público para ter contato com a história erguida no patrimônio como preserva a vida do edifício dando um novo significado ao mesmo. Portanto, é indiscutível a presença do Quartel neste cenário, sua imponente presença coroa a Praça do Derby, porém, com as transformações urbanas que estão acontecendo em toda a cidade, o edifício, que hoje abriga um batalhão de polícia, se encontra distante dos anseios do planejamento urbano da cidade. Sua função atual, neste contexto, não compactua com os princípios de planejamento que estão sendo executados pela prefeitura. O fato de abrigar um batalhão torna o Quartel uma barreira física entre pontos importantes e estratégicos do Parque Capibaribe, o que possibilita, ao meu ver, um questionamento sobre uma ação interventora de requalificação, possibilitando o livre acesso do público, conectando a Praça do Derby ao Parque Capibaribe. A proposta de requalificação surge a partir das mudanças urbanas, da compreensão do movimento de reaproximação da malha fluvial e do modo de vida mais saudável que está emergindo na cidade, de conectar espaços e equipamentos urbanos através da cultura e defesa do patrimônio. O Mercado, se dispõe como elo de ligação entre impor-

tantes equipamentos urbanos que existem em sua volta. Busca, assim como os casos exemplares expostos, incentivar a economia local através de um novo equipamento cultural à cidade, unindo a arquitetura histórica e contemporânea à gastronomia e cultura, buscando novos rumos ao patrimônio arquitetônico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Província, Jornal, Recife, 10 de janeiro de 1900;

ANDRADE JUNIOR, N. **Metamorfose arquitetônica: intervenções projetuais contemporâneas sobre o patrimônio edificado**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Salvador, 2006;

BASILE, G. **Breve Perfil de Cesare Brandi. Desígnio**, Revista de História da Arquitetura e do Urbanismo, n.6, São Paulo, 2006;

BOITO, C. **Os Restauradores**, Tradução de Beatriz Mugayar Kühl e Paulo Mugayar Kühl, Ateliê Editorial, Coleção Artes & Ofícios, Cotia, 2008;

BRANDI, C. **Teoria do Restauro**, Tradução de Beatriz Mugayar Kühl. Ateliê Editorial, Coleção Artes & Ofícios, Cotia, 2004;

CABRAL, R. **A dimensão urbana do patrimônio na Carta de Atenas de 1931 - As contribuições da delegação italiana**. Vitruvius, Pernambuco, 2015;

CALDAS, K. **A Restauração em foco: entre mitos e realidades**, Vitruvius, Rio Grande do Sul, 2013;

CORREIA, T. B. s. **Delmiro Gouveia: o perfil do empreendedor**. Revista Espaço Acadêmico[S.l: s.n.], São Paulo, Universidade de São

Paulo, 2008;

CARBONARA, G. Avicinamento al restauro. Teoria, storia, monumenti. Liguori Editore, Napoli, 1997;

CUNHA, C. A atualidade do pensamento de Cesare Brandi. Vitruvius, São Paulo, 2004;

WRIGHT, M. R. The New Brazil: Its Resources and Attractions - Historical, Descriptive and Industrial. Philadelphia, George Barrie & Son, 1901;

CURITYBA - Sinais do Tempo. Direção de June Meireles, Curitiba: Companhia Lumber, 2013 (35 min);

DE GRACIA, F. Construir en lo Construido. La arquitectura como modificación, Nerea, 1992;

DO CARMO, F.; WICHNEWSKI, H.; PASSADOR, J.; TERRA, L. Cesare Brandi - Uma releitura da teoria do restauro crítico sob a ótica da fenomenologia, Vitruvius, São Paulo, 2016;

FABRIS, A. Ecletismo na Arquitetura Brasileira. São Paulo, Nobel, 1987;

FUNDARPE, Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Processo de tombamento 430/92, 18

de setembro de 1979, Lei Estadual nº 7.970;

GIOVANNONI, G. **Carta del Restauro**, Conferência Internacional de Atenas, Atenas, 1932;

JOKILEHTO, J. **A History of architectural Conservation: The contribution of english, french, german and italian Thought towards an international approach to the conservation of cultural property**. The University of York, England, 1986;

Jornal Pequeno, Jornal, Recife, 27 de janeiro de 1900;

KOOLHAAS, R. **The Generic City**, The Monacelli Press Inc., New York, 1988;

LIBESKIND, D. **Military History Museum of Dresden**, Studio Libeskind, 2001;

LUSO, E.; LOURENÇO, P. B.; ALMEIDA, M. **Breve história da teoria da conservação e do restauro**. Universidade do Minho, Guimarães, 2004;

MACÊDO, A.; MENEZES, A. R.; FILHO, L. M.; MONTEIRO, C. M. **Reestruturação do tecido urbano da cidade do Recife por meio da articulação dos espaços públicos**. INCITI, Recife, 2015;

MUÑOZ VIÑAS, S.. **Teoría Contemporánea de la Restauración**, Edi-

torial Síntesis, S.A., Madrid, 2004;

MUÑOZ VIÑAS, S. **Contemporary Theory of Conservation**, University of Victoria, Victoria, 2005;

NERY, J. C.; BAETA, R. E. **Do restauro à recriação**. Vitruvius, Bahia, 2005;

PALLASMAA, J. **Os Olhos da Pele, A arquitetura e os sentidos**, Tradução de Alexandre Salvaterra, Bookman, Porto Alegre, 2011;

PEARMAN, J. **The architect splits open a neoclassical building -and the exhibitions inside- with a dramatic, v-sharped shard**, Architectural Record, London, 2011;

RUSKIN, J. **A lâmpada da memória**, Tradução de Maria Lucia Bressan Pinheiro, Ateliê Editorial, Coleção Artes & Ofícios, Cotia, 2008;

SANTILLI, J. **O reconhecimento de comidas, saberes e práticas alimentares como patrimônio cultural imaterial**, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015;

SPECK, J. **Walkable City: How downtown can save America, One step at a time**, Farrar Stratus and G, Canada, 2012;

THORNS, E. **Museu Militar de Daniel Lisbeskind, pelas lentes de Alexandra Timpau**, Tradução Romullo Baratto, Archdaily, 2017;

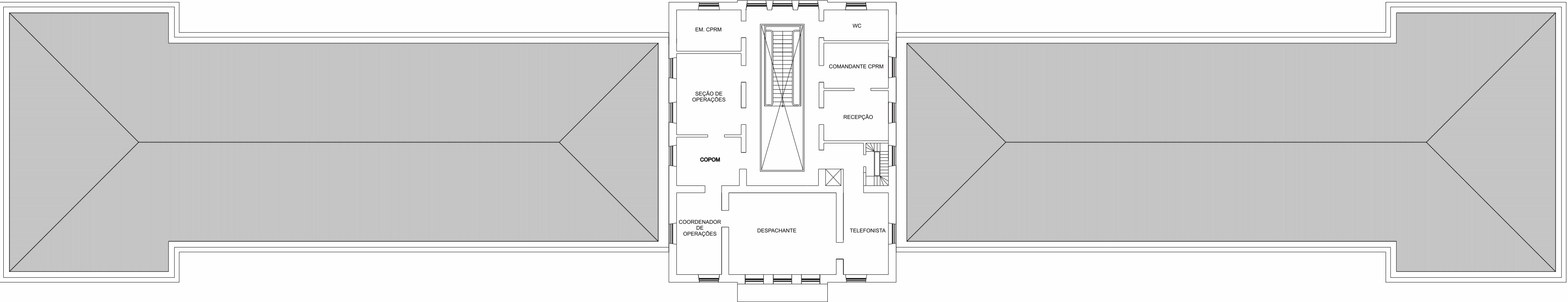
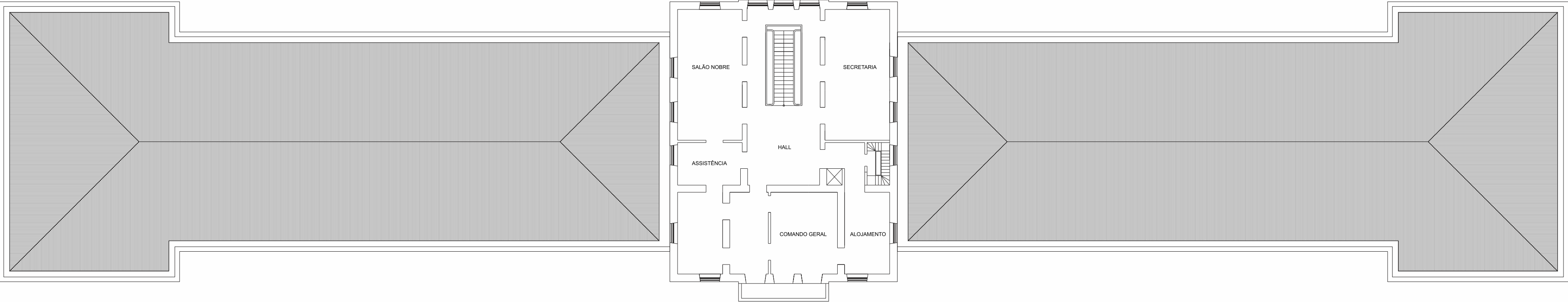
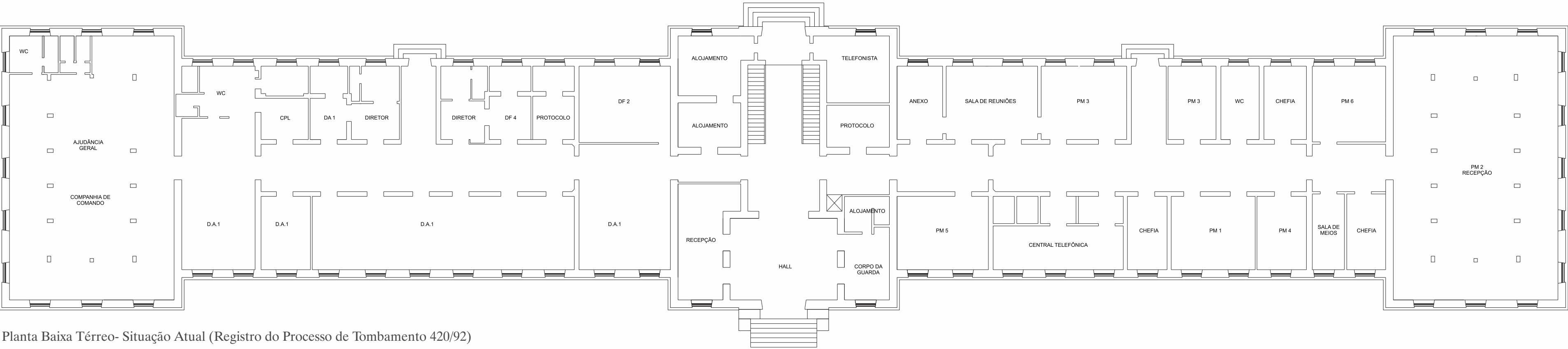
VIOLLET-LE-DUC, E.M. **Restauração**, Tradução de Beatriz Mu-

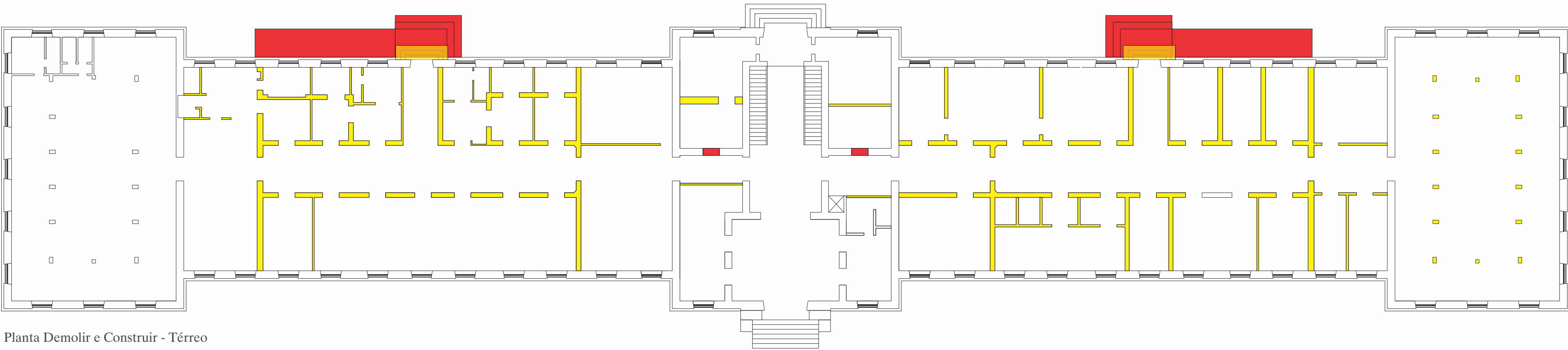
gayar Kühl. Ateliê Editorial, Coleção Artes & Ofícios, Cotia, 2000;

ZONNO, F. Artístico e Contextual, o lugar reinventado - reflexões sobre a relação antigo-novo a partir de Francisco De Gracia e Giovanni Carbonara, Revisa PRUMO, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro, 2012;

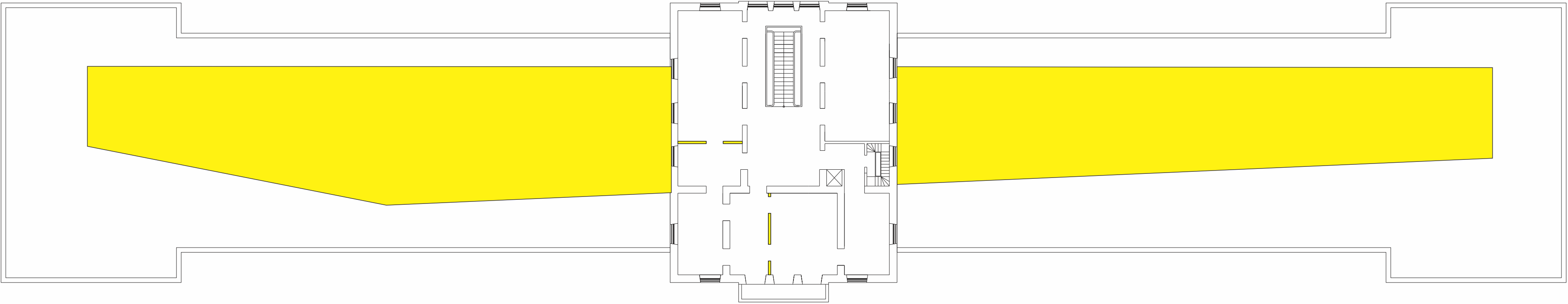
APÊNDICE

MERCADO DO DERBY

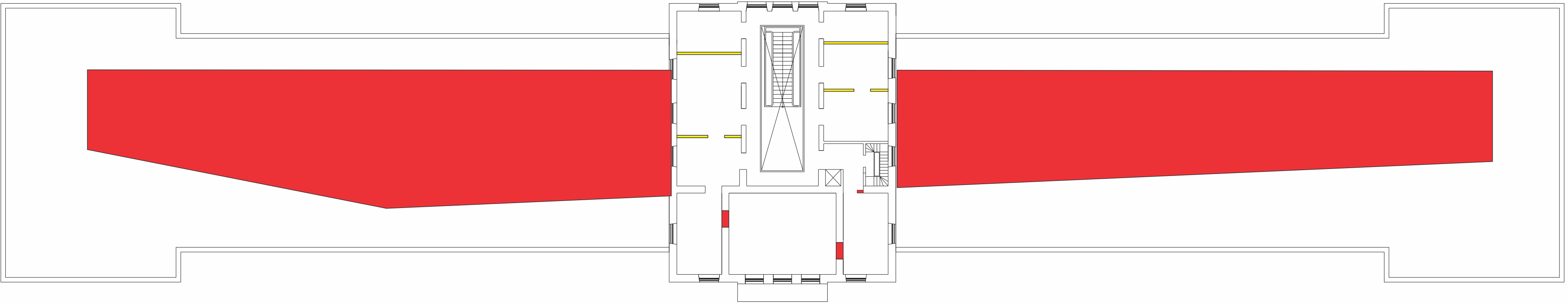




Planta Demolir e Construir - Térreo

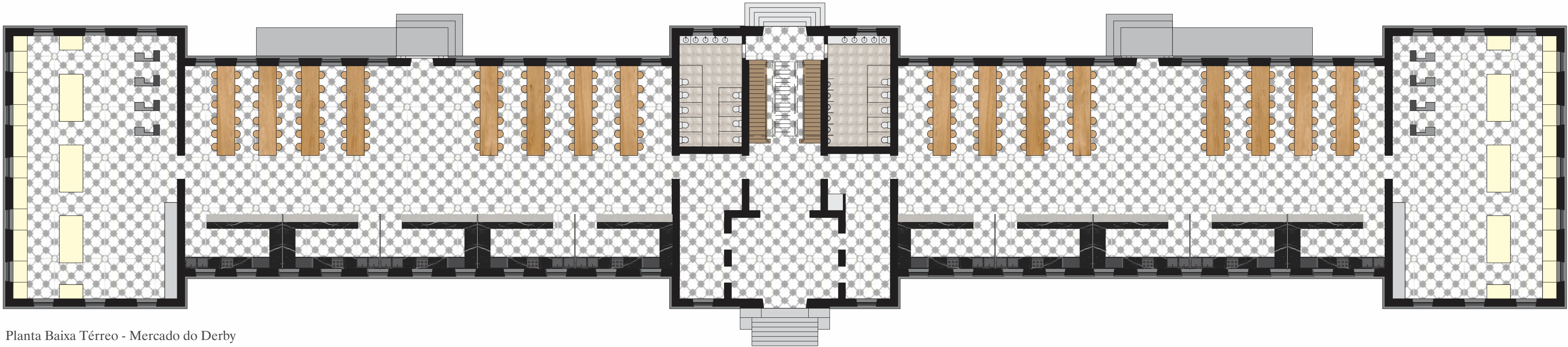


Planta Demolir e Construir - 1º Pavimento

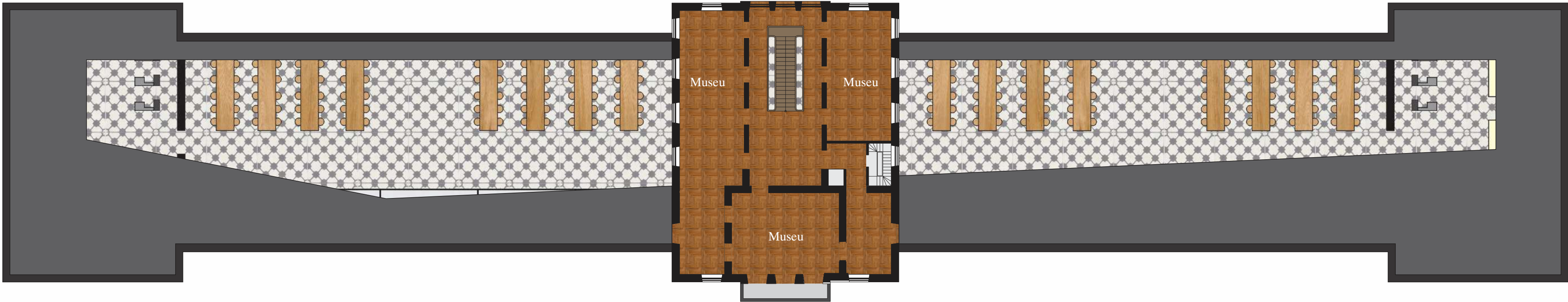


Planta Demolir e Construir - 2º Pavimento

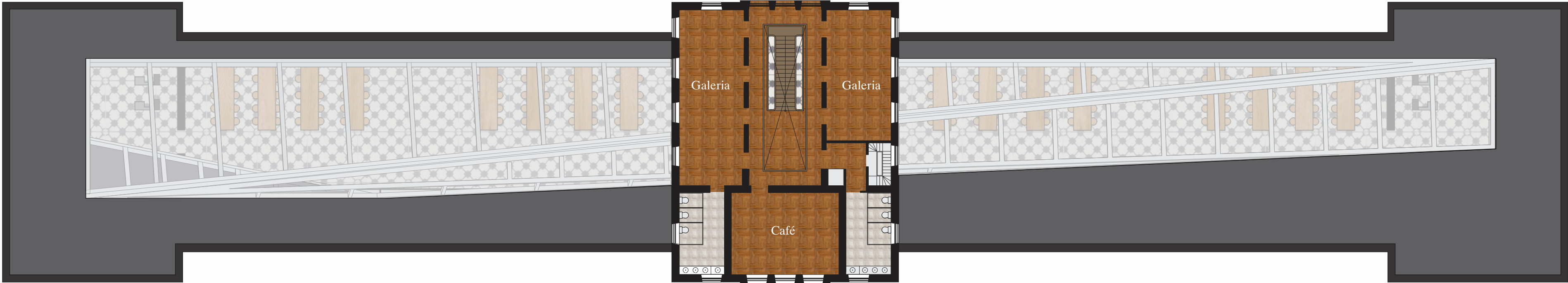
Demolir
Construir



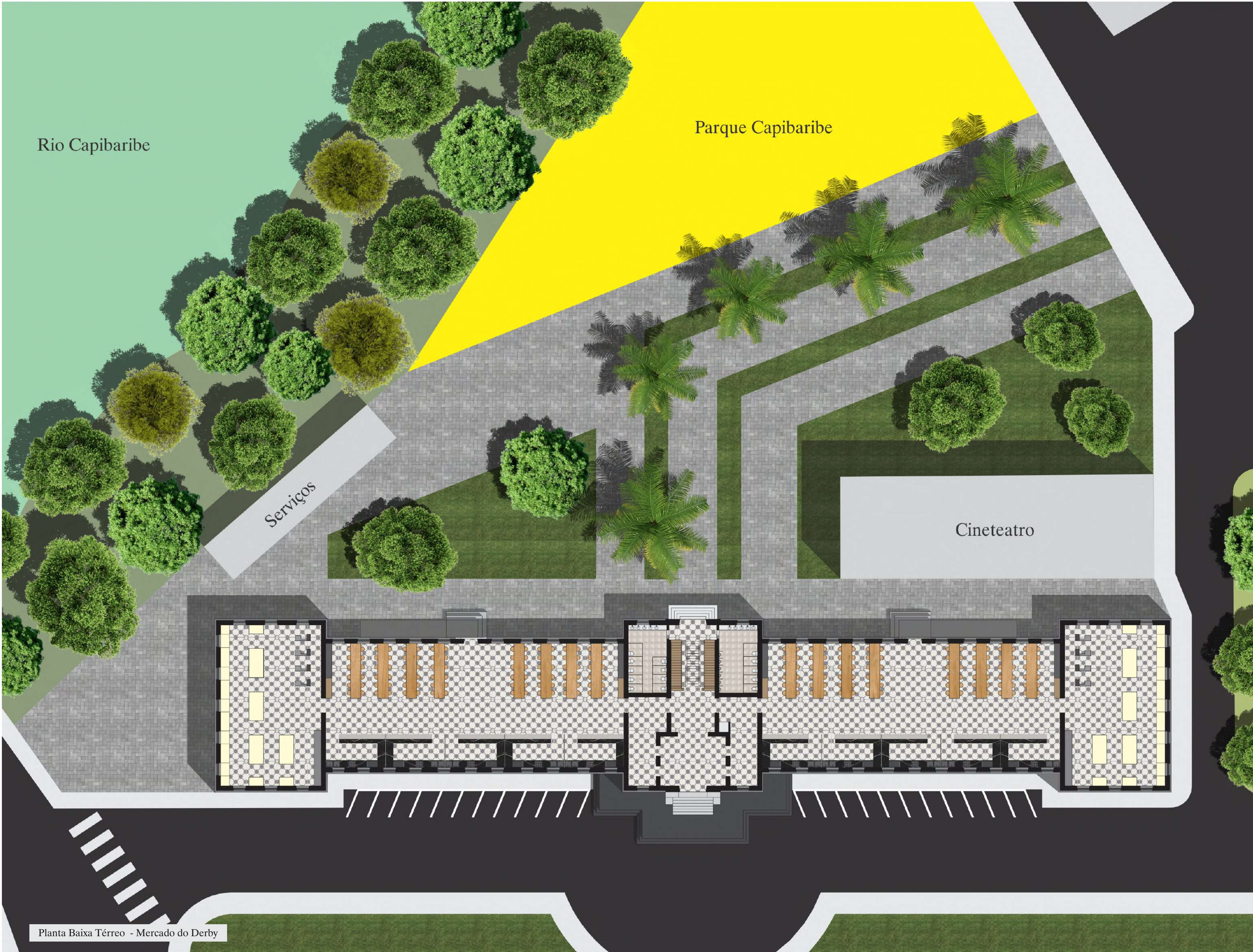
Planta Baixa Térreo - Mercado do Derby



Planta Baixa 1º Pavimento - Mercado do Derby



Planta Baixa 2º Pavimento - Mercado do Derby



Planta Baixa Térreo - Mercado do Derby



Mercado do Derby
Recife - PE

Faculdade Damas
Arquitetura e Urbanismo
Requalificação Arquitetônica
do Quartel do Derby
Trabalho de Graduação II
Arquitetura e Urbanismo
Bruno Pascal Monteiro



Fachada Leste



Fachada Sul



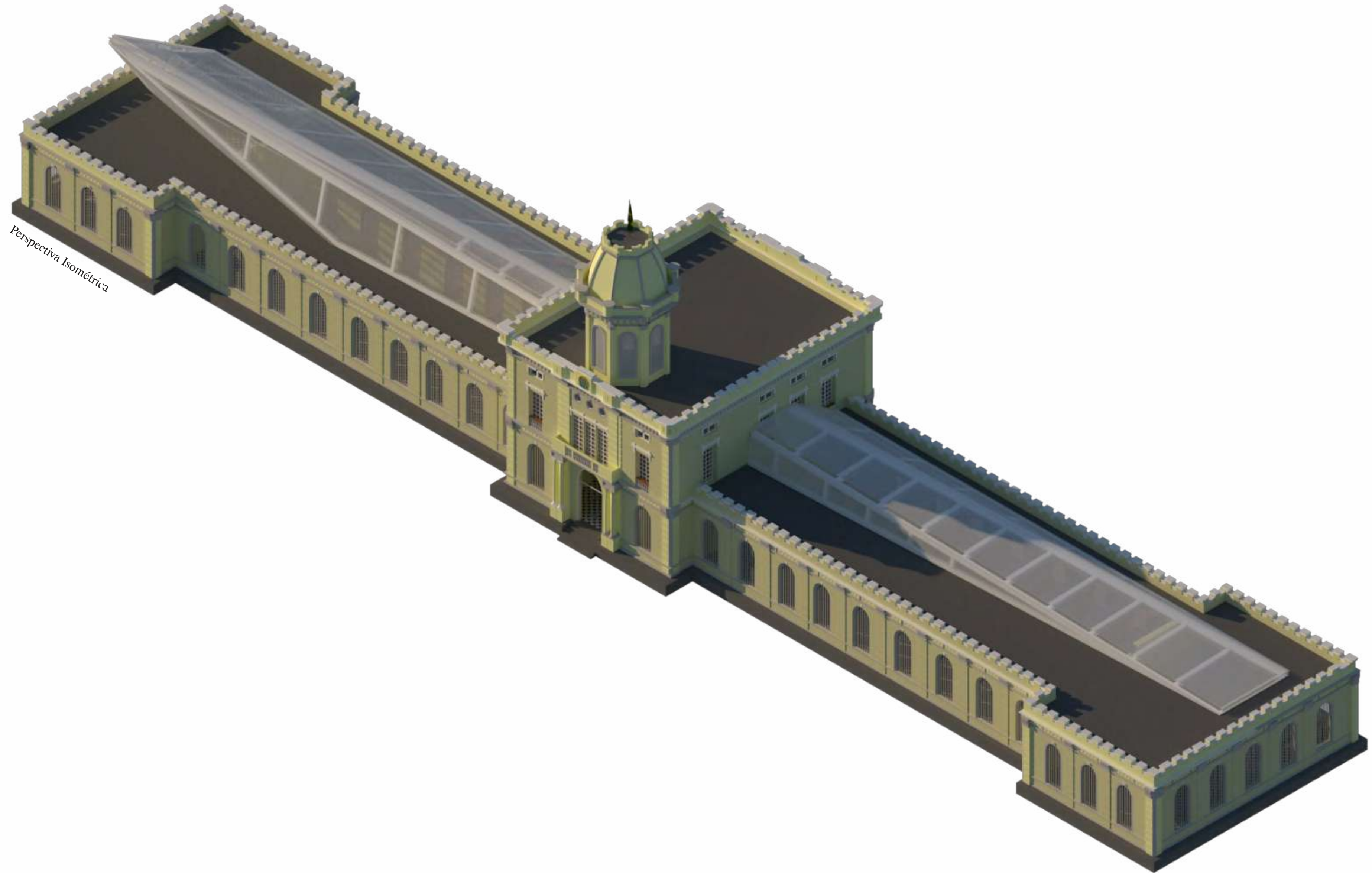
Fachada Norte



Fachada Oeste

Mercado do Derby
Recife - PE

Faculdade Damas
Arquitetura e Urbanismo
Requalificação Arquitetônica
do Quartel do Derby
Trabalho de Graduação II
Arquitetura e Urbanismo
Bruno Pascal Monteiro



Perspectiva Isométrica

Mercado do Derby
Recife - PE

Faculdade Damas
Arquitetura e Urbanismo
Requalificação Arquitetônica
do Quartel do Derby
Trabalho de Graduação II
Arquitetura e Urbanismo
Bruno Pascal Monteiro



Vista frontal - Fachada Leste

Mercado do Derby
Recife - PE

Faculdade Damas
Arquitetura e Urbanismo
Requalificação Arquitetônica
do Quartel do Derby
Trabalho de Graduação II
Arquitetura e Urbanismo
Bruno Pascal Monteiro



Mercado do Derby
Recife - PE

Faculdade Damas
Arquitetura e Urbanismo
Requalificação Arquitetônica
do Quartel do Derby
Trabalho de Graduação II
Arquitetura e Urbanismo
Bruno Pascal Monteiro

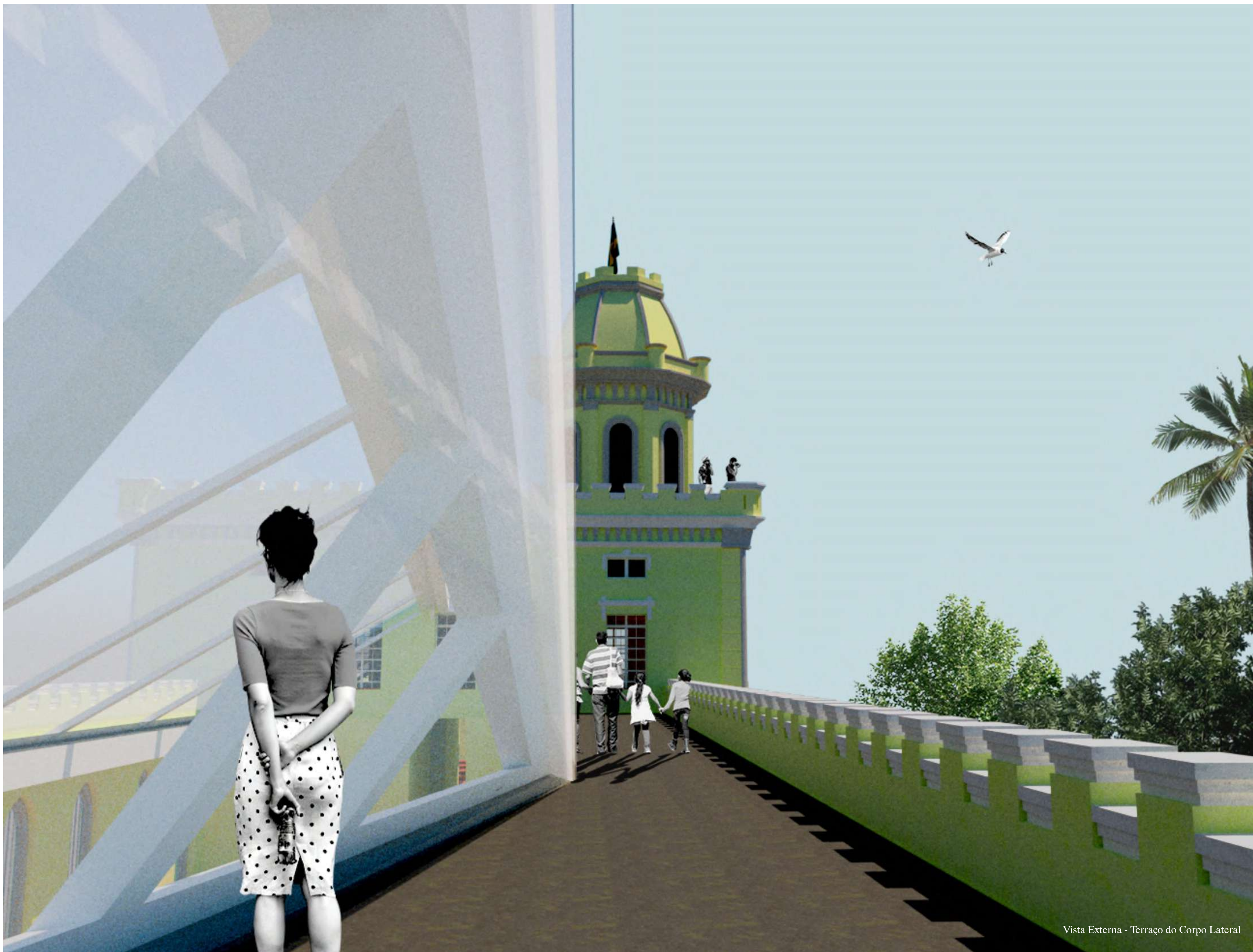
Vista Interna Restaurantes



Mercado do Derby
Recife - PE

Faculdade Damas
Arquitetura e Urbanismo
Requalificação Arquitetônica
do Quartel do Derby
Trabalho de Graduação II
Arquitetura e Urbanismo
Bruno Pascal Monteiro

Vista Interna - Janela do 1º Pavimento



Vista Externa - Terraço do Corpo Lateral

Mercado do Derby
Recife - PE

Faculdade Damas
Arquitetura e Urbanismo
Requalificação Arquitetônica
do Quartel do Derby
Trabalho de Graduação II
Arquitetura e Urbanismo
Bruno Pascal Monteiro



Mercado do Derby
Recife - PE

Faculdade Damas
Arquitetura e Urbanismo
Requalificação Arquitetônica
do Quartel do Derby
Trabalho de Graduação II
Arquitetura e Urbanismo
Bruno Pascal Monteiro

Vista frontal - Fachada Leste



Vista Externa - Terraço do Corpo Lateral

Mercado do Derby
Recife - PE

Faculdade Damas
Arquitetura e Urbanismo
Requalificação Arquitetônica
do Quartel do Derby
Trabalho de Graduação II
Arquitetura e Urbanismo
Bruno Pascal Monteiro



Mercado do Derby
Recife - PE

Faculdade Damas
Arquitetura e Urbanismo
Requalificação Arquitetônica
do Quartel do Derby
Trabalho de Graduação II
Arquitetura e Urbanismo
Bruno Pascal Monteiro

Vista posterior - Fachada Oeste Diálogo com o Parque Capibaribe

